

Conhecendo Ruby

Aprenda de forma prática e divertida



Eustáquio Rangel

Conhecendo Ruby

Eustáquio Rangel de Oliveira Jr.

Esse livro está à venda em <http://leanpub.com/conhecendo-ruby>

Essa versão foi publicada em 2017-07-23



Esse é um livro [Leanpub](#). A Leanpub dá poderes aos autores e editores a partir do processo de Publicação Lean. [Publicação Lean](#) é a ação de publicar um ebook em desenvolvimento com ferramentas leves e muitas iterações para conseguir feedbacks dos leitores, pivotar até que você tenha o livro ideal e então conseguir tração.

© 2006-2013 Eustáquio Rangel de Oliveira Jr.

Tweet Sobre Esse Livro!

Por favor ajude Eustáquio Rangel de Oliveira Jr. a divulgar esse livro no [Twitter](#)!

O tweet sugerido para esse livro é:

[Acabei de comprar/fazer download do ebook "Conhecendo Ruby", do @taq. :-\)](#)

A hashtag sugerida para esse livro é [#ruby](#).

Descubra o que as outras pessoas estão falando sobre esse livro clicando nesse link para buscar a hashtag no Twitter:

<https://twitter.com/search?q=#ruby>

Dedicado a minha filha, a luz da minha vida.

Conteúdo

Sobre esse livro	2
Ruby	3
O que é Ruby?	3
Instalando Ruby	3
Ubuntu	3
OSX	4
RVM	4
Instalando um interpretador Ruby	7
Básico da linguagem	10
Tipagem dinâmica	10
Tipagem forte	12
Tipos básicos	13
Fixnums	13
Bignums	16
Ponto flutuante	17
Racionais	18
Booleanos	19
Nulos	19
Strings	20
Substrings	21
Concatenando Strings	22
Encoding	23
Variáveis são referências na memória	24
Congelando objetos	25
Alguns métodos e truques com Strings	27
Símbolos	27
Expressões regulares	28
Grupos	30
Grupos nomeados	31
Caracteres acentuados	32
Arrays	32
Duck Typing	36
Ranges	37
Hashes	38

CONTEÚDO

Blocos de código	41
Conversões de tipos	42
Conversões de bases	42
Tratamento de exceções	43
Disparando exceções	46
Descobrimos a exceção anterior	46
Criando nossas próprias exceções	47
Comparando exceções	48
Utilizando catch e throw	48
Estruturas de controle	49
Condicionais	49
if	49
unless	50
case	51
Loops	53
while	54
for	54
until	56
Operadores lógicos	56
Procs e lambdas	58
Iteradores	62
Selecionando elementos	64
Selecionando os elementos que não atendem uma condição	65
Processando e alterando os elementos	65
Detectando condição em todos os elementos	65
Detectando se algum elemento atende uma condição	65
Detectar e retornar o primeiro elemento que atende uma condição	66
Detectando os valores máximo e mínimo	66
Acumulando os elementos	68
Dividir a coleção em dois Arrays obedecendo uma condição	69
Percorrendo os elementos com os índices	69
Ordenando uma coleção	69
Combinando elementos	70
Percorrendo valores para cima e para baixo	71
Filtrando com o grep	72
Inspeccionando no encadeamento de métodos	73
Métodos	73
Retornando valores	74
Enviando valores	74
Enviando e processando blocos e Procs	77
Valores são transmitidos por referência	78
Interceptando exceções direto no método	78
Métodos destrutivos e predicados	80
Classes e objetos	83

CONTEÚDO

Classes abertas	90
Navegação segura	91
Aliases	92
Inserindo e removendo métodos	93
Metaclasses	94
Variáveis de classe	97
Interfaces fluentes	100
Variáveis de instância de classe	101
Herança	103
Duplicando de modo raso e profundo	108
Brincando com métodos dinâmicos e hooks	113
Manipulando métodos que se parecem com operadores	115
Executando blocos em instâncias de objetos	120
Closures	121
Módulos	122
Mixins	122
Módulos estendendo a si mesmos!	130
Namespaces	131
TracePoint	133
Instalando pacotes novos através do RubyGems	137
Threads	145
Fibers	156
Continuations	163
Processos em paralelo	165
Benchmarks	171
Entrada e saída	173
Arquivos	173
Arquivos Zip	176
XML	178
XSLT	182
JSON	184
YAML	185
TCP	187
UDP	191
SMTP	192
FTP	193
POP3	194
HTTP	195
HTTPS	197

CONTEÚDO

SSH	198
Processos do sistema operacional	199
Backticks	200
System	200
Exec	201
IO.popen	201
Open3	201
XML-RPC	203
Python	204
PHP	204
Java	206
JRuby	208
Utilizando classes do Java de dentro do Ruby	209
Usando classes do Ruby dentro do Java	212
Banco de dados	213
Abrindo a conexão	213
Consultas que não retornam dados	214
Atualizando um registro	214
Apagando um registro	215
Consultas que retornam dados	215
Comandos preparados	217
Metadados	217
ActiveRecord	218
Escrevendo extensões para Ruby, em C	220
Utilizando bibliotecas externas	226
Escrevendo o código em C da lib	226
Utilizando a lib compartilhada	227
Garbage collector	229
Isso não é um livro de C mas	230
Isso ainda não é um livro de C, mas	231
Pequeno detalhe: nem toda String usa malloc/free	233
Unit testing	236
Modernizando os testes	240
Randomizando os testes	241
Testando com specs	241
Benchmarks	243
Mocks	244
Stubs	245
Expectations	245
Testes automáticos	248

CONTEÚDO

Criando Gems	249
Criando a gem	249
Testando a gem	252
Construindo a gem	253
Publicando a gem	254
Extraindo uma gem	255
Assinando uma gem	255
Criando um certificado	255
Adaptando a gem para usar o certificado	256
Construindo e publicando a gem assinada	257
Utilizando a gem assinada	257
Rake	259
Definindo uma tarefa	259
Namespaces	260
Tarefas dependentes	261
Executando tarefas em outros programas	263
Arquivos diferentes	263
Tarefas com nomes de arquivo	265
Tarefas com listas de arquivos	266
Regras	268
Estendendo	270
Gerando documentação	273
Desafios	280
Desafio 1	280
Desafio 2	280
Desafio 3	280
Desafio 4	280
Desafio 5	280
Desafio 6	281
Desafio 7	281

Copyright © 2016 Eustáquio Rangel de Oliveira Jr.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em bancos de dados ou transmitida sob qualquer forma ou meio, seja eletrônico, eletrostático, mecânico, por fotocópia, gravação, mídia magnética ou algum outro modo, sem permissão por escrito do detentor do copyright.

Sobre esse livro

O conteúdo que você tem agora nas mãos é a evolução do meu conhecido “Tutorial de Ruby”, lançado em Janeiro de 2005, que se transformou em 2006 no primeiro livro de Ruby do Brasil, “[Ruby - Conhecendo a Linguagem](#)”¹, da Editora Brasport, cujas cópias se esgotaram e, como não vai ser reimpresso, resolvi atualizar e lançar material nos formatos de *ebook* que agora você tem em mãos.

Quando comecei a divulgar Ruby aqui no Brasil, seja pela internet, seja por palestras em várias cidades, eram poucas pessoas que divulgavam e a linguagem era bem desconhecida, e mesmo hoje, vários anos após ela pegar tração principalmente liderada pela popularidade do *framework* [Rails](#)², que sem sombra de dúvidas foi o principal catalizador da linguagem, ainda continua desconhecida de grande parte das pessoas envolvidas ou começando com desenvolvimento de sistemas, especialmente a molecada que está começando a estudar agora em faculdades.

Como eu sou mais teimoso que uma mula, ainda continuo promovendo a linguagem por aí, disponibilizando esse material para estudos, não por causa do tutorial, do livro ou coisa do tipo, mas porque ainda considero a linguagem *muito boa*, ainda mais com toda a evolução que houve em todos esses anos, em que saímos de uma performance mais sofrível (mas, mesmo assim, utilizável) nas versões 1.8.x até os avanços das versões 1.9.x e agora, as 2.x.

Espero que o material que você tem em mãos sirva para instigar você a conhecer mais sobre a linguagem (aqui não tem nem de longe tudo o que ela disponibiliza) e a conhecer as ferramentas feitas com ela. É uma leitura direta e descontraída, bem direto ao ponto. Em alguns momentos eu forneço alguns “ganchos” para alguma coisa mais avançada do que o escopo atual, e até mostro algumas, mas no geral, espero que seja conteúdo de fácil digestão.

Durante o livro, faço alguns “desafios”, que tem a sua resposta no final do livro. Tentem fazer sem colar! :-)

Esse material também serve como base para os [treinamentos de Ruby on Rails que ministramos na minha empresa](#)³, a [Bluefish](#)⁴. Se precisar de cursos de Ruby on Rails, seja na nossa empresa, seja *in-company*, ou precisar de consultoria em projetos que utilizam essa ferramenta, entre em contato conosco através de contato@bluefish.com.br.

Um grande abraço!

¹http://books.google.com.br/books?id=rinKvq_oOpkC&redir_esc=y

²<http://rubyonrails.org/>

³<http://www.bluefish.com.br/curso-ruby-on-rails>

⁴<http://www.bluefish.com.br/>

Ruby

O que é Ruby?

Usando uma pequena descrição encontrada na web, podemos dizer que:

“Ruby é uma linguagem de programação interpretada multiparadigma, de tipagem dinâmica e forte, com gerenciamento de memória automático, originalmente planejada e desenvolvida no Japão em 1995, por Yukihiro “Matz”Matsumoto, para ser usada como linguagem de script. Matz queria uma linguagem de script que fosse mais poderosa do que Perl, e mais orientada a objetos do que Python. Ruby suporta programação funcional, orientada a objetos, imperativa e reflexiva.

Foi inspirada principalmente por Python, Perl, Smalltalk, Eiffel, Ada e Lisp, sendo muito similar em vários aspectos a Python.

A implementação padrão é escrita em C, como uma linguagem de programação de único passe. Não há qualquer especificação da linguagem, assim a implementação original é considerada de fato uma referência. Atualmente, há várias implementações alternativas da linguagem, incluindo YARV, JRuby, Rubinius, IronRuby, MacRuby e HotRuby, cada qual com uma abordagem diferente, com IronRuby, JRuby e MacRuby fornecendo compilação Just-In-Time e, JRuby e MacRuby também fornecendo compilação Ahead-Of-Time.

A série 1.9 usa YARV (Yet Another Ruby VirtualMachine), como também a 2.0, substituindo a mais lenta Ruby MRI (Matz’s Ruby Interpreter).”

Fonte: Wikipedia

Instalando Ruby

A instalação pode ser feita de várias maneiras, em diferentes sistemas operacionais, desde pacotes específicos para o sistema operacional, scripts de configuração ou através do download, compilação e instalação do código-fonte. Abaixo vão algumas dicas, mas não execute nenhuma delas pois vamos fazer a instalação de uma maneira diferente e mais moderna e prática.

Ubuntu

Se você está usando o Ubuntu, pode instalá-la com os pacotes nativos do sistema operacional:

```
1 $ sudo apt-get install ruby<versao>
```

OSX

Para instalá-la no OSX, pode utilizar o MacPorts:

```
1 $ port install ruby
```

E até no Windows tem um instalador automático. Mais detalhes para esse tipo de instalação podem ser conferidas [no site oficial da linguagem](#)⁵. Particularmente eu não recomendo utilizar a linguagem no Windows, aí vai de cada um, mas já aviso que vão arrumar sarna para se coçarem.

RVM

Vamos instalar Ruby utilizando a [RVM - Ruby Version Manager](#)⁶, que é uma ferramenta de linha de comando que nos permite instalar, gerenciar e trabalhar com múltiplos ambientes Ruby, de interpretadores até conjunto de *gems*. Como alternativa ao RVM, temos também a [rbenv](#)⁷. Vamos utilizar a RVM, mas se mais tarde vocês quiserem investigar a *rbenv*, fiquem à vontade pois o comportamento é similar.

A instalação da RVM é feita em ambientes que tem o *shell bash* (por isso ela **não está disponível para Windows**, nesse caso, verifique a ferramenta [pik](#)⁸), sendo necessário apenas abrir um terminal rodando esse *shell* e executar:

```
1 $ curl -L https://get.rvm.io | bash
```

Isso irá gerar um diretório em nosso *home* (abreviado a partir de agora como *~*) parecida com essa:

```
1 $ ls .rvm
2 total 92K
3 .
4 ..
5 archives
6 bin
7 config
8 environments
9 examples
10 gems
11 gemsets
12 help
```

⁵<http://www.ruby-lang.org/pt/downloads/>

⁶<https://rvm.io/>

⁷<https://github.com/sstephenson/rbenv>

⁸<https://github.com/vertiginous/pik/>

```
13  lib
14  LICENCE
15  log
16  patches
17  README
18  rubies
19  scripts
20  src
21  tmp
22  wrappers
```

e também com o diretório de gems:

```
1  $ ls .gem
2  total 28K
3  .
4  ..
5  credentials
6  ruby
7  specs
```

Após a instalação, **dependendo da versão da RVM que foi instalada**, temos que inserir o comando **rvm** no *path*, adicionando no final do arquivo `~/.bashrc` (ou, dependendo da sua distribuição Linux, no `~/.bash_profile`):

```
1  echo '[[ -s "$HOME/.rvm/scripts/rvm" ]] && . "$HOME/.rvm/scripts/rvm"' >> ~\
2  /.bashrc
```

Talvez na versão corrente, isso não seja mais necessário. Mas para confirmar se é necessário ou se a RVM já se encontra corretamente configurada e instalada, podemos executar os seguintes comandos:

```
1  $ type rvm | head -n1
2  rvm é uma função
3  $ rvm -v
4  rvm 1.27.0 (master) by Wayne E. Seguin <wayneesequin@gmail.com>, Michal Pap\
5  is <mpapis@gmail.com> [https://rvm.io/]
```

E **dependendo da versão da RVM instalada**, devemos verificar quais são as notas para o ambiente que estamos instalando a RVM, que no caso do Ubuntu vai retornar:

```
1  $ rvm notes
2  Notes for Linux ( DISTRIB_ID=Ubuntu
3  DISTRIB_RELEASE=11.04
4  DISTRIB_CODENAME=natty
5  DISTRIB_DESCRIPTION="Ubuntu 11.04" )
6
7  # NOTE: MRI stands for Matz's Ruby Interpreter (1.8.X, 1.9.X),
8  # ree stands for Ruby Enterprise Edition and rbx stands for Rubinius.
9
10 # curl is required.
11 # git is required.
12 # patch is required (for ree, some ruby head's).
13
14 # If you wish to install rbx and/or any MRI head (eg. 1.9.2-head)
15 # then you must install and use rvm 1.8.7 first.
16 # If you wish to have the 'pretty colors' again,
17 # set 'export rvm_pretty_print_flag=1' in ~/.rvmrc.
18 dependencies:
19
20 # For RVM
21 rvm: bash curl git
22
23 # For JRuby (if you wish to use it) you will need:
24 jruby: aptitude install curl sun-java6-bin sun-java6-jre
25 sun-java6-jdk
26
27 # For MRI & ree (if you wish to use it) you will need
28 # (depending on what you # are installing):
29 ruby: aptitude install build-essential bison openssl libreadline5
30 libreadline-dev curl git zlib1g zlib1g-dev libssl-dev libsqlite3-0
31 libsqlite3-dev sqlite3 libxml2-dev
32 ruby-head: git subversion autoconf
33 # For IronRuby (if you wish to use it) you will need:
34 ironruby: aptitude install curl mono-2.0-devel
```

No caso do Ubuntu e da versão retornar esse tipo de informação, devemos executar a seguinte linha recomendada, em um terminal:

```
1  $ sudo aptitude install build-essential bison openssl libreadline5
2  libreadline-dev curl git zlib1g zlib1g-dev libssl-dev libsqlite3-0
3  libsqlite3-dev sqlite3 libxml2-dev
```

Desse modo, satisfazemos todas as ferramentas necessárias para utilizar a RVM. Apesar dela citar nas instruções o aptitude, podemos usar sem problemas o apt-get.

Nas últimas versões da RVM, executando

```
1 $ rvm requirements
```

vão ser instaladas as dependências necessárias, talvez requisitando acesso à mais permissões utilizando o `sudo`.

Instalando um interpretador Ruby

Após instalar a RVM e suas dependências, agora é hora de instalarmos um interpretador Ruby. Vamos utilizar a versão mais atual. Para verificar qual é, visitem a [página de downloads da linguagem](https://www.ruby-lang.org/pt/downloads/)⁹ e verifiquem qual é a versão estável, ou executem esse comando no terminal (levando em conta que já esteja instalado o utilitário `curl`, que é ferramenta essencial hoje em dia):

```
1 curl https://www.ruby-lang.org/pt/downloads/ 2> /dev/null | grep -o "Ruby [\
2 0-9].[0-9].[0-9]" | sort | uniq | tail -n1
3 Ruby 2.3.1
```

Ali vimos que a última versão reconhecida (no momento em que estou escrevendo esse texto) é a 2.3.1.



Ferramentas extras

Ali acima eu utilizei alguns recursos de *shell scripting* para automatizar o processo de recuperar a versão mais recente estável da linguagem. Aprender *shell scripting* é uma coisa muito interessante hoje em dia pois as ferramentas disponíveis em um terminal (que ainda assusta muita gente adepta do “next-next-finish”) são imensamente poderosas e podem economizar muito tempo gasto fazendo de outra maneira.

“Malditos sejam, ó Terra e Mar

Pois o Demônio manda a besta com fúria

Porque ele sabe que o tempo é curto

Deixe aquele que ousa tentar entender o número da besta

Pois ele é um número humano

E seu número é ... *next next finish!*”

Levando em conta que `<versão>` é a última versão que encontramos acima, podemos executar no terminal:

⁹<https://www.ruby-lang.org/pt/downloads/>


```
1 $ rvm install <versão>
2 Installing Ruby from source to:
3 /home/taq/.rvm/rubies/ruby-<versão>
4 this may take a while depending on your cpu(s)...
5 #fetching
6 #downloading ruby-<versão>, this may
7 take a while depending on your connection...
8 ...
```

Após instalado, temos que ativar a versão na RVM e verificar se ficou ok, digitando o comando `rvm` seguido do número da versão para ativá-la, o que pode ser conferido logo depois com o comando `ruby -v`:

```
1 $ rvm <versão>
2 $ ruby -v
3 ruby <versão> [i686-linux]
```

Uma coisa que enche o saco é ficar toda santa hora indicando qual a versão que queremos rodar. Para evitar isso, vamos deixar a versão instalada como a padrão do sistema:

```
1 $ rvm use <versão> --default
2 Using /home/taq/.rvm/gems/ruby-<versão>
```

Outra opção para gerenciar qual versão está ativa, é criar um arquivo chamado `.ruby-version`, com o número da versão que queremos ativar:

```
1 echo <versão> > .ruby-version
2 $ cat .ruby-version
3 <versão>
```

Importante notar que **essa versão vai ser ativada somente quando navegarmos para o diretório onde o arquivo se encontra**. Ou seja, toda vez que utilizamos, por exemplo, o comando `cd` para irmos para o diretório onde o arquivo se encontra, a versão especificada vai ser ativada.



A partir da versão 2.1, começou a ser empregado o [versionamento semântico](http://semver.org/)¹⁰, onde é adotado o esquema de MAIOR.MENOR.AJUSTE no número da versão, sendo:

```
1 - Maior (major) - existem incompatibilidades de API
2 - Menor (minor) - adicionadas funcionalidades de modo compatível com versões\
3 s anteriores
4 - Ajuste (patch) - correções de bugs de modo compatível com versões anterio\
5 res
```

¹⁰<http://semver.org/>

Com tudo instalado e configurado, podemos prosseguir.



Várias versões, vários interpretadores

Convenhamos, não é toda linguagem por aí que permite instalar várias *versões* e vários *interpretadores* da linguagem e permitem alterar entre elas de maneira prática. Algumas são tão complicadas em fazer isso que parecem CMB (Coisa da Maria Barbuda). Usando uma ferramenta como a RVM (e similares) permitem uma facilidade em lidar com seus projetos tanto de versões legadas e muito antigas como projetos de ponta utilizando as versões mais recentes e talvez ainda nem liberadas como estáveis.

Básico da linguagem

Vamos conhecer agora alguns dos recursos, características, tipos e estruturas básicas da linguagem. Eu sempre cito em palestras e treinamentos uma frase do [Alan Perlis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alan_Perlis)¹¹, que é:

A language that doesn't affect the way you think about programming, is not worth knowing.

Ou, traduzindo:

Não compensa aprender uma linguagem que não afeta o jeito que você pensa sobre programação.

O que vamos ver (pelo menos é a minha intenção) é o que Ruby tem de diferente para valer a pena ser estudada. Não vamos ver só como os `if`'s e `while`'s são diferentes, mas sim meios de fazer determinadas coisas em que você vai se perguntar, no final, “por que a minha linguagem preferida X não faz isso dessa maneira?”.

Tipagem dinâmica

Ruby é uma linguagem de tipagem dinâmica. Como mencionado na Wikipedia:

Tipagem dinâmica é uma característica de determinadas linguagens de programação, que não exigem declarações de tipos de dados, pois são capazes de escolher que tipo utilizar dinamicamente para cada variável, podendo alterá-lo durante a compilação ou a execução do programa.

Algumas das linguagens mais conhecidas a utilizarem tipagem dinâmica são: Python, Ruby, PHP e Lisp. A tipagem dinâmica contrasta com a tipagem estática, que exige a declaração de quais dados poderão ser associados a cada variável antes de sua utilização. Na prática, isso significa que:

¹¹http://pt.wikipedia.org/wiki/Alan_Perlis

```
1 > v = "teste"
2
3 > v.class
4 => String
5
6 > v = 1
7
8 > v.class
9 => Fixnum
```

Pudemos ver que a variável ¹² `v` pode assumir como valor tanto uma `String` como um número (que nesse caso, é um `Fixnum` - mais sobre classes mais adiante), ao passo que, em uma linguagem de tipagem estática, como Java, isso não seria possível, com o **compilador** já não nos deixando prosseguir:

Estatica.java

```
1 public class Estatica {
2     public static void main(String args[]) {
3         String v = "teste";
4         System.out.println(v);
5         v = 1;
6     }
7 }
```

Tentando compilar:

```
1 $ javac Estatica.java
2 Estatica.java:5: incompatible types
3 found   : int
4 required: java.lang.String
5 v = 1;
6 ^
7 1 error
```

¹²Variáveis são referências para áreas da memória



Performance, segurança, etc.

Existe alguma discussão que linguagens com tipagem estática oferecem mais “segurança”, para o programador, pois, como no caso acima, o compilador executa uma crítica no código e nos aponta se existe algum erro. Particularmente, eu acredito que hoje em dia é delegada muita coisa desse tipo para os compiladores e ferramentas do tipo, removendo um pouco de preocupação do programador, sendo que também não adianta checar tipos se no final o comportamento do seu código pode não corresponder com o que é necessário dele, que é o cerne da questão. Nesse caso, prefiro utilizar metodologias como *Test Driven Development*, que vamos dar uma breve olhada mais para o final do livro, para garantir que o software esteja de acordo com o que esperamos dele.

Também existe a questão de performance, que o código compilado é muito mais rápido que o interpretado. Ruby melhorou **muito** na questão de performance nas versões 1.9 e 2.x, não a ponto de bater código compilado e *linkado* para a plataforma em que roda, mas hoje em dia a não ser que o seu aplicativo exija **muita** performance, isso não é mais um problema. Inclusive, podemos até rodar código Ruby na VM do Java, como veremos mais adiante com o uso de JRuby, e utilizar algumas técnicas que vão deixar Ruby dezenas de vezes mais rápida que Java, onde a implementação da mesma técnica seria dezenas de vezes mais complicada.

Tipagem forte

Ruby também tem tipagem forte. Segundo a Wikipedia:

Linguagens implementadas com tipos de dados fortes, tais como Java e Pascal, exigem que o tipo de dado de um valor seja do mesmo tipo da variável ao qual este valor será atribuído.

Isso significa que:

```
1 > i = 1
2 > s = "oi"
3 > puts i+s
4 => TypeError: String can't be coerced into Fixnum
```

Enquanto em uma linguagem como PHP, temos tipagem fraca:

tipagem_fraca.php

```
1 <?php
2 $i = 1;
3 $s = "oi";
4 print $i + $s;
5 ?>
```

Rodando isso, resulta em:

```
1 $ php tipagem_fraca.php
2 1
```

Tipos básicos

Não temos primitivos em Ruby, somente abstratos, onde todos exibem comportamento de objetos. Temos números inteiros e de ponto flutuante, onde podemos dividir os inteiros em `Fixnums` e `Bignums`, que são diferentes somente pelo tamanho do número, sendo convertidos automaticamente. A partir da versão 2.4 de Ruby, os inteiros foram convertidos em `Integer`, facilitando em um nível mais alto e mantendo o comportamento anterior em um nível mais baixo, se necessário identificar qual o tipo exato. Vamos ver alguns deles agora.

Fixnums

Para ver como é a implementação até **antes** das versões 2.4.x da linguagem, tudo o que estiver relacionado com `Fixnums` e `Bignums` nessa seção vai estar sendo executado em versões anteriores da 2.4.x. Se você estiver utilizando a 2.4.x ou maior (sendo que a 2.4 tem a data de liberação como 25/12/2016, sempre temos uma versão nova no Natal, ho-ho-ho), pode abstrair ambos os tipos como `Integers`.

Os `Fixnums` são números inteiros de 31 bits de comprimento (ou 1 *word* do processador menos 1 bit), usando 1 bit para armazenar o sinal e 1 bit para indicar que a referência corrente é um `Fixnum` (mais sobre isso logo abaixo, mencionando *immediate values*), resultando em um valor máximo de armazenamento, para máquinas de 32 bits, de 30 bits, ou seja:

```
1 > (2**30)-1
2 => 1073741823
3
4 > ((2**30)-1).class
5 => Fixnum
```

Em máquinas com 64 bits:

```
1 > ((2**62)-1)
2 => 4611686018427387903
3
4 > ((2**62)-1).class
5 => Fixnum
```

Vamos testar isso no IRB, o interpretador de comandos do Ruby. Para acionar o IRB, abra um emulador de terminal e digite:

```
1 $ irb
2 > (2**30)-1
3 => 1073741823
4
5 > ((2**30)-1).class
6 => Fixnum
```



Dica

Podemos descobrir o tipo de objeto que uma variável aponta utilizando o método `class`, como no exemplo acima.



Dica

A representação de código sendo executado no IRB vai ser a seguinte:

```
1 > prompt de comando, onde o código vai ser digitado e executado apertando `\  
2 enter`  
3 => resultado do código executado
```

Quando for encontrado um cifrão (\$), significa que o código deve ser rodado no **terminal do sistema operacional**, como no exemplo:

```
1 $ ruby teste.rb
```

Os `Fixnums` tem características interessantes que ajudam na sua manipulação mais rápida pela linguagem, que os definem como `immediate values`, que são tipos de dados apontados por variáveis que armazenam seus valores na própria referência e não em um objeto que teve memória alocada para ser utilizado, agilizando bastante o seu uso. Para verificar isso vamos utilizar o método `object_id`.



Dica

Todo objeto em Ruby pode ser identificado pelo seu `object_id`.

Por exemplo:

```
1 > n = 1234
2 => 1234
3
4 > n.object_id
5 => 2469
6
7 > n.object_id >> 1
8 => 1234
```

Também podemos notar que esse comportamento é sólido verificando que o `object_id` de várias variáveis apontando para um mesmo valor continua sendo o mesmo:

```
1 > n1 = 1234
2 => 1234
3
4 > n2 = 1234
5 => 1234
6
7 > n1.object_id
8 => 2469
9
10 > n2.object_id
11 => 2469
```

Os Fixnums, como `immediate values`, também tem também uma característica que permite identificá-los entre os outros objetos rapidamente através de uma operação de `and` lógico, onde é verificado justamente o último bit, que é um dos 2 utilizados para controle, como explicado anteriormente:

```
1 > n = 1234
2 => 1234
3
4 > n.object_id & 0x1
5 => 1
```

Isso nos mostra um comportamento interessante: qualquer variável que aponta para um objeto ou algo como um `Fixnum` ou `immediate value`, que apesar de carregar o seu próprio valor e ser bem *light weight*, ainda mantém características onde podem ter acessados os seus métodos como qualquer outro tipo na linguagem. Olhem, por exemplo, o número 1 (e qualquer outro número):


```

1  > 1.methods
2
3  => [:to_s, :-, :, :-, :, :, :div, :, :modulo, :divmod, :fdiv, :,
4  :abs, :magnitude, :, :, :=>, :, :, :, :, :, :[], :, :, :to_f,
5  :size, :zero?, :odd?, :even?, :succ, :integer?, :upto, :downto, :times,
6  :next, :pred, :chr, :ord, :to_i, :to_int, :floor, :ceil, :truncate,
7  :round, :gcd, :lcm, :gcdlcm, :numerator, :denominator, :to_r,
8  :rationalize, :singleton_method_added, :coerce, :i, :, :eql?, :quo,
9  :remainder, :real?, :nonzero?, :step, :to_c, :real, :imaginary,
10 :imag, :abs2, :arg, :angle, :phase, :rectangular, :rect,
11 :polar, :conjugate, :conj, :pretty_print_cycle, :pretty_print,
12 :between?, :po, :poc, :pretty_print_instance_variables,
13 :pretty_print_inspect, :nil?, :, :!, :hash, :class, :singleton_class,
14 :clone, :dup, :initialize_dup, :initialize_clone, :taint, :tainted?,
15 :untaint, :untrust, :untrusted?, :trust, :freeze, :frozen?, :inspect,
16 :methods, :singleton_methods, :protected_methods, :private_methods,
17 :public_methods, :instance_variables, :instance_variable_get,
18 :instance_variable_set, :instance_variable_defined?, :instance_of?,
19 :kind_of?, :is_a?, :tap, :send, :public_send, :respond_to?,
20 :respond_to_missing?, :extend, :display, :method, :public_method,
21 :define_singleton_method, :__id__, :object_id, :to_enum, :enum_for,
22 :pretty_inspect, :ri, :equal?, :!, :!, :instance_eval,
23 :instance_exec, :__send__]
```

No exemplo acima, estamos vendo os métodos públicos de acesso de um Fixnum. Mais sobre métodos mais tarde!

Bignums

Como vimos acima, os Fixnums tem limites nos seus valores, dependendo da plataforma. Os Bignums são os números inteiros que excedem o limite imposto pelos Fixnums, ou seja, em um computador de 32 bits:

```

1  > (2**30)
2  => 1073741824
3
4  > (2**30).class
5  => Bignum
```

Uma coisa muito importante nesse caso, é que os Bignums **alocam memória**, diferentemente dos Fixnums e outros tipos que são `immediate values`!

Podemos ver isso criando algumas variáveis apontando para o mesmo valor de Bignum e vendo que cada uma tem um `object_id` diferente:

```

1 > b1 = (2**30)
2 => 1073741824
3
4 > b2 = (2**30)
5 => 1073741824
6
7 > b1.object_id
8 => 75098610
9
10 > b2.object_id
11 => 75095080

```

Tanto para `Fixnums` como para `Bignums`, para efeito de legibilidade, podemos escrever os números utilizando o sublinhado (`_`) como separador dos números:

```

1 > 1_234_567
2 => 1234567
3
4 > 1_234_567_890
5 => 1234567890

```



Diferenciando `Fixnums` e `Bignums` a partir das versões 2.4.x

Como vimos anteriormente, somente os `Fixnums` que são `immediate values`, então isso nos permite diferenciar dois `Integers` a partir do `and` lógico do `object_id` (agora rodando em uma máquina de 64 bits):

```

1 > ((2**62)-1).object_id & 0x1
2 => 1
3 > ((2**62)-0).object_id & 0x1
4 => 0

```

Como podemos ver, somente o primeiro que retornou 1, indicando que a representação interna do `Integer` é um `Fixnum`.



Dica

Sempre prefiram um computador com 64 bits. Agora que sabemos como funciona as internas da linguagem, temos noção que são criados bem menos `Bignums` quando a `word` do processador é maior. Tudo bem que alguns valores desses só apareceriam se a sua aplicação estivesse analisando alguns números da “Operação Lava-Jato” e algumas outras parecidas, mas vocês entenderam a idéia.

Ponto flutuante

Os números de ponto flutuante podem ser criados utilizando ... ponto, dã. Por exemplo:

```
1 > 1.23
2 => 1.23
3
4 > 1.234
5 => 1.234
```

Importante notar que os Floats **não são** immediate values:

```
1 > f1 = 1.23
2 => 1.23
3
4 > f2 = 1.23
5 => 1.23
6
7 > f1.object_id
8 => 84116780
9
10 > f2.object_id
11 => 84114210
```

Racionais

É nóis, mano.

Mando um recado lá pro meu irmão: Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão.
Ele ainda tá com aquela mina. Pode crer, moleque é gente fina.

Podemos criar racionais (não os M.C.s) utilizando explicitamente a classe `Rational`:

```
1 > Rational(1,3)
2 => (1/3)
3
4 > Rational(1,3) * 9
5 => (3/1)
```

Ou, a partir da versão 1.9 de Ruby, utilizar `to_r` em uma `String`:

```
1 > "1/3".to_r * 9
2 => (3/1)
```

**Dica**

Podemos converter um número racional para inteiro:

```
1 > (1/3.to_r * 10).to_i
2 => 3
```

Ou ponto flutuante, o que nesse caso, faz mais sentido:

```
1 > (1/3.to_r * 10).to_f
2 => 3.3333333333333335
```

Se quisermos arredondar:

```
1 > (1/3.to_r * 10).to_f.round(2)
2 => 3.33
```

Booleanos

Temos mais dois `immediate values` que são os *booleanos*, os tradicionais `true` e `false`, indicando como `object_ids`, respectivamente, 2 e 0:

```
1 > true.object_id
2 => 2
3
4 > false.object_id
5 => 0
```

Nulos

O tipo nulo em Ruby é definido como `nil`. Ele também é um `immediate value`, com o valor fixo de 4 no seu `object_id`:

```
1 > nil.object_id
2 => 4
```

Temos um método para verificar se uma variável armazena um valor `nil`, chamado `nil?`:

```
1 > v = 1
2 => 1
3
4 > v.nil?
5 => false
6
7 > v = nil
8 => nil
9
10 > v.nil?
11 => true
```

Strings

Strings são cadeias de caracteres, que podemos criar delimitando esses caracteres com aspas simples ou duplas, como por exemplo “azul” ou ‘azul’, podendo utilizar simples ou duplas dentro da outra como “o céu é ‘azul’” ou ‘o céu é “azul”’ e “*escapar*” utilizando o caracter :

```
1 > puts "o céu é 'azul'"
2 => o céu é 'azul'
3
4 > puts "o céu é \"azul\""
5 => o céu é "azul"
6
7 > puts 'o céu é "azul"'
8 => o céu é "azul"
9
10 > puts 'o céu é \'azul\''
11 => o céu é 'azul'
```

Também podemos criar Strings longas, com várias linhas, usando o conceito de heredoc, onde indicamos um terminador logo após o sinal de atribuição (igual) e dois sinais de menor (<<):

```
1 > str = <<FIM
2 criando uma String longa
3 com saltos de linha e
4 vai terminar logo abaixo.
5 FIM
6 => "criando uma String longa\ncom saltos de linha e \nvai terminar logo abaix\
7 o.\n"
```

O terminador tem que vir logo no começo da linha onde termina a String, e ser o mesmo indicado no começo. Nesse exemplo, foi utilizado o terminador FIM. Utilizar heredocs evita que façamos muitas linhas cheias de Strings uma concatenando com a outra.

Para cada String criada, vamos ter espaço alocado na memória, tendo um `object_id` distinto para cada uma:

```
1 > s1 = "ola"
2 => "ola"
3
4 > s2 = "ola"
5 => "ola"
6
7 > s1.object_id
8 => 84291220
9
10 > s2.object_id
11 => 84288510
```

Substrings

São partes de uma *String* (antes eu havia escrito “pedaços” de uma *String*, mas ficou um lance muito Tokyo Ghoul/Hannibal Lecter, então achei “partes” mais bonito). Para pegar algumas *substrings*, podemos tratar a *String* como um *Array*:

```
1 > str = "string"
2 => "string"
3
4 > str[0..2]
5 => "str"
6
7 > str[3..4]
8 => "in"
9
10 > str[4..5]
11 => "ng"
```

Podendo também usar índices negativos para recuperar as posições relativas ao final da *String*:

```
1 > str[-4..3]
2 => "ri"
3
4 > str[-5..2]
5 => "tr"
6
7 > str[-4..-3]
8 => "ri"
9
10 > str[-3..-1]
11 => "ing"
12
13 > str[-1]
```

```
14 => "g"
15
16 > str[-2]
17 => "n"
```

Ou utilizar o método `slice`, com um comportamento um pouco diferente:

```
1 > str.slice(0,2)
2 => "st"
3
4 > str.slice(3,2)
5 => "in"
```

Referenciando um caracter da `String`, temos algumas diferenças entre as versões 1.8.x e 1.9.x (ou maiores) do Ruby:

```
1 # Ruby 1.8.x
2 > str[0]
3 => 115
4
5 # Ruby 1.9.x e maiores
6 > str[0]
7 => "s"
```

Mais sobre *encodings*, logo abaixo.

Concatenando Strings

Para concatenar Strings, podemos utilizar os métodos (sim, métodos, vocês não imaginam as bruxarias que dá para fazer com métodos em Ruby, como veremos adiante!) + ou `<<`:

```
1 > nome = "Eustaquio"
2 => "Eustaquio"
3
4 > sobrenome = "Rangel"
5 => "Rangel"
6
7 > nome + " " + sobrenome
8 => "Eustaquio Rangel"
9
10 > nome.object_id
11 => 84406670
12
13 > nome << " "
```

```
14 => "Eustaquio "  
15  
16 > nome << sobrenome  
17 => "Eustaquio Rangel"  
18  
19 > nome.object_id  
20 => 84406670
```

A diferença é que `+` nos retorna um novo objeto, enquanto `<<` faz uma realocação de memória e trabalha no objeto onde o conteúdo está sendo adicionado, como demonstrado acima, sem gerar um novo objeto.

Encoding

A partir da versão 1.9 temos suporte para *encodings* diferentes para as Strings em Ruby. Nas versões menores, era retornado o valor do caracter na tabela ASCII. Utilizando um *encoding* como o UTF-8, podemos utilizar (se desejado, claro!) qualquer caracter para definir até nomes de métodos!



Dica

Para utilizarmos explicitamente um *encoding* em um arquivo de código-fonte Ruby, temos que especificar o encoding logo na primeira linha do arquivo, utilizando, por exemplo, com UTF-8:

```
1 # encoding: utf-8
```

A partir da versão 2.x, esse *comentário mágico* (*magic comment*, como é chamado) não é mais necessário se o *encoding* for UTF-8

Podemos verificar o *encoding* de uma String:

```
1 > "eustáquio".encoding  
2 => #<Encoding:UTF-8>
```

Podemos definir o *encoding* de uma String:

```
1 > "eustáquio".encode "iso-8859-1"  
2 => "eust\xE1quio"  
3  
4 > "eustáquio".encode("iso-8859-1").encoding  
5 => #<Encoding:ISO-8859-1>
```


**Novidade em Ruby 2.0**

Temos agora o método `b` que converte uma `String` para a sua representação “binária”, ou seja, em ASCII:

```
1      > "eustáquio".b
2      => "eust\xC3\xA1quio"
3      > "eustáquio".b.encoding
4      => #<Encoding:ASCII-8BIT>
```

Váriaveis são referências na memória

Em Ruby, os valores são transmitidos por referência, podendo verificar isso com `Strings`, constatando que as variáveis realmente armazenam referências na memória. Vamos notar que, se criarmos uma variável apontando para uma `String`, criamos outra apontando para a primeira (ou seja, para o mesmo local na memória) e se alterarmos a primeira, comportamento semelhante é notado na segunda variável:

```
1  > nick = "TaQ"
2  => "TaQ"
3
4  > other_nick = nick
5  => "TaQ"
6
7  > nick[0] = "S"
8  => "S"
9
10 > other_nick
11 => "SaQ"
```

Para evitarmos que esse comportamento aconteça e realmente obter dois objetos distintos, podemos utilizar o método `dup`:

```
1  > nick = "TaQ"
2  => "TaQ"
3
4  > other_nick = nick.dup
5  => "TaQ"
6
7  > nick[0] = "S"
8  => "S"
9
10 > nick
```

```
11 => "SaQ"
12
13 > other_nick
14 => "TaQ"
```

Congelando objetos

Se, por acaso quisermos que um objeto não seja modificado, podemos utilizar o método `freeze`:

```
1 > nick = "TaQ"
2 => "TaQ"
3
4 > nick.freeze
5 => "TaQ"
6
7 > nick[0] = "S"
8 RuntimeError: can't modify frozen string
```

Não temos um método *unfreeze*, mas podemos gerar uma cópia do nosso objeto “congelado” com `dup`, e assim fazer modificações nessa nova cópia:

```
1 > nick = "TaQ"
2 => "TaQ"
3
4 > nick.freeze
5 => "TaQ"
6
7 > new_nick = nick.dup
8 => "TaQ"
9
10 > new_nick[0] = "S"
11 => "SaQ"
```

Importante notar que é criada uma tabela de Strings congeladas, assim toda String congelada vai ser o mesmo objeto:

```
1    > s1 = "taq".freeze
2    => "taq"
3
4    > s1.object_id
5    => 10988480
6
7    > s2 = "taq".freeze
8    => "taq"
9
10   > s2.object_id
11   => 10988480
```

Alguns métodos e truques com Strings

```
1 > str = "tente"
2 > str["nt"] = "st" => "teste"
3 > str.size => 5
4 > str.upcase => "TESTE"
5 > str.upcase.downcase => "teste"
6 > str.sub("t","d") => "deste"
7 > str.gsub("t","d") => "desde"
8 > str.capitalize => "Desde"
9 > str.reverse => "etset"
10 > str.split("t") => ["", "es", "e"]
11 > str.scan("t") => ["t", "t"]
12 > str.scan(/^t/) => ["t"]
13 > str.scan(/.*/) => ["t", "e", "s", "t", "e"]
```

Alguns métodos acima, como `sub`, `gsub` e `scan` aceitam expressões regulares (vamos falar delas daqui a pouco) e permitem fazer algumas substituições como essa:

```
1 > "apenas um [teste]".gsub(/\[\]\[/, { "[" => "(", "]" => ")" })
2 => "apenas um (teste)"
```

Símbolos

Símbolos, antes de mais nada, são instâncias da classe `Symbol`. Podemos pensar em um símbolo como uma marca, um nome, onde o que importa não é o que contém a sua instância, mas o seu nome.

Símbolos podem se parecer com um jeito engraçado de Strings, mas devemos pensar em símbolos como significado e não como conteúdo. Quando escrevemos “azul”, podemos pensar como um conjunto de letras, mas quando escrevemos `:azul`, podemos pensar em uma marca, uma referência para alguma coisa.

Símbolos também compartilham o mesmo `object_id`, em qualquer ponto do sistema:

```
1 > :teste.class
2 => Symbol
3
4 > :teste.object_id
5 => 263928
6
7 > :teste.object_id
8 => 263928
```

Como pudemos ver, as duas referências para os símbolos compartilham o mesmo objeto, enquanto que foram alocados dois objetos para as *Strings*. Uma boa economia de memória com apenas uma ressalva: símbolos não são objetos candidatos a limpeza automática pelo *garbage collector*, ou seja, se você alocar muitos, mas muitos símbolos no seu sistema, você poderá experimentar um nada agradável esgotamento de memória que com certeza não vai trazer coisas boas para a sua aplicação, ao contrário de *Strings*, que são alocadas mas liberadas quando não estão sendo mais utilizadas.

Outra vantagem de símbolos é a sua comparação. Para comparar o conteúdo de duas *Strings*, temos que percorrer os caracteres um a um e com símbolos podemos comparar os seus `object_ids` que sempre serão os mesmos, ou seja, uma comparação $O(1)$ (onde o tempo para completar é sempre constante e o mesmo e não depende do tamanho da entrada).

Imaginem o tanto que economizamos usando tal tipo de operação!

Expressões regulares

Outra coisa muito útil em Ruby é o suporte para expressões regulares (*regexps*). Elas podem ser facilmente criadas das seguintes maneiras:

```
1 > regex1 = /^[0-9]/
2 => /^[0-9]/
3
4 > regex2 = Regexp.new("[0-9]")
5 => /^[0-9]/
6
7 > regex3 = %r{^[0-9]}
8 => /^[0-9]/
```

Para fazermos testes com as expressões regulares, podemos utilizar os operadores `=~` (“igual o tiozinho quem vos escreve”) que indica se a expressão “casou” e `!~` que indica se a expressão não “casou”, por exemplo:

```
1  > "1 teste" =~ regex1
2  => 0
3
4  > "1 teste" =~ regex2
5  => 0
6
7  > "1 teste" =~ regex3
8  => 0
9
10 > "outro teste" !~ regex1
11 => true
12
13 > "outro teste" !~ regex2
14 => true
15
16 > "outro teste" !~ regex3
17 => true
18
19 > "1 teste" !~ regex1
20 => false
21
22 > "1 teste" !~ regex2
23 => false
24
25 > "1 teste" !~ regex3
26 => false
```

No caso das expressões que “casaram”, foi retornada a posição da `String` onde houve correspondência. Também podemos utilizar, a partir da versão 2.4, o método `match?`:

```
1  > regex1.match? "1 teste"
2  => true
3
4  > regex1.match? "outro teste"
5  => false
```

O detalhe é que o método `match?`, que retorna somente um *boolean* indicando se a expressão “casou” ou não (diferente do `=~` que retorna **onde** casou) é até **3 vezes mais rápido**.

Podemos fazer truques bem legais com expressões regulares e `Strings`, como por exemplo, dividir a nossa `String` através de uma expressão regular, encontrando todas as palavras que começam com `r`:

```

1 > "o rato roeu a roupa do rei de Roma".scan(/r[a-z]+/i)
2 => ["rato", "roeu", "roupa", "rei", "Roma"]

```

Fica uma dica que podemos utilizar alguns modificadores no final da expressão regular, no caso acima, o `/i` indica que a expressão não será *case sensitive*, ou seja, levará em conta caracteres em maiúsculo ou minúsculo.

Outra dica interessante é o construtor `%r{ }`, mostrado acima. Quando temos barras para “escapar” dentro da expressão regular, ele nos permite economizar alguns caracteres, como nesse exemplo:

```

1 > /\Ahttp:\\/(www\\.)?eustaquiorangel\\.com\\z/ =~ "http://eustaquiorangel.co\
2 m"
3 => 0
4 > %r{\\Ahttp:\\/(www\\.)?eustaquiorangel\\.com} =~ "http://eustaquiorangel.com"
5 => 0

```

Também podemos utilizar interpolação de expressão:

```

1 > host = "eustaquiorangel.com"
2 => "eustaquiorangel.com"
3 > %r{\\Ahttp:\\/(www\\.)?#{host}\\z} =~ "http://eustaquiorangel.com"
4 => 0

```



Dica

Reparem que eu usei os marcadores de início de linha `\A` e de fim de linha `\z`. Geralmente costumamos utilizar `^` e `$`, mas tem um pequeno grande problema: esses marcadores não levam em conta a quebra de linha (`\n`) dentro da `String`:

```
/w+$/match?("hello world") => false /w+$/match?("hello\nworld") => true
```

Enquanto que utilizando `\A` e `\z`, funciona perfeitamente:

```
/A\\w+\\z/.match?("hello\nworld") => false
```

Grupos

Podemos utilizar grupos nas expressões regulares, utilizando `(e)` para delimitar o grupo, e `$<número>` para verificar onde o grupo “casou”:

```

1 > "Alberto Roberto" =~ /(\w+)( )(\w+)/
2 => 0
3
4 > $1
5 => "Alberto"
6
7 > $2
8 => " "
9
10 > $3
11 => "Roberto"

```

Também podemos utilizar `\<número>` para fazer alguma operação com os resultados da expressão regular assim:

```

1 > "Alberto Roberto".sub(/(\w+)( )(\w+)/, '\3 \1')
2 => "Roberto Alberto"

```



Novidade em Ruby 2.0

Onigmo vai ser o novo *engine* de expressões regulares da versão 2.0. Ela parece ser bem baseada em Perl e aqui tem vários recursos que podem estar presentes nesse *engine*. Como exemplo de novidades, podemos utilizar esse aqui:

```

1 regexp = /^( [A-Z] )?[a-z]+(?(1)[A-Z] | [a-z])$/
2 p regexp =~ "foo"    #=> 0
3 p regexp =~ "foO"    #=> nil
4 p regexp =~ "FoO"    #=> 0

```

Ali é declarado o seguinte: `(?(cond)yes|no)` (reparem no primeiro `?` e em `|`, que funcionam como o operador ternário `?` e `:`), onde se `cond` for atendida, é avaliado `yes`, senão, `no`, por isso que `foo`, iniciando e terminando com caracteres minúsculos, casa com `no`, `foO` com maiúsculo no final não casa com nada e `Foo` casa com `yes`.

Grupos nomeados

A partir da versão 1.9, podemos usar **grupos nomeados** em nossas expressões regulares, como por exemplo:


```
1 > matcher = /(?!<objeto>\w{5})(.?!<cidade>\w{4})$/.match("o rato roeu a roup\
2 a do rei de Roma")
3
4 > matcher[:objeto]
5 => "roupa"
6
7 > matcher[:cidade]
8 => "Roma"
```

A partir da versão 2.4, temos o método `named_captures` que nos retorna uma Hash com os valores que foram capturados:

```
1 > matcher = /(?!<objeto>\w{5})(.?!<cidade>\w{4})$/.match("o rato roeu a ro\
2 upa do rei de Roma")
3 => #<MatchData "roupa do rei de Roma" objeto:"roupa" cidade:"Roma">
4
5 > matcher.named_captures
6 => {"objeto"=>"roupa", "cidade"=>"Roma"}
```

Caracteres acentuados

E se precisarmos utilizar caracteres com acento nas expressões? Por exemplo, eu juro que o meu nome está correto, mas:

```
1 > "eustáquio" =~ /\A\w+\z/
2 => nil
```

Para resolver esse problema, podemos utilizar tanto as propriedades de caracteres ¹³:

```
1 > "eustáquio" =~ /\A\p{Latin}+\z/
2 => 0
```

como a indicação de que os caracteres são Unicode:

```
1 > "eustáquio" =~ /\A(?u)\w+\z/
2 => 0
```

Arrays

Arrays podemos definir como objetos que contém coleções de referências para outros objetos. Vamos ver um Array simples com números:

¹³<http://ruby-doc.org/core-2.1.5/Regexp.html#class-Regexp-label-Character+Properties>

```
1 > array = [1, 2, 3, 4, 5]
2 => [1, 2, 3, 4, 5]
```

Em Ruby os Arrays podem conter tipos de dados diferentes também, como esse onde misturamos inteiros, flutuantes e Strings:

```
1 > array = [1, 2.3, "oi"]
2 => [1, 2.3, "oi"]
```



Dica

Para criarmos Arrays de Strings o método convencional é:

```
1 array = ["um", "dois", "tres", "quatro"]
2 => ["um", "dois", "tres", "quatro"]
```

mas temos um atalho que nos permite economizar digitação com as aspas, que é o %w e pode ser utilizado da seguinte maneira:

```
1 array = %w(um dois tres quatro)
2 => ["um", "dois", "tres", "quatro"]
```

e em **Ruby 2.x**, podemos utilizar %i para criar um Array de símbolos:

```
1 %i(um dois tres quatro)
2 => [:um, :dois, :tres, :quatro]
```

Podemos também criar Arrays com tamanho inicial pré-definido utilizando o tamanho na criação do objeto:

```
1 > array = Array.new(5)
2 => [nil, nil, nil, nil, nil]
```

Para indicar qual valor ser utilizado ao invés de nil nos elementos do Array criado com tamanho definido, podemos usar:

```
1 > array = Array.new(5, 0)
2 => [0, 0, 0, 0, 0]
```

Vamos verificar um efeito interessante, criando um Array com tamanho de 5 e algumas Strings como o valor de preenchimento:

```
1 > array = Array.new(5, "oi")
2 => ["oi", "oi", "oi", "oi", "oi"]
```

Foi criado um Array com 5 elementos, mas são todos os mesmos elementos. Duvidam? Olhem só:

```
1 > array[0].upcase!
2 => "OI"
3
4 > array
5 => ["OI", "OI", "OI", "OI", "OI"]
```

Foi aplicado um método destrutivo (que alteram o próprio objeto da referência, não retornando uma cópia dele no primeiro elemento do Array, que alterou *todos os outros elementos*, pois são *o mesmo objeto*). Para evitarmos isso, podemos utilizar um bloco (daqui a pouco mais sobre blocos!) para criar o Array:

```
1 > array = Array.new(5) { "oi" }
2 => ["oi", "oi", "oi", "oi", "oi"]
3
4 > array[0].upcase!
5 => "OI"
6
7 > array
8 => ["OI", "oi", "oi", "oi", "oi"]
```

Pudemos ver que agora são objetos distintos.

Aqui temos nosso primeiro uso para blocos de código, onde o bloco foi passado para o construtor do Array, que cria elementos até o número que especificamos transmitindo o valor do índice (ou seja, 0, 1, 2, 3 e 4) para o bloco.

Os Arrays tem uma característica interessante que vários outros objetos de Ruby tem: eles são **iteradores**, ou seja, objetos que permitem percorrer uma coleção de valores, pois incluem o módulo (hein? mais adiante falaremos sobre módulos!) `Enumerable`, que inclui essa facilidade.

Como parâmetro para o método que vai percorrer a coleção, vamos passar um bloco de código e vamos ver na prática como que funciona isso. Dos métodos mais comuns para percorrer uma coleção, temos `each`, que significa “cada”, e que pode ser lido “para cada elemento da coleção do meu objeto, execute esse bloco de código”, dessa maneira:

```

1 > array.each { |numero| puts "O Array tem o numero " + numero.to_s }
2
3 => O Array tem o numero 1
4 => O Array tem o numero 2
5 => O Array tem o numero 3
6 => O Array tem o numero 4

```

Ou seja, para cada elemento do Array, foi executado o bloco - atenção aqui - passando o elemento corrente como parâmetro, recebido pelo bloco pela sintaxe `|<parâmetro>|` (o caracter `|` é o *pipe* no Linux). Podemos ver que as instruções do nosso bloco, que no caso só tem uma linha (e foi usada a convenção de `{ e }`), foram executadas com o valor recebido como parâmetro.



Dica

Temos um atalho em Ruby que nos permite economizar conversões dentro de Strings. Ao invés de usarmos `to_s` como mostrado acima, podemos utilizar o que é conhecido como interpolador de expressão com a sintaxe `#{objeto}`, onde tudo dentro das chaves vai ser transformado em String acessando o seu método `to_s`. Ou seja, poderíamos ter escrito o código do bloco como:

```

1 { |numero| puts "O Array tem o numero #{numero}" }

```

Podemos pegar sub-arrays utilizando o formato `[início..fim]` ou o método `take`:

```

1 > a = %w(john paul george ringo)
2 => ["john", "paul", "george", "ringo"]
3
4 > a[0..1]
5 => ["john", "paul"]
6
7 > a[1..2]
8 => ["paul", "george"]
9
10 > a[1..3]
11 => ["paul", "george", "ringo"]
12
13 > a[0]
14 => "john"
15
16 > a[-1]
17 => "ringo"
18
19 > a.first
20 => "john"

```

```
21
22 > a.last
23 => "ringo"
24
25 > a.take(2)
26 => ["john", "paul"]
```

Reparem no pequeno truque de usar `-1` para pegar o último elemento, o que pode ficar bem mais claro utilizando o método `last` (e `first` para o primeiro elemento).

Agora que vimos como um iterador funciona, podemos exercitar alguns outros logo depois de conhecer mais alguns outros tipos.

Para adicionar elementos em um Array, podemos utilizar o método `push` ou o `<<` (lembra desse, nas Strings?), desse modo:

```
1 > a = %w(john paul george ringo)
2
3 > a.push("stu")
4 => ["john", "paul", "george", "ringo", "stu"]
5
6 > a << "george martin"
7 => ["john", "paul", "george", "ringo", "stu", "george martin"]
```

Se quisermos pesquisar em Arrays dentro de Arrays, podemos utilizar o método `dig`:

```
1 > array = [0, [1, [2, 3]]]
2 => [0, [1, [2, 3]]]
3
4 > array[1][1][0]
5 => 2
6
7 > array.dig(1, 1, 0)
8 => 2
```

Duck Typing

Pudemos ver que o operador/método `<<` funciona de maneira similar em Strings e Arrays, e isso é um comportamento que chamamos de **Duck Typing**, baseado no **duck test**, de **James Whitcomb Riley**, que diz o seguinte:

“Se parece com um pato, nada como um pato, e faz barulho como um pato, então provavelmente é um pato”.

Isso nos diz que, ao contrário de linguagens de tipagem estática, onde o tipo do objeto é verificado em tempo de compilação, em Ruby nos interessa se um objeto é capaz de exibir algum comportamento esperado, não o tipo dele.

Se você quer fazer uma omelete, não importa que animal que está botando o ovo (galinha, pata, avestruz, Tiranossauro Rex, etc), desde que você tenha um jeito/método para botar o ovo.

“Ei, mas como vou saber se um determinado objeto tem um determinado método?” Isso é fácil de verificar utilizando o método `respond_to?`:

```
1 > String.new.respond_to?(:<<)
2 => true
3
4 > Array.new.respond_to?(:<<)
5 => true
```

“Ei, mas eu realmente preciso saber se o objeto em questão é do tipo que eu quero. O método `<<` é suportado por Arrays, Strings, Fixnums mas tem comportamento diferente nesses últimos!”. Nesse caso, você pode verificar o tipo do objeto utilizando `kind_of?`:

```
1 > String.new.kind_of?(String)
2 => true
3
4 > 1.kind_of?(Fixnum)
5 => true
6
7 > 1.kind_of?(Numeric)
8 => true
9
10 > 1.kind_of?(Bignum)
11 => false
```

Ranges

Ranges são intervalos que podemos definir incluindo ou não o último valor referenciado. Vamos exemplificar isso com o uso de iteradores, dessa maneira:

```
1 > range1 = (0..10)
2 => 0..10
3
4 > range2 = (0...10)
5 => 0...10
6
7 > range1.each { |valor| print "#{valor} " }
8 => 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
9
```

```

10 => 0..10
11 > range2.each { |valor| print "#{valor} " }
12
13 => 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9
14 => 0...10

```

Como pudemos ver, as Ranges são declaradas com um valor inicial e um valor final, separadas por dois ou três pontos, que definem se o valor final vai constar ou não no intervalo.



Dica

Para se lembrar qual das duas opções que incluem o valor, se lembre que nesse caso **menos é mais**, ou seja, **com dois pontos temos mais valores**.

Um truque legal é que podemos criar Ranges com Strings:

```

1 > ("a".. "z").each { |valor| print "#{valor} " }
2 => a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
3
4 => "a".. "z"
5 > ("ab".. "az").each { |valor| print "#{valor} " }
6
7 => ab ac ad ae af ag ah ai aj ak al am an ao ap aq ar as at au av aw ax ay az
8 => "ab".. "az"

```

Outro bem legal é converter uma Range em um Array:

```

1 > ("a".. "z").to_a
2 => ["a", "b", "c", "d", "e", "f", "g", "h", "i", "j", "k", "l", "m", "n", "o",
3   , "p", "q", "r", "s", "t", "u", "v", "w", "x", "y", "z"]

```

Hashes

As Hashes são, digamos, Arrays indexados, com chaves e valores, que podem ser quaisquer tipos de objetos, como por exemplo:

```

1 > hash = { :john => "guitarra e voz", :paul => "baixo e voz", :george => "gui\
2   tarra", :ringo => "bateria" }
3 => {:john=>"guitarra e voz", :paul=>"baixo e voz", :george=>"guitarra", :ring\
4   o=>"bateria"}

```

A partir de Ruby 1.9.x as Hashes mantêm a ordem dos elementos do jeito que foram criadas, porém em algumas versões do Ruby 1.8.x essa ordem é aleatória. Depois de declaradas, podemos buscar os seus valores através de suas chaves:

```
1 > hash[:paul]
2 => "baixo e voz"
3
4 > hash[:ringo]
5 => "bateria"
```

Utilizar símbolos como chaves de Hashes é uma operação costumeira em Ruby. Se utilizarmos Strings, elas serão tratadas como Strings congeladas, o que podemos verificar comparando os seus object_ids:

```
1 > h1 = { "name" => "John" }
2 => {"name"=>"John"}
3
4 > h2 = { "name" => "Paul" }
5 => {"name"=>"Paul"}
6
7 > h1.keys.first.object_id
8 => 12256640
9
10 > h2.keys.first.object_id
11 => 12256640
```

Vamos ver um exemplo de como podemos armazenar diversos tipos tanto nas chaves como nos valores de uma Hash:

```
1 > hash = { "fixnum" => 1, :float => 1.23, 1 => "um" }
2 => {1=>"um", :float=>1.23, "fixnum"=>1}
3
4 > hash["fixnum"]
5 => 1
6
7 > hash[:float]
8 => 1.23
9
10 > hash[1]
11 => "um"
```

Podemos criar Hashes com valores default:


```
1 > hash = Hash.new(0)
2 => {}
3
4 > hash[:um]
5 => 0
6
7 > hash[:dois]
8 => 0
```

Nesse caso, quando o valor da chave ainda não teve nada atribuído e é requisitado, é retornado o valor default que especificamos em `new`, que foi 0. Vamos testar com outro valor:

```
1 > hash = Hash.new(Time.now)
2 => {}
3
4 > hash[:um]
5 => Tue Jun 05 23:53:22 -0300 2011
6
7 > hash[:dois]
8 => Tue Jun 05 23:53:22 -0300 2011
```

No caso acima, passei `Time.now` no método `new` da `Hash`, e toda vez que tentei acessar um dos valores que ainda não foram atribuídos, sempre foi retornado o valor da data e hora de quando inicializei a `Hash`. Para que esse valor possa ser gerado dinamicamente, podemos passar um bloco para o método `new`:

```
1 > hash = Hash.new { Time.now }
2 => {}
3
4 > hash[:um]
5 => 2008-12-31 11:31:28 -0200
6
7 > hash[:dois]
8 => 2008-12-31 11:31:32 -0200
9
10 > hash[:tres]
11 => 2008-12-31 11:31:36 -0200
```

Hashes são bastante utilizadas como parâmetros de vários métodos do `Rails`.

**Dica**

A partir do Ruby 1.9, podemos criar Hashes dessa maneira:

```
1 hash = {john: "guitarra e voz", paul: "baixo e voz", george: "guitarra", ringo\
2 : "bateria"}
3 => {:john=>"guitarra e voz", :paul=>"baixo e voz", :george=>"guitarra", :rin\
4 go=>"bateria"}
```

Reparem que o operador “rocket” (=>) sumiu e por convenção esse tem sido o método utilizado desde então. Se você quer ser *vintage*, continue usando o “rocket”, se quiser ser *cool*, adote a forma nova. E fique de olho quando for *vintage* te transformar automaticamente em *cool*, tem uma galerinha aí cheia dessas firulas ...

Podemos utilizar, assim como em Arrays, o método dig para “cavar” nas estruturas das Hashes:

```
1 > hash = { a: { b: { c: 3 } } }
2 => {:a=>{:b=>{:c=>3}}}}
3
4 > hash[:a][:b][:c]
5 => 3
6
7 > hash.dig(:a, :b, :c)
8 => 3
```

Blocos de código

Um conceito interessante do Ruby são blocos de código (similares ou sendo a mesma coisa em certos sentidos que funções anônimas, *closures*, *lambdas* etc). Vamos ir aprendendo mais coisas sobre eles no decorrer do curso, na prática, mas podemos adiantar que blocos de código são uma das grande sacadas de Ruby e são muito poderosos quando utilizados com iteradores.

Por convenção os blocos com uma linha devem ser delimitados por { e } e com mais de uma linha com do ... end (duende???), mas nada lhe impede de fazer do jeito que mais lheagradar. Como exemplo de blocos, temos:

```
1 > puts { "Oi, mundo" }

e

1 > do
2 >   puts "Oi, mundo"
3 >   puts "Aqui tem mais linhas!"
4 > end
```

Esses blocos podem ser enviados para métodos e executados pelos iteradores de várias classes. Imaginem como pequenos pedaços de código que podem ser manipulados e enviados entre os métodos dos objetos (tendo eles próprios, comportamento de métodos).

Conversões de tipos

Agora que vimos os tipos mais comuns, podemos destacar que temos algumas métodos de conversão entre eles, que nos permitem transformar um tipo (mas não o mesmo objeto, será gerado um novo) em outro. Alguns dos métodos:

```
1  # Fixnum para Float
2  > 1.to_f
3  => 1.0
4
5  # Fixnum para String
6  > 1.to_s
7  => "1"
8
9  # String para Fixnum
10 > "1".to_i
11 => 1
12
13 # String para flutuante
14 > "1".to_f
15 => 1.0
16
17 # String para símbolo
18 > "azul".to_sym
19 => :azul
20
21 # Array para String
22 > [1, 2, 3, 4, 5].to_s
23 => "12345"
24
25 # Array para String, com delimitador
26 > [1, 2, 3, 4, 5].join(",")
27 => "1,2,3,4,5"
28
29 # Range para Array
30 > (0..10).to_a
31 => [0,1,2,3,4,5,6,7,8,9,10]
32
33 # Hash para Array
34 > {:john => "guitarra e voz" }.to_a
35 => [ [:john, "guitarra e voz"] ]
```

Conversões de bases

De inteiro para binário:

```
1 > 2.to_s(2)
2 => "10"
```

De binário para inteiro:

```
1 > "10".to_i(2)
2 => 2
3 > 0b10.to_i
4 => 2
```

De inteiro para hexadecimal:

```
1 > 10.to_s(16)
2 => "a"
```

De hexadecimal para inteiro:

```
1 > 0xa.to_i
2 => 10
```

Tratamento de exceções

Exceções nos permitem “cercar” erros que acontecem no nosso programa (afinal, ninguém é perfeito, não é mesmo?) em um objeto que depois pode ser analisado e tomadas as devidas providências ao invés de deixar o erro explodir dentro do nosso código levando à resultados indesejados. Vamos gerar um erro de propósito para testar isso.

Lembram-se que Ruby tem uma tipagem forte, onde não podemos misturar os tipos de objetos? Vamos tentar misturar:

exc.rb

```
1 begin
2   numero = 1
3   string = "oi"
4   numero + string
5 rescue StandardError => exception
6   puts "Ocorreu um erro: #{exception}"
7 end
```

Rodando o programa, temos:

```
1 $ ruby exc.rb
2 Ocorreu um erro: String can't be coerced into Fixnum
```

O programa gerou uma exceção no código contido entre `begin` e `rescue` interceptando o tipo de erro tratado pela exceção do tipo `StandardError`, em um objeto que foi transmitido para `rescue`, através da variável `exception`, onde pudemos verificar informações sobre o erro, imprimindo-o como uma `String`.

Se não quisermos especificar o tipo de exceção a ser tratada, podemos omitir o tipo, e verificar a classe da exceção gerada dessa maneira:

exc2.rb

```
1 begin
2   numero = 1
3   string = "oi"
4   numero + string
5 rescue => exception
6   puts "Ocorreu um erro do tipo #{exception.class}: #{exception}"
7 end
```

Rodando o programa, temos:

```
1 $ ruby exc2.rb
2 Ocorreu um erro do tipo TypeError: String can't be coerced into Fixnum
```

Podemos utilizar `ensure` como um bloco para ser executado depois de todos os `rescues`:

exc3.rb

```
1 begin
2   numero = 1
3   string = "oi"
4   numero + string
5 rescue => exception
6   puts "Ocorreu um erro do tipo #{exception.class}: #{exception}"
7 ensure
8   puts "Lascou tudo."
9 end
10 puts "Fim de programa."
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby exc3.rb
2 Ocorreu um erro do tipo TypeError: String can't be coerced into Fixnum
3 Lascou tudo.
4 Fim de programa.
```

Isso é particularmente interessante se houver algum problema dentro de algum bloco de rescue:

exc4.rb

```
1 begin
2   numero = 1
3   string = "oi"
4   numero + string
5 rescue => exception
6   puts "Ocorreu um erro do tipo #{exception.class}: #{exception}"
7   puts msg
8 ensure
9   puts "Lascou tudo."
10 end
11 puts "Fim de programa."
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby exc4.rb
2 Ocorreu um erro do tipo TypeError: String can't be coerced into Fixnum
3 Lascou tudo.
4 exc4.rb:7: undefined local variable or method 'msg' for main:Object (NameError\
5 r)
```

Podemos ver que foi gerada uma nova exceção dentro do bloco do rescue e apesar do comando final com a mensagem “Fim de programa” não ter sido impressa pois a exceção “jogou” o fluxo de processamento para fora, o bloco do ensure foi executado.

Se por acaso desejarmos tentar executar o bloco que deu problema novamente, podemos utilizar retry:

retry.rb

```
1 numero1 = 1
2 numero2 = "dois"
3 begin
4   puts numero1 + numero2
5 rescue => exception
6   puts "Ops, problemas aqui (#{exception.class}), vou tentar de novo."
7   numero2 = 2
8   retry
9 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby retry.rb
2 Ops, problemas aqui (TypeError), vou tentar de novo.
3 3
```

Se desejarmos ter acesso a `backtrace` (a lista hierárquica das linhas dos programas onde o erro ocorreu), podemos utilizar:

`backtrace.rb`

```
1 numero1 = 1
2 numero2 = "dois"
3 begin
4   puts numero1 + numero2
5 rescue => exception
6   puts "Ops, problemas aqui (#{exception.class}), vou tentar de novo."
7   puts exception.backtrace
8   numero2 = 2
9   retry
10 end
```

Rodando o programa, nesse caso chamado `exc1.rb`, vai nos retornar:

```
1 $ ruby backtrace.rb
2 Ops, problemas aqui (TypeError), vou tentar de novo.
3 backtrace.rb:4:in '+'
4 backtrace.rb:4
5 3
```

Disparando exceções

Podemos disparar exceções utilizando `raise`:

`raise.rb`

```
1 numero1 = 1
2 numero2 = 1
3
4 begin
5   puts numero1 + numero2
6   raise Exception.new("esperava 3") if numero1+numero2!=3
7 rescue => exception
8   puts "Ops, problemas aqui (#{exception.class}), vou tentar de novo."
9 end
```

Descobrimo a exceção anterior

Podemos descobrir qual foi a exceção que foi disparada anteriormente utilizando `cause`, que nos dá acesso as *nested exceptions* (a partir da versão 2.1):

cause.rb

```
1 begin
2   begin
3     raise 'foo'
4   rescue Exception => foo
5     raise 'bar'
6   end
7 rescue Exception => bar
8   puts "a causa de #{bar} foi #{bar.cause}"
9 end
```

Para versões anteriores, dá para utilizar ou a gem `cause` ¹⁴.

Criando nossas próprias exceções

Se por acaso quisermos criar nossas próprias classes de exceções, é muito fácil, basta criá-las herdando de `StandardError`. Vamos criar uma que vamos disparar se um nome for digitado errado, `NameNotEqual`:

customerexceptions.rb

```
1 class NameNotEqual < StandardError
2   def initialize(current, expected)
3     super "você digitou um nome inválido (#{current})! era esperado #{expecte\
4 d}."
5   end
6 end
7
8 begin
9   correct = "eustaquio"
10  puts "digite o meu nome: "
11  name = gets.chomp
12  raise NameNotEqual.new(name, correct) if name != correct
13  puts "digitou correto!"
14 rescue NameNotEqual => e
15   puts e
16 end
```

Rodando o programa e digitando qualquer coisa diferente de “eustaquio”:

¹⁴<https://github.com/ConradIrwin/cause>


```
1 $ ruby customexceptions.rb
2 digite o meu nome:
3 barizon
4 você digitou um nome inválido (barizon)! era esperado eustaquio.
```

Comparando exceções

Podemos fazer comparações entre duas exceções, como

```
1 > Exception.new == Exception.new
2 => true
```

Elas vão ser diferentes se tiverem mensagens diferentes:

```
1 > Exception.new("hello") == Exception.new("world")
2 => false
```

Que funciona com a nossa exceção customizada demonstrada acima:

```
1 > NameNotEqual.new("eustaquio", "rangel") == NameNotEqual.new("eustaquio", \
2 "rangel")
3 => true
4
5 > NameNotEqual.new("eustaquio", "rangel") == NameNotEqual.new("taq", "range\
6 l")
7 => false
```

Utilizando catch e throw

Também podemos utilizar catch e throw para terminar o processamento quando nada mais é necessário, indicando através de um Symbol para onde o controle do código deve ser transferido (opcionalmente com um valor), indicado com catch, usando throw:

catchthrow.rb

```
1 def get_input
2   puts "Digite algo (número termina):"
3   resp = gets
4   throw :end_of_response, resp if resp.chomp =~ /\d+$/
5   resp
6 end
7
8 num = catch(:end_of_response) do
9   while true
10    get_input
11   end
12 end
13 puts "Terminado com: #{num}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby catchthrow.rb
2 Digite algo (número termina):
3 oi
4 Digite algo (número termina):
5 123
6 Terminado com: 123
```

Estruturas de controle

Condicionais

if

É importante notar que tudo em Ruby acaba no fim – end – e vamos ver isso acontecendo bastante com nossas estruturas de controle. Vamos começar vendo nosso velho amigo `if`:

`if.rb`

```
1 i = 10
2 if i == 10
3   puts "i igual 10"
4 else
5   puts "i diferente de 10"
6 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby if.rb
2 i igual 10
```

This is the end Beautiful friend This is the end My only friend, the end

Uma coisa bem interessante em Ruby é que podemos escrever isso de uma forma que podemos “ler” o código, se, como no caso do próximo exemplo, estivermos interessados apenas em imprimir a mensagem no caso do teste do ‘if’ ser verdadeiro:

```
1 > puts "i igual 10" if i == 10
2 => i igual 10
```

Isso é chamado de **modificador de estrutura**.

Também temos mais um nível de teste no `if`, o `elsif`:

elsif.rb

```
1 i = 10
2
3 if i > 10
4   puts "maior que 10"
5 elsif i == 10
6   puts "igual a 10"
7 else
8   puts "menor que 10"
9 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby elsif.rb
2 igual a 10
```

Podemos capturar a saída do teste diretamente apontando uma variável para ele:

captureif.rb

```
1 i = 10
2
3 result =
4 if i > 10
5   "maior que 10"
6 elsif i == 10
7   "igual a 10"
8 else
9   "menor que 10"
10 end
11
12 result
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby captureif.rb
2 "igual a 10"
```

unless

O `unless` é a forma negativa do `if`, e como qualquer teste negativo, pode trazer alguma confusão no jeito de pensar sobre eles. Particularmente gosto de evitar testes negativos quando pode-se fazer um bom teste positivo.

Vamos fazer um teste imaginando uma daquelas cadeiras de boteco e alguns sujeitos mais avantajados (em peso, seus mentes sujas):

```
1 > peso = 150
2 => 150
3
4 > puts "pode sentar aqui" unless peso > 100
5 => nil
6
7 > peso = 100
8 => 100
9
10 > puts "pode sentar aqui" unless peso > 100
11 => pode sentar aqui
```

Dá para lermos o comando como “diga ao sujeito que ele pode sentar aqui a menos que o peso dele for maior que 100 quilos”. Talvez um teste mais limpo seria:

```
1 > peso = 150
2 => 150
3
4 > puts "pode sentar aqui" if peso <= 100
5 => nil
6
7 > peso = 100
8 => 100
9
10 > puts "pode sentar aqui" if peso <= 100
11 => pode sentar aqui
```

Ler “diga ao sujeito que ele pode sentar aqui se o peso for menor ou igual a 100” talvez seja um jeito mais claro de fazer o teste, mas fica a critério de cada um e do melhor uso.

case

Podemos utilizar o case para fazer algumas comparações interessantes. Vamos ver como testar com Ranges:

case.rb

```
1 i = 10
2
3 case i
4 when 0..5
5   puts "entre 0 e 5"
6 when 6..10
7   puts "entre 6 e 10"
8 else
9   puts "hein?"
10 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby case.rb
2 entre 6 e 10
```

No caso do `case` (redundância detectada na frase), a primeira coisa que ele compara é o tipo do objeto, nos permitindo fazer testes como:

`casetype.rb`

```
1 i = 10
2
3 case i
4 when Fixnum
5   puts "Número!"
6 when String
7   puts "String!"
8 else
9   puts "hein???"
10 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby casetype.rb
2 Número!
```

Para provar que esse teste tem precedência, podemos fazer:

`caseprec.rb`

```
1 i = 10
2
3 case i
4 when Fixnum
5   puts "Número!"
6 when (0..100)
7   puts "entre 0 e 100"
8 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby caseprec.rb
2 Número!
```

A estrutura `case` compara os valores de forma invertida, como no exemplo acima, `Fixnum ===` e não `i === Fixnum`, não utilizando o operador `==` e sim o operador `===`, que é implementado das seguintes formas:

Para **módulos** e **classes** (que vamos ver mais à frente), é comparado se o valor é uma instância do módulo ou classe ou de um de seus descendentes. No nosso exemplo, `i` é uma instância de `Fixnum`. Por exemplo:

```
1 > Fixnum === 1
2 => true
3
4 > Fixnum === 1.23
5 => false
```

Para expressões regulares, é comparado se o valor “casou” com a expressão:

```
1 > /[0-9]/ === "123"
2 => true
3
4 > /[0-9]/ === "abc"
5 => false
```

Para Ranges, é testado se o valor se inclui nos valores da Range (como no método `include?`):

```
1 > (0..10) === 1
2 => true
3
4 > (0..10) === 100
5 => false
```

Loops

Antes de vermos os *loops*, vamos deixar anotado que temos algumas maneiras de interagir dentro de um loop:

1. **break** - sai do loop
2. **next** - vai para a próxima iteração
3. **return** - sai do loop e do método onde o loop está contido
4. **redo** - repete o loop do início, sem reavaliar a condição ou pegar o próximo elemento

Vamos ver exemplos disso logo na primeira estrutura a ser estudada, o `while`.



Dica

A partir desse ponto vamos utilizar um editor de texto para escrevermos nossos exemplos, usando o `irb` somente para testes rápidos com pouco código. Você pode utilizar o editor de texto que quiser, desde que seja um editor mas não um processador de textos. Não vá utilizar o Microsoft Word © para fazer os seus programas, use um editor como o Vim. Edite o seu código, salve em um arquivo com a extensão `.rb` e execute da seguinte forma (onde `$` é o *prompt* do terminal):

```
$ ruby meuarquivo.rb
```

Os arquivos com os códigos dos exemplos estão disponíveis em [em um repositório no Github](https://github.com/taq/conhecendo-ruby-files)¹⁵

¹⁵<https://github.com/taq/conhecendo-ruby-files>

while

Faça enquanto:

while.rb

```
1 i = 0
2
3 while i < 5
4   puts i
5   i += 1
6 end
```

Rodando:

```
1 $ ruby while.rb
2 0
3 1
4 2
5 3
6 4
```

for

O for pode ser utilizado junto com um iterador para capturar todos os seus objetos e enviá-los para o loop (que nada mais é do que um bloco de código):

for.rb

```
1 for i in (0..5)
2   puts i
3 end
```

Rodando:

```
1 $ ruby for.rb
2 0
3 1
4 2
5 3
6 4
7 5
```

Vamos aproveitar que é um *loop* bem simples e utilizar os comandos para interagir mostrados acima (mesmo que os exemplos pareçam as coisas mais inúteis e sem sentido do mundo - mas é para efeitos didáticos, gente!), menos o `return` onde precisaríamos de um método e ainda não chegamos lá. Vamos testar primeiro o `break`:

for2.rb

```
1 for i in (0..5)
2   break if i == 3
3   puts i
4 end
```

Rodando:

```
1 $ ruby for.rb
2 0
3 1
4 2
```

Agora o next:

next.rb

```
1 for i in (0..5)
2   next if i == 3
3   puts i
4 end
```

Rodando:

```
1 $ ruby next.rb
2 0
3 1
4 2
5 4
6 5
```

Agora o redo:

redo.rb

```
1 for i in (0..5)
2   redo if i == 3
3   puts i
4 end
```

Rodando:


```
1 $ ruby for.rb
2 0
3 1
4 2
5 for.rb:2: Interrupt
6 from for.rb:1:in 'each'
7 from for.rb:1
```

Se não interrompermos com Ctrl+C, esse código vai ficar funcionando para sempre, pois o *redo* avaliou o *loop* novamente mas sem ir para o próximo elemento do iterador.

until

O “faça até que” pode ser utilizado dessa maneira:

until.rb

```
1 i = 0
2
3 until i==5
4   puts i
5   i += 1
6 end
```

Rodando:

```
1 $ ruby until.rb
2 0
3 1
4 2
5 3
6 4
```



Dica

Não temos os operadores ++ e -- em Ruby. Utilize += e -=.

Operadores lógicos

Temos operadores lógicos em Ruby em duas formas: !, &&, || e not, and, or. Eles se diferenciam pela precedência: os primeiros tem precedência mais alta que os últimos sobre os operadores de atribuição. Exemplificando:

```
1 > a = 1
2 => 1
3
4 > b = 2
5 => 2
6
7 > c = a && b
8 => 2
9
10 > c
11 => 2
12
13 > d = a and b
14 => 2
15
16 > d
17 => 1
```

A variável `c` recebeu o resultado correto de `a && b`, enquanto que `d` recebeu a atribuição do valor de `a` e seria a mesma coisa escrito como `(d = a) and b`. O operador avalia o valor mais à direita somente se o valor mais à esquerda não for falso. É a chamada operação de “curto-circuito”.

Outro exemplo de “curto-circuito” é o operador `||` (chamado de “ou igual” ou “*pipe* duplo igual”, que funciona da seguinte maneira:

```
1 > a ||= 10
2 => 10
3
4 > a
5 => 10
6
7 > a ||= 20
8 => 10
9
10 > a
11 => 10
```

O que ocorre ali é o seguinte: é atribuído o valor à variável **apenas se o valor dela for `false` ou `nil`, do contrário, o valor é mantido**. Essa é uma forma de curto-circuito pois seria a mesma coisa que:

```
1 a || a = 10
```

que no final das contas retorna `a` se o valor for diferente de `false` e `nil` ou, do contrário, faz a atribuição do valor para a variável. Seria basicamente

```
1 a || (a = 10)
```



Dica

Temos um método chamado `defined?` que testa se a referência que passamos para ele existe. Se existir, ele retorna uma descrição do que é ou `nil` se não existir. Exemplo:

```
1 > a, b, c = (0..2).to_a
2 => [0, 1, 2]
3 > defined? a
4 => "local-variable"
5 > defined? b
6 => "local-variable"
7 > defined? String
8 => "constant"
9 > defined? 1.next
10 => "method"
```



Desafio 1

Declare duas variáveis, `x` e `y`, com respectivamente 1 e 2 como valores, com apenas uma linha. Agora inverta os seus valores também com apenas uma linha de código. O que vamos fazer aqui é uma **atribuição em paralelo**. Resposta no final do livro!

Procs e lambdas

Procs são blocos de código que podem ser associados à uma variável, dessa maneira:

```
1 > vezes3 = Proc.new { |valor| valor * 3 }
2 => #<Proc:0xb7d959c4@(irb):1>
3
4 > vezes3.call(3)
5 => 9
6
7 > vezes3.call(4)
8 => 12
9
10 > vezes3.call(5)
11 => 15
```

Comportamento similar pode ser alcançada usando `lambda`:

```
1 > vezes5 = lambda { |valor| valor * 5 }
2 => #<Proc:0xb7d791d4@(irb):5>
3
4 > vezes5.call(5)
5 => 25
6
7 > vezes5.call(6)
8 => 30
9
10 > vezes5.call(7)
11 => 35
```

Pudemos ver que precisamos executar `call` para chamar a `Proc`, mas também podemos utilizar o atalho `[]`:

```
1 > vezes5[8]
2 => 40
```

E também o atalho `.`, menos comum:

```
1 > vezes5.(5)
2 => 25
```

Podemos utilizar uma `Proc` como um bloco, mas para isso precisamos convertê-la usando `&`:

```
1 > (1..5).map &vezes5
2 => [5, 10, 15, 20, 25]
```



Dica

Fica um “gancho” aqui sobre o fato de `Procs` serem *closures*, ou seja, códigos que criam uma cópia do seu ambiente. Quando estudarmos métodos vamos ver um exemplo prático sobre isso.

Importante notar duas diferenças entre `Procs` e `lambdas`:

A primeira diferença, é a *verificação de argumentos*. Em `lambdas` a verificação é feita e gera uma exceção:

```
1 > pnew = Proc.new { |x, y| puts x + y }
2 => #<Proc:0x8fdaf7c@(irb):7>
3
4 > lamb = lambda { |x, y| puts x + y }
5 => #<Proc:0x8fd7aac@(irb):8 (lambda)>
6
7 > pnew.call(2, 4, 11)
8 => nil
9
10 > lamb.call(2, 4, 11)
11 ArgumentError: wrong number of arguments (3 for 2)
```

A segunda diferença é o jeito que elas retornam. O retorno de uma Proc retorna de dentro de onde ela está, como nesse caso:

procret.rb

```
1 def testando_proc
2   p = Proc.new { return "Bum!" }
3   p.call
4   "Nunca imprime isso."
5 end
6
7 puts testando_proc
```

Rodando:

```
1 $ ruby procret.rb
2 Bum!
```

Enquanto que em uma lambda, retorna para onde foi chamada:

lambret.rb

```
1 def testando_lambda
2   l = lambda { return "Oi!" }
3   l.call
4   "Imprime isso."
5 end
6
7 puts testando_lambda
```

Rodando:

```
1 $ ruby lambret.rb
2 Imprime isso.
```

A partir do Ruby 1.9, temos suporte à sintaxe “*stabby proc*”:

```
1 > p = -> x,y { x* y }
2
3 > puts p.call(2,3)
4 => 6
```

E também ao método `curry`, que decompõe uma `lambda` em uma série de outras `lambdas`. Por exemplo, podemos ter uma `lambda` que faça multiplicação:

```
1 > mult = lambda { |n1, n2| n1 * n2 }
2 => #<Proc:0x8fef1fc@(irb):13 (lambda)>
3
4 > mult.(2, 3)
5 => 6
```

E podemos utilizar o método `curry` no final e ter o seguinte resultado:

```
1 > mult = lambda { |n1, n2| n1 * n2 }.curry
2 => #<Proc:0x8ffe4e0 (lambda)>
3
4 > mult.(2).(3)
5 => 6
```

Reparem que o método `call` (na forma de `.()`) foi chamado **duas vezes**, primeiro com 2 e depois com 3, pois o método `curry` inseriu uma `lambda` dentro da outra, como se fosse:

```
1 > multi = lambda { |x| lambda { |y| x * y } }
2 => #<Proc:0x901756c@(irb):23 (lambda)>
3
4 > multi.(2).(3)
5 => 6
```

Isso pode ser útil quando você deseja criar uma `lambda` a partir de outra, deixando um dos parâmetros fixo, como por exemplo:

```
1 > mult = lambda { |n1, n2| n1 * n2 }.curry
2 => #<Proc:0x901dd40 (lambda)>
3
4 > dobro = mult.(2)
5 => #<Proc:0x901c058 (lambda)>
6
7 > triplo = mult.(3)
8 => #<Proc:0x9026904 (lambda)>
9
10 > dobro.(8)
11 => 16
12
13 > triplo.(9)
14 => 27
```

Iteradores

Agora que conhecemos os tipos básicos de Ruby, podemos focar nossa atenção em uma característica bem interessante deles: muitos, senão todos, tem coleções ou características que podem ser percorridas por métodos iteradores.

Um iterador percorre uma determinada coleção, que o envia o valor corrente, executando algum determinado procedimento, que em Ruby é enviado como um bloco de código e contém o módulo (hein?) `Enumerable`, que dá as funcionalidades de que ele precisa.

Dos métodos mais comuns para percorrer uma coleção, temos `each`, que significa “cada”, e que pode ser lido “para cada elemento da coleção do meu objeto, execute esse bloco de código”, dessa maneira:

```
1 > [1, 2, 3, 4, 5].each { |e| puts "o array contem o numero #{e}" }
2
3 => array contem o numero 1
4 => array contem o numero 2
5 => array contem o numero 3
6 => array contem o numero 4
7 => array contem o numero 5
```

Ou seja, para cada elemento do `Array`, foi executado o bloco - atenção aqui - passando o elemento corrente como parâmetro, recebido pelo bloco pela sintaxe `|<parâmetro>|`. Podemos ver que as instruções do nosso bloco, que no caso só tem uma linha (e foi usada a convenção de `{ e }`), foram executadas com o valor recebido como parâmetro.

Esse mesmo código pode ser otimizado e refatorado para ficar mais de acordo com a sua finalidade. Não precisamos de um *loop* de 1 até 5? A maneira mais adequada seria criar uma `Range` com esse intervalo e executar nosso iterador nela:

```
1 > (1..5).each { |e| puts "a range contem o numero #{e}" }
2
3 => range contem o numero 1
4 => range contem o numero 2
5 => range contem o numero 3
6 => range contem o numero 4
7 => range contem o numero 5
```

Inclusive, podemos também utilizar `times` em um `Fixnum`, que se comporta como uma coleção nesse caso, que começa em 0:

```
1 5.times { |e| puts "numero #{e}" }
2
3 => numero 0
4 => numero 1
5 => numero 2
6 => numero 3
7 => numero 4
```

Um `Array` só faria sentido nesse caso se os seus elementos não seguissem uma ordem lógica que pode ser expressa em um intervalo de uma `Range`! Quaisquer sequências que podem ser representadas fazem sentido em usar uma `Range`. Se por acaso quiséssemos uma lista de números de 1 até 21, em intervalos de 3, podemos utilizar:

```
1 > (1..21).step(2).each { |e| puts "numero #{e}" }
2
3 => numero 1
4 => numero 3
5 => numero 5
6 => numero 7
7 => numero 9
8 => numero 11
9 => numero 13
10 => numero 15
11 => numero 17
12 => numero 19
13 => numero 21
```

Em Rails utilizamos bastante a estrutura `for <objeto> in <coleção>`, da seguinte forma:


```
1 > col = %w(uma lista de Strings para mostrar o for)
2 > for str in col
3 >   puts str
4 > end
5
6 => uma
7 => lista
8 => de
9 => Strings
10 => para
11 => mostrar
12 => o
13 => for
```

Selecionando elementos

Vamos supor que queremos selecionar alguns elementos que atendam alguma condição nos nossos objetos, por exemplo, selecionar apenas os números pares de uma coleção:

```
1 > (1..10).select { |e| e.even? }
2 => [2, 4, 6, 8, 10]
```

Vamos testar com uma Hash:

```
1 { 1 => "um", 2 => "dois", 3 => "tres" }.select { |chave, valor| valor.length \
2 > 2 }
3 => {2=>"dois", 3=>"tres"}
```



Novidade em Ruby 2.0

Aproveitando o gancho do método `select`, temos agora no Ruby 2.0 o conceito de *lazy evaluation*. Reparem no método `lazy` antes do `select`:

```
1 natural_numbers = Enumerator.new do |yielder|
2   number = 1
3   loop do
4     yielder.yield number
5     number += 1
6   end
7 end
8
9 p natural_numbers.lazy.select { |n| n.odd? }.take(5).to_a
10 # => [1, 3, 5, 7, 9]
```

Se não utilizássemos `lazy`, íamos precisar de um CTRL+C, pois o conjunto de números naturais é infinito, e a seleção nunca pararia para que fossem pegos os 5 elementos.

Selecionando os elementos que não atendem uma condição

O contrário da operação acima pode ser feito com `reject`:

```
1 > (0..10).reject { |valor| valor.even? }  
2 => [1, 3, 5, 7, 9]
```

Nada que a condição alterada do `select` também não faça.

Processando e alterando os elementos

Vamos alterar os elementos do objeto com o método `map`:

```
1 > (0..10).map { |valor| valor * 2 }  
2 => [0, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20]  
3  
4 > %w(um dois tres quatro cinco seis sete oito nove dez).map { |valor| "numero\  
5   #{valor}" }  
6 => ["numero um", "numero dois", "numero tres", "numero quatro",  
7   "numero cinco", "numero seis", "numero sete", "numero oito", "numero nove",  
8   "numero dez"]  
9  
10 > { 1 => "um", 2 => "dois", 3 => "tres" }.map { |chave, valor| "numero #{valo\  
11 r}" }  
12 => ["numero um", "numero dois", "numero tres"]
```

Detectando condição em todos os elementos

Vamos supor que desejamos detectar se todos os elementos da coleção atendem uma determinada condição com o método `all?`:

```
1 > (0..10).all? { |valor| valor > 1 }  
2 => false  
3  
4 > (0..10).all? { |valor| valor > 0 }  
5 => false
```

Detectando se algum elemento atende uma condição

Vamos testar se algum elemento atende uma determinada condição com o método `any?`:

```
1 > (0..10).any? { |valor| valor == 3 }
2 => true
3
4 > (0..10).any? { |valor| valor == 30 }
5 => false
```

Nesse caso específico, poderíamos ter escrito dessa forma também:

```
1 > (0..10).include?(3)
2 => true
3
4 > (0..10).include?(30)
5 => false
```

Apesar da facilidade com um teste simples, o método `any?` é muito prático no caso de procurarmos, por exemplo, um determinado objeto com um determinado valor de retorno em algum de seus métodos.

Detectar e retornar o primeiro elemento que atende uma condição

Se além de detectar quisermos retornar o elemento que atende à uma condição, podemos utilizar o método `detect?`:

```
1 > (0..10).detect { |valor| valor > 0 && valor % 4 == 0 }
2 => 4
```

Detectando os valores máximo e mínimo

Podemos usar `max` e `min` para isso:

```
1 > (0..10).max
2 => 10
3 > (0..10).min
4 => 0
```

É interessante notar que podemos passar um bloco onde serão comparados os valores para teste através do operador `<=>` (conhecido por “navinha”):

```

1 > %w(joao maria antonio).max { |elemento1, elemento2| elemento1.length <=> e1\
2 elemento2.length }
3 => "antonio"
4
5 > %w(joao maria antonio).min { |elemento1, elemento2| elemento1.length <=> e1\
6 elemento2.length }
7 => "joao"

```

**Dica**

O operador `<=>` compara o objeto da esquerda com o objeto da direita e retorna -1 se o objeto à esquerda for menor, 0 se for igual e 1 se for maior do que o da direita:

```

1 1 <=> 2 => -1
2 1 <=> 1 => 0
3 1 <=> -1 => 1

```

Olhem que interessante comparando valores de Hashes:

```

1 > { :joao => 33, :maria => 30, :antonio => 25 }.max { |elemento1, elemento2| \
2 elemento1[1] <=> elemento2[1] }
3 => [:joao, 33]
4
5 > { :joao => 33, :maria => 30, :antonio => 25 }.min { |elemento1, elemento2| \
6 elemento1[1] <=> elemento2[1] }
7 => [:antonio, 25]

```

A partir da versão 2.4, a diferença entre os métodos `min` e `max` é brutal. Vamos rodar o seguinte código em ambas as versões (ok, a parte de *benchmarks* ainda está bem na frente aqui no livro, mas vamos considerar somente os resultados aqui):

minmax.rb

```

1 require 'benchmark'
2
3 a = (1..1_000_000).to_a.shuffle
4
5 Benchmark.bm do |x|
6   x.report("min:") { 1000.times { a.min } }
7   x.report("max:") { 1000.times { a.max } }
8 end

```

Primeiro no Ruby 2.3.x:

```
1 ruby code/basico/minmax.rb
2      user      system      total      real
3 min: 60.410000  0.020000  60.430000 ( 60.438673)
4 max: 59.420000  0.030000  59.450000 ( 59.461824)
```

Agora no Ruby 2.4.x:

```
1 $ ruby code/basico/minmax.rb
2      user      system      total      real
3 min:  1.750000  0.000000  1.750000 ( 1.753964)
4 max:  1.940000  0.000000  1.940000 ( 1.943247)
```

Uau. De 60 segundos para menos de 2!



Desafio 2

Tem uma mágica de conversão escondida ali. Você consegue descobrir qual é?

Acumulando os elementos

Podemos acumular os elementos com `inject`, onde vão ser passados um valor acumulador e o valor corrente pego do iterador. Se desejarmos saber qual é a soma de todos os valores da nossa Range:

```
1 > (0..10).inject { |soma, valor| soma + valor }
2 => 55
```

Podemos passar também um valor inicial:

```
1 > (0..10).inject(100) { |soma, valor| soma + valor }
2 => 155
```

E também podemos passar o método que desejamos utilizar para combinação como um símbolo:

```
1 > (0..10).inject(:+)
2 => 55
3
4 > (0..10).inject(100, :+)
5 => 155
```

Para o pessoal que adora JavaScript, temos um *alias* simpático para `inject`, `reduce`:

```
1 > (0..10).reduce(:+)
2 => 55
3
4 > (0..10).reduce(100, :+)
5 => 155
```

E a partir da versão 2.4, temos o método `sum`:

```
1 > (1..10).sum
2 => 55
3
4 > (1..10).sum(100)
5 => 155
```

Dividir a coleção em dois Arrays obedecendo uma condição

Vamos separar os números pares dos ímpares usando `partition`:

```
1 > (0..10).partition { |valor| valor.even? }
2 => [[0, 2, 4, 6, 8, 10], [1, 3, 5, 7, 9]]
```

Percorrendo os elementos com os índices

Vamos ver onde cada elemento se encontra com `each_with_index`:

```
1 > (0..10).each_with_index { |item, indice| puts "#{item} indice #{indice}" }
2
3 => 0 indice 0
4 => 1 indice 1
5 => 2 indice 2
6 => 3 indice 3
7 => 4 indice 4
8 => 5 indice 5
9 => 6 indice 6
10 => 7 indice 7
11 => 8 indice 8
12 => 9 indice 9
13 => 10 indice 10
```

Ordenando uma coleção

Vamos ordenar um Array de Strings usando `sort`:

```

1 > %w(joao maria antonio).sort
2 => ["antonio", "joao", "maria"]

```

Podemos ordenar de acordo com algum critério específico, passando um bloco e usando `sort_by`:

```

1 > %w(antonio maria joao).sort_by { |nome| nome.length }
2 => ["joao", "maria", "antonio"]

```

Combinando elementos

Podemos combinar elementos com o método `zip`:

```

1 > (1..10).zip((11..20))
2 => [[1, 11], [2, 12], [3, 13], [4, 14], [5, 15], [6, 16], [7, 17], [8, 18], [\
3 9, 19], [10, 20]]
4
5 > (1..10).zip((11..20),(21..30))
6 => [[1, 11, 21], [2, 12, 22], [3, 13, 23], [4, 14, 24], [5, 15, 25], [6, 16, \
7 26], [7, 17, 27], [8, 18, 28], [9, 19, 29], [10, 20, 30]]

```

Também podemos usar `combination`:

```

1 > a = %w(john paul george ringo)
2 => ["john", "paul", "george", "ringo"]
3
4 > a.combination(2)
5 => #<Enumerable::Enumerator:0xb7d711a0>
6
7 > a.combination(2).to_a
8 => [["john", "paul"], ["john", "george"], ["john", "ringo"], ["paul", "george\
9 "], ["paul", "ringo"], ["george", "ringo"]]
10
11 a.combination(2) { |comb| puts "combinando #{comb[0]} com #{comb[1]}" }
12
13 => combinando john com paul
14 => combinando john com george
15 => combinando john com ringo
16 => combinando paul com george
17 => combinando paul com ringo
18 => combinando george com ringo

```

Ou `permutation`:

```

1 > a = %w(john paul george ringo)
2 => ["john", "paul", "george", "ringo"]
3 > a.permutation(2)
4 => #<Enumerable::Enumerator:0xb7ce41c4>
5 > a.permutation(2).to_a
6 => [["john", "paul"], ["john", "george"], ["john", "ringo"], ["paul", "john"],
7    , ["paul", "george"], ["paul", "ringo"], ["george", "john"], ["george", "paul"],
8    ], ["george", "ringo"], ["ringo", "john"], ["ringo", "paul"], ["ringo", "geo\
9    rge"]]
10
11 > a.permutation(2) { |comb| puts "combinando #{comb[0]} com #{comb[1]}" }
12
13 => combinando john com paul
14 => combinando john com george
15 => combinando john com ringo
16 => combinando paul com john
17 => combinando paul com george
18 => combinando paul com ringo
19 => combinando george com john
20 => combinando george com paul
21 => combinando george com ringo
22 => combinando ringo com john
23 => combinando ringo com paul
24 => combinando ringo com george

```

Ou product:

```

1 > beatles = %w(john paul george ringo)
2 => ["john", "paul", "george", "ringo"]
3 > stooges = %w(moe larry curly shemp)
4 => ["moe", "larry", "curly", "shemp"]
5
6 beatles.product(stooges)
7 => [["john", "moe"], ["john", "larry"], ["john", "curly"], ["john", "shemp"],\
8    ["paul", "moe"], ["paul", "larry"], ["paul", "curly"], ["paul", "shemp"], ["\
9    george", "moe"], ["george", "larry"], ["george", "curly"], ["george", "shemp"],\
10   ], ["ringo", "moe"], ["ringo", "larry"], ["ringo", "curly"], ["ringo", "shemp"],\
11   "]]

```

Percorrendo valores para cima e para baixo

Podemos usar upto, downto e step:


```
1 > 1.upto(5) { |num| print num, " " }
2 => 1 2 3 4 5
3 => 1
4
5 > 5.downto(1) { |num| print num, " " }
6 => 5 4 3 2 1
7 => 5
8
9 > 1.step(10,2) { |num| print num, " " }
10 => 1 3 5 7 9
11 => 1
```

Filtrando com o grep

Um método muito útil para coleções é o método `grep` (mesmo nome do utilitário de linha de comando - muito útil, por sinal). Podemos, por exemplo, encontrar determinadas Strings em um Array, no exemplo abaixo, todas as que tem comprimento entre 3 e 7 caracteres:

```
1 > %w(eustaquio rangel).grep(/\A\w{3,7}\z/)
2 => ["rangel"]
```

Selecionar todos os elementos que sejam iguais ao informado:

```
1 > [1, 0, 1, 1, 0].grep(0)
2 => [0, 0]
```

Encontrar os objetos de uma determinada classe ou módulo:

```
1 > [1, "String", 1.23, :aqui].grep(Numeric)
2 => [1, 1.23]
```

Selecionar os valores de uma determinada faixa, no exemplo abaixo, criando um Array com 10 elementos preenchidos por números de até 10, selecionando somente os únicos que estão entre 5 e 10:

```
1 > Array.new(10) { rand(10) }.grep(5..10).uniq
2 => [7, 5]
```

Utilizando uma `lambda` para selecionar determinada condição (no exemplo, as Strings cujo comprimento é maior que 3):

```
1 > lamb = ->(str) { str.length > 3 }
2 => #<Proc:0x00000003101ff0@(irb):47 (lambda)>
3
4 > %w(eustaquio taq rangel).grep(lamb)
5 => ["eustaquio", "rangel"]
```

E que tal fazer um sorteador de números da Megasena (se alguém ganhar, lembra de mim!) em apenas uma linha?

```
1 > (1..60).to_a.shuffle.take(6)
2 => [47, 8, 49, 19, 58, 22]
3
4 > (1..60).to_a.shuffle.take(6)
5 => [38, 17, 16, 29, 28, 37]
6
7 > (1..60).to_a.shuffle.take(6)
8 => [20, 28, 30, 16, 43, 52]
```

Inspecionando no encadeamento de métodos

Um método bem útil para o caso de precisarmos inspecionar ou registrar o conteúdo de algum objeto durante algum encadeamento de iteradores é o método `tap`. Vamos supor que você tem o seguinte código:

```
1 > (0..10).select { |num| num.even? }.map { |num| num * 2 }
2 => [0, 4, 8, 12, 16, 20]
```

Isso nada mais faz do que separar os números pares e multiplicá-los por 2, mas imaginemos que a coleção inicial não é formada por números e sim por objetos da nossa tabela de funcionários onde vamos selecionar somente algumas pessoas que atendem determinadas condições (usando o `select`) e reajustar o seu salário baseado em várias regras complexas (o `map`), e algum problema está ocorrendo na seleção.

O jeito convencional é criar uma variável temporária armazenando o conteúdo retornado pelo `select` e a imprimirmos, executando o `map` logo em seguida. Ou podemos fazer assim:

```
1 > (0..10).select { |num| num.even? }.tap{ |col| p col }.map { |num| num * 2 }
2 => [0, 2, 4, 6, 8, 10]
3 => [0, 4, 8, 12, 16, 20]
```

Isso nos mostra o conteúdo antes de ser enviado para o próximo método encadeado.

Métodos

Podemos definir métodos facilmente em Ruby, usando `def`, terminando (como sempre) com `end`:

```
1 > def diga_oi
2 >   puts "Oi!"
3 > end
4 > diga_oi
5 => "Oi!"
```

Executando esse código, será impresso Oi!. Já podemos reparar que os parênteses não são obrigatórios para chamar um método em Ruby.

Retornando valores

Podemos retornar valores de métodos com ou **sem** o uso de `return`. Quando não utilizamos `return`, o que ocorre é que a **última expressão avaliada é retornada**, como no exemplo:

```
1 > def vezes(p1, p2)
2 >   p1 * p2
3 > end
4 > puts vezes(2, 3)
5 => 6
```

No caso, foi avaliado por último `p1 * p2`, o que nos dá o resultado esperado. Também podemos retornar mais de um resultado, que na verdade é apenas um objeto, sendo ele complexo ou não, dando a impressão que são vários, como no exemplo que vimos atribuição em paralelo.

Vamos construir um método que retorna cinco múltiplos de um determinado número:

```
1 > def cinco_multiplos(numero)
2 >   (1..5).map { |valor| valor * numero }
3 > end
4
5 > v1, v2, v3, v4, v5 = cinco_multiplos(5)
6 > puts "#{v1}, #{v2}, #{v3}, #{v4}, #{v5}"
7 => 5, 10, 15, 20, 25
```

Enviando valores

Antes de mais nada, fica a discussão sobre a convenção sobre o que são parâmetros e o que são argumentos, convencionando-se à:

Parâmetros são as variáveis situadas na assinatura de um método; Argumentos são os valores atribuídos aos parâmetros

Vimos acima um exemplo simples de passagem de valores para um método, vamos ver outro agora:

```
1 > def vezes(n1, n2)
2 >   n1 * n2
3 > end
4 > puts vezes(3, 4)
5 => 12
```

Podemos contar quantos parâmetros um método recebe usando arity:

```
1 > def vezes(n1, n2)
2 >   n1 * n2
3 > end
4 > puts vezes(3, 4)
5 > puts "o metodo recebe #{method(:vezes).arity} parametros"
```

Métodos também podem receber parâmetros *default*, como por exemplo:

```
1 > def oi(nome = "Forasteiro")
2 >   puts "Oi, #{nome}!"
3 > end
4 > oi("TaQ")
5 => Oi, TaQ!
6 > oi
7 => Oi, Forasteiro!
```

E também valores variáveis, bastando declarar o nosso método como recebendo um parâmetro com o operador splat (asterisco, *) antes do nome do parâmetro:

```
1 > def varios(*valores)
2 >   valores.each { |valor| puts "valor=#{valor}" }
3 >   puts "-"*25
4 > end
5
6 => varios(1)
7 => valor=1
8 => -----
9 => varios(1,2)
10 => valor=1
11 => valor=2
12 => -----
13 => varios(1,2,3)
14 => valor=1
15 => valor=2
16 => valor=3
17 => -----
```

O operador `splat` pode parecer meio estranho, mas ele nada mais faz, na definição do método, do que concentrar todos os valores recebidos em um `Array`, como pudemos ver acima. Pensem nele como um buraco negro que suga todos os valores!

Quando usamos o `splat` na frente do nome de uma variável que se comporta como uma coleção, ele “explode” os seus valores, retornando os elementos individuais:

```
1 > array = %w(um dois tres)
2 => ["um", "dois", "tres"]
3
4 > p *array
5 => "um"
6 => "dois"
7 => "tres"
8 => nil
9
10 > hash = { :um => 1, :dois => 2, :tres => 3 }
11 => { :um => 1, :dois => 2, :tres => 3 }
12
13 > p *hash
14 => [:tres, 3]
15 => [:um, 1]
16 => [:dois, 2]
17 => nil
```

Podemos fazer uso dos argumentos nomeados (*keyword arguments*), indicando que o método vai receber os seus valores identificados:

```
1 > def mostra(a:, b:)
2 >   puts "a é igual #{a}, b é igual #{b}"
3 > end
4 > mostra(a: 1, b: 2)
5 => a é igual 1, b é igual 2
6 > mostra(b: 2, a: 1)
7 => a é igual 1, b é igual 2
```

Do modo definido acima, ambos os argumentos são obrigatórios:

```
1 > mostra(b: 2)
2 ArgumentError: missing keyword: a
3     from (irb):1:in `mostra'
```

Podemos também especificar valores *default* para eles:

```
1  def mostra(a: 1, b: 2)
2    puts "a é igual #{a}, b é igual #{b}"
3  end
4  > mostra(b: 2)
5  => a é igual 1, b é igual 2
```

E também misturar com os argumentos tradicionais:

```
1  > def mostra(a, b: 2)
2    > puts "a é igual #{a}, b é igual #{b}"
3  > end
4  > mostra(1, b: 2)
5  => a é igual 1, b é igual 2
```

Importante notar que a definição do método retorna um símbolo com o nome do método, o que nos permite chamar ele mais tarde direto por essa referência:

```
1  > met = def mostra(a, b: 2)
2    > puts "a é igual #{a}, b é igual #{b}"
3  > end
4  > send(met, 1, b: 10)
5  => a é igual 1, b é igual 10
```

Enviando e processando blocos e Procs

Como vimos com iteradores, podemos passar um bloco para um método, e para o executarmos dentro do método, usamos `yield`:

```
1  > def executa_bloco(valor)
2    > yield(valor)
3  > end
4
5  > executa_bloco(2) { |valor| puts valor * valor }
6  => 4
7
8  > executa_bloco(3) { |valor| puts valor * valor }
9  => 9
10
11 > executa_bloco(4) { |valor| puts valor * valor }
12 => 16
```

Podemos usar `block_given?` para detectar se um bloco foi passado para o método:

```
1 > def executa_bloco(valor)
2 >   yield(valor) if block_given?
3 > end
4 > executa_bloco(2) {|valor| puts valor*valor}
5 => 4
6 > executa_bloco(3)
7 > executa_bloco(4) {|valor| puts valor*valor}
8 => 16
```

Podemos também converter um bloco em uma Proc especificando o nome do último parâmetro com & no começo:

```
1 > def executa_bloco(valor, &proc)
2 >   puts proc.call(valor)
3 > end
4 > executa_bloco(2) { |valor| valor * valor }
5 => 4
```

Valores são transmitidos por referência

Como recebemos referências do objeto nos métodos, quaisquer alterações que fizermos dentro do método refletirão fora, como já vimos um pouco acima quando falando sobre variáveis. Vamos comprovar:

```
1 > def altera(valor)
2 >   valor.upcase!
3 > end
4 > string = "Oi, mundo!"
5 > altera(string)
6 > puts string
7 => "OI, MUNDO!"
```

Interceptando exceções direto no método

Uma praticidade grande é usarmos o corpo do método para capturarmos uma exceção, sem precisar abrir um bloco com begin e end:

```

1 > def soma(valor1, valor2)
2 >   valor1 + valor2
3 > rescue
4 >   nil
5 > end
6 > puts soma(1, 2)
7 => 3
8 > puts soma(1, :um)
9 => nil

```

Também podemos utilizar o `rescue` direto em um modificador de estrutura, como em:

```

1 > value = soma(1, nil) rescue nil
2 > => nil

```

Vale aqui lembrar que temos uma diferença de performance utilizando `rescue` dessa maneira, onde podemos utilizar o operador ternário:

rescue.rb

```

1 require 'benchmark'
2
3 limit = 1_000_000
4 str = nil
5
6 Benchmark.bm do |x|
7   x.report("rescue") do
8     limit.times { str.upcase rescue nil }
9   end
10  x.report("ternário") do
11    limit.times { str ? str.upcase : nil }
12  end
13 end

```

Rodando o programa, podemos ver que a diferença em utilizar o ternário é mais brutal que escutar “Abyssal Gates”, do Krisiun¹⁶:

```

1 $ ruby code/basico/rescue.rb
2      user      system      total      real
3 rescue   1.850000    0.000000    1.850000 ( 1.858982)
4 ternário 0.060000    0.000000    0.060000 ( 0.058927)

```

Então, se performance é um problema, considere em evitar utilizar o `rescue` dessa maneira.

¹⁶<https://play.spotify.com/track/3qjYZKsyuNZ4strUS1vTN>

Métodos destrutivos e predicados

Também podemos utilizar os caracteres ! e ? no final dos nomes dos nossos métodos. Por convenção, métodos com ! no final são chamados de **métodos destrutivos** e com ? no final são chamados de **métodos predicados** e são utilizados para testar algo e devem ter retorno *booleano*, retornando true ou false:

```
1  > def revup!(str)
2  >   str.reverse!.upcase!
3  > end
4  > str = "teste"
5
6  > puts str.object_id
7  => 74439960
8
9  > revup!(str)
10 => ETSET
11
12 > puts str
13 => ETSET
14
15 > puts str.object_id
16 => 74439960
17
18 > def ok?(obj)
19 >   !obj.nil?
20 > end
21
22 > puts ok?(1)
23 => true
24
25 > puts ok?("um")
26 => true
27
28 > puts ok?(:um)
29 => true
30
31 > puts ok?(nil)
32 => false
```

Podemos simular argumentos nomeados usando uma Hash:

```
1 > def test(args)
2 >   one = args[:one]
3 >   two = args[:two]
4 >   puts "one: #{one} two: #{two}"
5 > end
6
7 > test(one: 1, two: 2)
8 => one: 1 two: 2
9
10 > test(two: 2, one: 1)
11 => one: 1 two: 2
```



Novidade em Ruby 2.0

A partir de Ruby 2.0 já temos suporte para argumentos nomeados:

```
1 def foo(str: "foo", num: 123456)
2   [str, num]
3 end
4
5 p foo(str: 'buz', num: 9)
6 => ['buz', 9]
7 p foo(str: 'bar')
8 => ['bar', 123456]
9 p foo(num: 123)
10 => ['foo', 123]
11 p foo
12 => ['foo', 123456]
13 p foo(bar: 'buz') # => ArgumentError
```

Também podemos capturar um método como se fosse uma Proc:

capture.rb

```
1 class Teste
2   def teste(qtde)
3     qtde.times { puts "teste!" }
4   end
5 end
6
7 t = Teste.new
8 m = t.method(:teste)
9 p m
10 m.(3)
11 p m.to_proc
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby capture.rb
2 #<Method: Teste#teste>
3 teste!
4 teste!
5 teste!
6 #<Proc:0x8d3c4b4 (lambda)>
```

Como podemos ver, o resultado é um objeto do tipo `Method`, mas que pode ser convertido em uma `Proc` usando o método `to_proc`.

E agora um método de nome totalmente diferente usando o suporte para encodings do Ruby a partir das versões 1.9.x:

encodingmeth.rb

```
1 module Enumerable
2   def Σ
3     self.inject { |memo, val| memo += val }
4   end
5 end
6
7 puts [1,2,3].Σ
8 puts (0..3).Σ
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby encodingmeth.rb
2 6
3 6
```

Uau! Para quem quiser inserir esses caracteres malucos no Vim, consulte o help dos *digraphs* com `:help digraphs`. Esse do exemplo é feito usando, no modo de inserção, CTRL+K +Z.

Classes e objetos

Como bastante coisas em Ruby são objetos, vamos aprender a criar os nossos. Vamos fazer uma classe chamada Carro, com algumas propriedades:

carro1.rb

```
1 class Carro
2   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
3     @marca = marca
4     @modelo = modelo
5     @cor = cor
6     @tanque = tanque
7   end
8 end
9 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
10 p corsa
11 puts corsa
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro1.rb
2 #<Carro:0x894c674 @marca=:chevrolet, @modelo=:corsa, @cor=:preto, @tanque=50>
3 #<Carro:0x894c674>
```

Para criarmos uma classe, usamos a palavra-chave `class`, seguida pelo nome da classe.

Segundo as convenções de Ruby, nos nomes dos métodos deve-se usar letras minúsculas separando as palavras com um sublinhado (`_`), porém nos nomes das classes é utilizado *camel case*, da mesma maneira que em Java, com maiúsculas separando duas ou mais palavras no nome da classe. Temos então classes com nomes como `MinhaClasse`, `MeuTeste`, `CarroPersonalizado`.

As propriedades do nosso objeto são armazenadas no que chamamos de *variáveis de instância*, que são quaisquer variáveis dentro do objeto cujo nome se inicia com `@`. Se fizermos referência para alguma que ainda não foi criada, ela será. Podemos inicializar várias dessas variáveis dentro do método `initialize`, que é o **construtor** do nosso objeto, chamado **após** o método `new`, que aloca espaço na memória para o objeto sendo criado.

Não temos métodos destrutores em Ruby, mas podemos associar uma `Proc` para ser chamada em uma instância de objeto cada vez que ela for limpa pelo *garbage collector*. Vamos verificar isso criando o arquivo `destructor.rb`:

```
1 > string = "Oi, mundo!"
2 > ObjectSpace.define_finalizer(string, lambda {|id| puts "Estou terminando o o\
3 bjeto #{id}"})
```

E agora rodando, o que vai fazer com que todos os objetos sejam destruídos no final:

```
1 $ ruby destructor.rb
2 Estou terminando o objeto 78268620
```



Dica

Podemos pegar um objeto pelo seu `object_id`:

```
1 > s = "oi"
2 => "oi"
3 > i = s.object_id
4 => 80832250
5 > puts ObjectSpace._id2ref(i)
6 => oi
```



Desafio 3

Crie mais algumas variáveis/referências como no exemplo acima, associando uma Proc com o `finalizer` do objeto. Repare que talvez algumas não estejam exibindo a mensagem. Porque?

Pudemos ver acima que usando `puts` para verificar o nosso objeto, foi mostrada somente a referência dele na memória. Vamos fazer um método novo na classe para mostrar as informações de uma maneira mais bonita. Lembram-se que em conversões utilizamos um método chamado `to_s`, que converte o objeto em uma String?

Vamos criar um para a nossa classe:

carro2.rb

```
1 class Carro
2   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
3     @marca = marca
4     @modelo = modelo
5     @cor = cor
6     @tanque = tanque
7   end
8
9   def to_s
```

```
10     "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
11   end
12 end
13
14 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
15 p corsa
16 puts corsa
```

Vamos ver o comportamento nas versões 1.8.x:

```
1 $ rvm 1.8.7
2 $ ruby carro2.rb
3 #<Carro:0xb75be6b0 @cor=:preto, @modelo=:corsa, @marca=:chevrolet, @tanque=50>
4 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:preto Tanque:50
```

E agora nas versões 1.9.x:

```
1 $ rvm 1.9.3
2 $ ruby carro2.rb
3 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:preto Tanque:50
4 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:preto Tanque:50
```

E agora nas versões 2.x:

```
1 $ rvm 2.0.0
2 $ ruby carro2.rb
3 #<Carro:0x85808b0 @marca=:chevrolet, @modelo=:corsa, @cor=:preto, @tanque=50>
4 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:preto Tanque:50
```



Sobrescrever o método `to_s` não deveria afetar o `inspect`. O pessoal discutiu muito isso e nas versões 2.x foi restaurado o comportamento antes das 1.9.x, como visto acima.



Ruby tem alguns métodos que podem confundir um pouco, parecidos com `to_s` e `to_i`, que são `to_str` e `to_int`. Enquanto `to_s` e `to_i` efetivamente fazem uma conversão de tipos, `to_str` e `to_int` indicam que os objetos podem ser representados como uma `String` e um `Fixnum`, respectivamente. Ou seja: `to_s` significa que o objeto **tem** representação como `String`, `to_str` significa que o objeto **é** uma representação de `String`.



Todo método chamado sem um receiver explícito será executado em `self`, que especifica o próprio objeto ou classe corrente.

Vimos como criar as propriedades do nosso objeto através das variáveis de instância, mas como podemos acessá-las? Isso vai nos dar um erro:

carro3.rb

```
1 class Carro
2   def initialize(marca,modelo,cor,tanque)
3     @marca = marca
4     @modelo = modelo
5     @cor = cor
6     @tanque = tanque
7   end
8
9   def to_s
10    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
11  end
12 end
13
14 corsa = Carro.new(:chevrolet,:corsa,:preto,50)
15 puts corsa.marca
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro3.rb
2 code/carro3.rb:14:in '<main>': undefined method 'marca' for Marca:chevrolet
3 Modelo:corsa Cor:preto Tanque:50:Carro (NoMethodError)
```

Essas variáveis são **privadas** do objeto, e não podem ser lidas sem um método de acesso. Podemos resolver isso usando `attr_reader`:

carro4.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :cor, :tanque
3
4   def initialize(marca,modelo,cor,tanque)
5     @marca = marca
6     @modelo = modelo
7     @cor = cor
8     @tanque = tanque
9   end
10
11   def to_s
12    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
13  end
14 end
15
16 corsa = Carro.new(:chevrolet,:corsa,:preto,50)
17 puts corsa.marca
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro4.rb
2 chevrolet
```

Nesse caso, criamos atributos de leitura, que nos permitem a leitura da propriedade. Se precisarmos de algum atributo de escrita, para trocarmos a cor do carro, por exemplo, podemos usar:

carro5.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :cor, :tanque
3   attr_writer :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
18 corsa.cor = :branco
19 puts corsa
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro5.rb
2 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:branco Tanque:50
```

Podemos até encurtar isso mais ainda criando direto um atributo de escrita e leitura com attr_accessor:

carro6.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
18 corsa.cor = :branco
19 puts corsa
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro6.rb
2 Marca:chevrolet Modelo:corsa Cor:branco Tanque:50
```



Dica

Se precisarmos de objetos com atributos com escrita e leitura, podemos usar duas formas bem rápidas para criarmos nossos objetos. Uma é usando Struct:

```
1 Carro = Struct.new(:marca, :modelo, :cor, :tanque)
2 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
3 p corsa
4 => #<struct Carro marca=:chevrolet, modelo=:corsa, cor=:preto, tanque=50>
```

Outra é mais flexível ainda, usando OpenStruct, onde os atributos são criados na hora que precisamos deles:

```
1 require "ostruct"
2 carro = OpenStruct.new
3 carro.marca = :chevrolet
4 carro.modelo = :corsa
5 carro.cor = :preto
6 carro.tanque = 50
7 p carro
8 => #<OpenStruct tanque=50, modelo=:corsa, cor=:preto, marca=:chevrolet>
```

Também podemos criar atributos virtuais, que nada mais são do que métodos que agem como se fossem atributos do objeto. Vamos supor que precisamos de uma medida como galões, que equivalem a 3,785 litros, para o tanque do carro. Poderíamos fazer:

carro7.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15
16  def galoes
17    @tanque / 3.785
18  end
```

```
19 end
20
21 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
22 corsa.cor = :branco
23 puts corsa.galoes
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby carro7.rb
2 13.21003963011889
```

Classes abertas

Uma diferença de Ruby com várias outras linguagens é que as suas classes, mesmo as definidas por padrão e base na linguagem, são abertas, ou seja, podemos alterá-las depois que as declararmos. Por exemplo:

carro8.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
18
19 class Carro
20   def novo_metodo
21     puts "Novo método!"
22   end
23 end
24 corsa.novo_metodo
25
26 class Carro
```

```
27   remove_method :novo_metodo
28 end
29
30 corsa.novo_metodo
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/carro8.rb
2 Novo método!
3 code/carro8.rb:30:in '<main>': undefined method 'novo_metodo' for
4 Marca:chevrolet Modelo:corça Cor:preto Tanque:50:Carro (NoMethodError)
```

Pude inserir e remover um método que é incorporado aos objetos que foram definidos sendo daquela classe e para os novos a serem criados também. Também pudemos remover o método, o que gerou a mensagem de erro.

Navegação segura

Às vezes temos que testar determinados objetos e métodos verificando antes de eles existirem. Podemos ver isso no código abaixo, onde os objetos e métodos são verificados usando primeiro um `if` verificando se não existe alguma referência nula, depois, comentado, o método `try` do ActiveSupport do Rails e por último o “navegador de operação segura” `&.`, onde é tentado acessar `objeto&.propriedade`, retornando o valor ou nulo se falhar.

carro_safe.rb

```
1 class Volante
2   attr_reader :cor
3
4   def initialize(cor)
5     @cor = cor
6   end
7 end
8
9 class Carro
10  attr_reader :volante
11
12  def initialize(volante)
13    @volante = volante
14  end
15 end
16
17 volante = Volante.new(:preto)
18 carro   = Carro.new(volante)
```

```
19
20 puts carro.volante.cor if carro && carro.volante && carro.volante.cor
21 #puts carro.try(:volante).try(:cor)
22 puts carro&.volante&.cor
```

Aliases

Se por acaso quisermos guardar uma cópia do método que vamos redefinir, podemos usar `alias_method` para dar outro nome para ele:

methalias.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 class Carro
18   alias_method :to_s_old, :to_s
19   def to_s
20     "Esse é um novo jeito de mostrar isso: #{to_s_old}"
21   end
22 end
23
24 carro = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
25 puts carro
26 puts carro.to_s_old
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/methalias.rb
2 Esse é um novo jeito de mostrar isso: Marca:chevrolet Modelo:corça Cor:preto \
3 Tanque:50
4 Marca:chevrolet Modelo:corça Cor:preto Tanque:50
```

Inserindo e removendo métodos

Podemos também inserir um método somente em uma determinada instância:

insmethinst.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corça, :preto, 50)
18 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
19
20 class << corsa
21   def novo_metodo
22     puts "Novo método!"
23   end
24 end
25
26 corsa.novo_metodo
27 gol.novo_metodo
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/insmethinst.rb
2 Novo método!
3 code/insmethinst.rb:28:in '<main>': undefined method 'novo_metodo' for
4 Marca:volks Modelo:gol Cor:azul Tanque:42:Carro (NoMethodError)
```

Podemos ver que no caso do corsa, o novo método foi adicionado, mas não no gol. O que aconteceu ali com o operador/método <<? Hora de algumas explicações sobre **metaclasses**!

Metaclasses

Todo objeto em Ruby tem uma hierarquia de ancestrais, que podem ser vistos utilizando `ancestors`, como:

ancestors.rb

```
1 class Teste
2 end
3 p String.ancestors
4 p Teste.ancestors
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby ancestors.rb
2 [String, Comparable, Object, Kernel, BasicObject]
3 [Teste, Object, Kernel, BasicObject]
```

E cada objeto tem a sua **superclasse**:

superclasses.rb

```
1 class Teste
2 end
3
4 class OutroTeste < Teste
5 end
6
7 p String.superclass
8 p Teste.superclass
9 p OutroTeste.superclass
```

```

1 $ ruby superclasses.rb
2 Object
3 Object
4 Teste

```

Todos os objetos a partir das versões 1.9.x são derivados de `BasicObject`, que é o que chamamos de *blank slate*, que é um objeto que tem menos métodos que `Object`.

```

1 > BasicObject.instance_methods
2 => [[: , :equal?, :!, :!, :instance_eval, :instance_exec, :__send__]

```

O que ocorreu no exemplo da inserção do método na instância acima (quando utilizamos `<<`), é que o método foi inserido na **metaclass**, ou *eigenclass*, ou classe *singleton*, ou “classe fantasma” do objeto, que adiciona um novo elo na hierarquia dos ancestrais da classe da qual a instância pertence, ou seja, o método foi inserido antes da classe `Carro`. A procura do método (*method lookup*) se dá na *eigenclass* da instância, depois na hierarquia de ancestrais.



Em linguagens de tipagem estática, o compilador checa se o objeto *receiver* tem um método com o nome especificado. Isso é chamado checagem estática de tipos (*static type checking*), daí o nome da característica dessas linguagens.

Para isso ficar mais legal e prático, vamos ver como fazer dinamicamente, já começando a brincar com metaprogramação ¹⁷. Primeiro, com a classe:

carro9.rb

```

1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
18 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)

```

¹⁷Metaprogramação é escrever código que manipula a linguagem em *runtime*.


```

19
20 Carro.send(:define_method, "multiplica_tanque") do |valor|
21   @tanque * valor
22 end
23
24 puts corsa.multiplica_tanque(2)
25 puts gol.multiplica_tanque(2)

```

Rodando o programa:

```

1 $ ruby code/carro9.rb
2 100
3 84

```



Dica

Usamos send para acessar um método **privado** da classe.

Agora, com as instâncias:

carro10.rb

```

1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10  end
11
12  def to_s
13    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
14  end
15 end
16
17 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
18 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
19
20 (class << corsa; self; end).send(:define_method, "multiplica_tanque") do |val\
21 or|
22   @tanque * valor
23 end

```

```
24
25 puts corsa.multiplica_tanque(2)
26 puts gol.multiplica_tanque(2)
```

Rodando o programa:

```
1 100
2 code/carro10.rb:25:in '<main>': undefined method 'multiplica_tanque' for
3 Marca:volks Modelo:gol Cor:azul Tanque:42:Carro (NoMethodError)
```

Depois de ver tudo isso sobre inserção e remoção de métodos dinamicamente, vamos ver um truquezinho para criar um método “autodestrutivo”:

autodestruct.rb

```
1 class Teste
2   def apenas_uma_vez
3     def self.apenas_uma_vez
4       raise Exception, "Esse metodo se destruiu!"
5     end
6     puts "Vou rodar apenas essa vez hein?"
7   end
8 end
9
10 teste = Teste.new
11 teste.apenas_uma_vez
12 teste.apenas_uma_vez
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/autodestruct.rb
2 Vou rodar apenas essa vez hein?
3 code/autodestruct.rb:4:in 'apenas_uma_vez': Esse metodo se destruiu!
4 (Exception) from code/autodestruct.rb:12:in '<main>'
```

Isso não é algo que se vê todo dia, yeah! :-)

Variáveis de classe

Também podemos ter variáveis de classes, que são variáveis que se encontram no **contexto da classe** e **não das instâncias dos objetos da classe**. Variáveis de classes tem o nome começado com @@ e devem ser inicializadas antes de serem usadas. Por exemplo:

classvar1.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4   @@qtde = 0
5
6   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
7     @marca = marca
8     @modelo = modelo
9     @cor = cor
10    @tanque = tanque
11    @@qtde += 1
12  end
13
14  def to_s
15    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
16  end
17
18  def qtde
19    @@qtde
20  end
21 end
22
23 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
24 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
25 ferrari = Carro.new(:ferrari, :viper, :vermelho, 70)
26
27 puts ferrari.qtde
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/classvar1.rb
2 3
```

Para que não precisemos acessar a variável através de uma instância, podemos criar um **método de classe**, utilizando `self.` antes do nome do método:

classvar2.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4   @@qtde = 0
5
6   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
7     @marca = marca
8     @modelo = modelo
9     @cor = cor
10    @tanque = tanque
11    @@qtde += 1
12  end
13
14  def to_s
15    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
16  end
17
18  def self.qtde
19    @@qtde
20  end
21 end
22
23 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
24 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
25 ferrari = Carro.new(:ferrari, :enzo, :vermelho, 70)
26 puts Carro.qtde
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/classvar2.rb
2 3
```

Os métodos de classe também podem ser chamados de **métodos estáticos**, em que não precisam de uma instância da classe para funcionar. Fazendo uma pequena comparação com variáveis e métodos estáticos em Java, no arquivo CarroEstatico.java:

CarroEstatico.java

```
1 public class CarroEstatico {
2     private static int qtde = 0;
3
4     public CarroEstatico() {
5         ++qtde;
6     }
7
8     public static int qtde() {
9         return qtde;
10    }
11
12    public static void main(String args[]) {
13        CarroEstatico[] carros = new CarroEstatico[10];
14
15        for (int i = 0; i < carros.length; i++) {
16            carros[i] = new CarroEstatico();
17            System.out.println(CarroEstatico.qtde() + " carros");
18        }
19    }
20 }
```

Rodando o programa:

```
1 $ java CarroEstatico
2 1 carros
3 2 carros
4 3 carros
5 4 carros
6 5 carros
7 6 carros
8 7 carros
9 8 carros
10 9 carros
11 10 carros
```

Interfaces fluentes

O método `self` é particularmente interessante para desenvolvermos *interfaces fluentes*¹⁸, que visa a escrita de código mais legível, geralmente implementada utilizando métodos encadeados, auto-referenciais no contexto (ou seja, sempre se referindo ao mesmo objeto) até que seja encontrado e retornado um contexto vazio. Poderíamos ter uma interface fluente bem básica para montar alguns comandos `select` SQL dessa forma:

¹⁸http://en.wikipedia.org/wiki/Fluent_interface

fluent.rb

```
1 class SQL
2   attr_reader :table, :conditions, :order
3
4   def from(table)
5     @table = table
6     self
7   end
8
9   def where(cond)
10    @conditions = cond
11    self
12  end
13
14  def order(order)
15    @order = order
16    self
17  end
18
19  def to_s
20    "select * from #{@table} where #{@conditions} order by #{@order}"
21  end
22 end
23
24 sql = SQL.new.from("carros").where("marca='Ford'").order("modelo")
25 puts sql
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fluent.rb
2 select * from carros where marca='Ford' order by modelo
```

Reparem que `self` sempre foi retornado em todos os métodos, automaticamente retornando o próprio objeto de onde o método seguinte do encadeamento foi chamado.

Variáveis de instância de classe

Um problema que acontece com as variáveis de classe utilizando `@@` é que elas não pertencem realmente às classes, e sim à hierarquias, podendo permear o código dessa maneira:

classvar3.rb

```
1 @@qtde = 10
2
3 class Carro
4   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
5   attr_accessor :cor
6   @@qtde = 0
7   puts self
8
9   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
10     @marca = marca
11     @modelo = modelo
12     @cor = cor
13     @tanque = tanque
14     @@qtde += 1
15   end
16
17   def to_s
18     "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
19   end
20
21   def self.qtde
22     @@qtde
23   end
24 end
25
26 puts self
27 puts @@qtde
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/classvar3.rb
2 Carro
3 main
4 0
```

**Alerta**

Em Ruby 2.0, rodar esse programa nos retorna um *warning*:

```
1 $ ruby classvar3.rb
2 classvar3.rb:2: warning: class variable access from toplevel
3 Carro
4 main
5 classvar3.rb:28: warning: class variable access from toplevel
6 0
```

Está certo que esse não é um código comum de se ver, mas já dá para perceber algum estrago quando as variáveis @@ são utilizadas dessa maneira. Repararam que a @@qtde *externa* teve o seu valor atribuído como 0 **dentro** da classe?

Podemos prevenir isso usando **variáveis de instância de classe**:

classvar4.rb

```

1  class Carro
2      attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3      attr_accessor :cor
4
5      class << self
6          attr_accessor :qtde
7      end
8      @qtde = 0
9
10     def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
11         @marca = marca
12         @modelo = modelo
13         @cor = cor
14         @tanque = tanque
15         self.class.qtde += 1
16     end
17
18     def to_s
19         "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
20     end
21 end
22
23 corsa = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
24 gol = Carro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
25 ferrari = Carro.new(:ferrari, :enzo, :vermelho, 70)
26 puts Carro.qtde

```

```

1  $ ruby code/classvar4.rb
2  3

```

Vejam que a variável está na **instância da classe** (sim, classes tem uma instância “flutuando” por aí) e não em instâncias de objetos criados pela classe (os @) e nem são variáveis de classe (os @@).

Herança

Em Ruby, temos **herança única**, que significa que uma classe pode apenas ser criada herdando de apenas outra classe, reduzindo a complexidade do código. Como exemplo de alguma complexidade (pouca, nesse caso), vamos pegar de exemplo esse código em C++:

carro.cpp

```
1  #include <iostream>
2
3  using namespace std;
4
5  class Automovel {
6  public:
7      void ligar() {
8          cout << "ligando o automóvel\n";
9      }
10 };
11
12 class Radio {
13 public:
14     void ligar() {
15         cout << "ligando o rádio\n";
16     }
17 };
18
19 class Carro: public Automovel, public Radio {
20 public:
21     Carro() {}
22 };
23
24 int main() {
25     Carro carro;
26     carro.ligar(); // só compila com Automovel::ligar();
27     return 0;
28 }
```

Se compilarmos esse código, vamos ter esse resultado:

```
1  $ g++ -g -o carro carro.cpp
2  carro.cpp: Na função 'int main()':
3  carro.cpp:26:10: erro: request for member 'ligar' is ambiguous
4  carro.cpp:14:9: erro: candidates are: void Radio::ligar()
5  carro.cpp:7:9: erro:          void Automovel::ligar()
```

Não foi possível resolver qual método `ligar` era para ser chamado. Para isso, temos que indicar explicitamente em qual das classes herdadas o método vai ser chamado, trocando

```
1  carro.ligar();
```

para

```
1  carro.Automovel::ligar();
```

que resulta em

```
1  $ g++ -g -o carro carro.cpp
2  $ ./carro
3  ligando o automóvel
```

Para fazermos a herança nas nossas classes em Ruby, é muito simples, é só utilizarmos `class` <nome da classe filha> < <nome da classe pai>:

carro11.rb

```
1  class Carro
2    attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3    attr_accessor :cor
4    @@qtde = 0
5
6    def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
7      @marca = marca
8      @modelo = modelo
9      @cor = cor
10     @tanque = tanque
11     @@qtde += 1
12   end
13
14   def to_s
15     "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
16   end
17
18   def self.qtde
19     @@qtde
20   end
21 end
22
23 class NovoCarro < Carro
24   def to_s
25     "Marca nova:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
26   end
27 end
28
29 carro1 = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
30 carro2 = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :prata, 50)
31 novo_carro = NovoCarro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
32
33 puts carro1
```

```
34 puts carro2
35 puts novo_carro
36 puts Carro.qtde
37 puts NovoCarro.qtde
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/carro11.rb
2 Marca:chevrolet Modelo:corsea Cor:preto Tanque:50
3 Marca:chevrolet Modelo:corsea Cor:prata Tanque:50
4 Marca nova:volks Modelo:gol Cor:azul Tanque:42
5 3
6 3
```

Poderíamos ter modificado para usar o método super:

carro12.rb

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
3   attr_accessor :cor
4   @@qtde = 0
5
6   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
7     @marca = marca
8     @modelo = modelo
9     @cor = cor
10    @tanque = tanque
11    @@qtde += 1
12  end
13
14  def to_s
15    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
16  end
17 end
18
19 class NovoCarro < Carro
20   def to_s
21     "Novo Carro: "+super
22   end
23 end
24
25 carro = Carro.new(:chevrolet, :corsea, :preto, 50)
26 novo_carro = NovoCarro.new(:volks, :gol, :azul, 42)
27
28 puts carro
29 puts novo_carro
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/carro12.rb
2 Marca:chevrolet Modelo:corça Cor:preto Tanque:50
3 Novo Carro: Marca:volks Modelo:gol Cor:azul Tanque:42
```

O método `super` chama o mesmo método da classe pai, e tem dois comportamentos:

1. Sem parênteses, ele envia os mesmos argumentos recebidos pelo método corrente para o método pai.
2. Com parênteses, ele envia os argumentos seleccionados.

Podemos ver como enviar só os seleccionados:

`supermeth.rb`

```
1 class Teste
2   def metodo(parametro1)
3     puts parametro1
4   end
5 end
6
7 class NovoTeste < Teste
8   def metodo(parametro1, parametro2)
9     super(parametro1)
10    puts parametro2
11  end
12 end
13
14 t1 = Teste.new
15 t2 = NovoTeste.new
16 t1.metodo(1)
17 t2.metodo(2,3)
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/supermeth.rb
2 1
3 2
4 3
```

**Dica**

Podemos utilizar um *hook* (“gancho”) para descobrir quando uma classe herda de outra:

```
1  class Pai
2      def self.inherited(child)
3          puts "#{child} herdando de #{self}"
4      end
5  end
6
7  class Filha < Pai
8      end
9
10 $ ruby code/inherited.rb
11 Filha herdando de Pai
```

**Dica**

Se estivermos com pressa e não quisermos fazer uma declaração completa de uma classe com seus *readers*, *writers* ou *accessors*, podemos herdar de uma Struct (lembra dela?) com alguns atributos da seguinte maneira:

```
1  class Carro < Struct.new(:marca, :modelo, :cor, :tanque)
2      def to_s
3          "Marca: #{marca} modelo: #{modelo} cor: #{cor} tanque: #{tanque}"
4      end
5  end
6  fox = Carro.new(:vw, :fox, :verde, 45)
7  puts fox
8  => Marca: vw modelo: fox cor: verde tanque: 45
```

Duplicando de modo raso e profundo

Sabemos que os valores são transferidos por referência, e se quisermos criar novos objetos baseados em alguns existentes? Para esses casos, podemos duplicar um objeto usando `dup`, gerando um novo objeto:

```
1 > c1 = Carro.new
2 => #<Carro:0x9f0e138>
3
4 > c2 = c1
5 => #<Carro:0x9f0e138>
6
7 > c3 = c1.dup
8 => #<Carro:0x9f1d41c>
9
10 > c1.object_id
11 => 83390620
12
13 > c2.object_id
14 => 83390620
15
16 > c3.object_id
17 => 83421710
```

Essa funcionalidade está implementada automaticamente para os objetos que são instâncias da nossa classe, mas fica uma dica: existem casos em que precisamos ter propriedades diferentes ao efetuar a cópia, como por exemplo, a variável de instância `@criado`, onde se utilizarmos `dup`, vai ser duplicada e não vai refletir a data e hora que esse novo objeto foi criado através da duplicação do primeiro:

`dup.rb`

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque, :criado
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10    @criado = Time.now
11  end
12
13  def to_s
14    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
15  end
16 end
17
18 carro = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
19 puts carro.criado
20 sleep 1
21
```

```
22 outro_carro = carro.dup
23 puts outro_carro.criado
```

Rodando o programa:

```
1 $ruby dup.rb
2 2016-06-29 22:36:10 -0300
3 2016-06-29 22:36:10 -0300
```

Apesar de esperarmos 1 segundo utilizando o método `sleep`, o valor de `@criado` na cópia do objeto feita com `dup` permaneceu o mesmo. Para evitar isso, utilizamos `initialize_copy` na nossa classe, que vai ser chamado quando o objeto for duplicado, atualizando o valor da variável de instância `@criado_em`:

`initializecopy.rb`

```
1 class Carro
2   attr_reader :marca, :modelo, :tanque, :criado
3   attr_accessor :cor
4
5   def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
6     @marca = marca
7     @modelo = modelo
8     @cor = cor
9     @tanque = tanque
10    @criado = Time.now
11  end
12
13  def initialize_copy(original)
14    puts "criado objeto novo #{self.object_id} duplicado de #{original.object\
15 _id}"
16    @criado = Time.now
17  end
18
19  def to_s
20    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
21  end
22 end
23
24 carro = Carro.new(:chevrolet, :corsa, :preto, 50)
25 puts carro.criado
26 puts carro.object_id
27 sleep 1
28
29 outro_carro = carro.dup
30 puts outro_carro.criado
31 puts outro_carro.object_id
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/initializecopy.rb
2 2016-06-29 22:36:10 -0300
3 83042330
4 criado objeto novo 82411250 duplicado de 83042330
5 2016-06-29 22:36:11 -0300
6 82411250
```

Agora a data e hora de criação/duplicação do objeto ficaram corretas.

Vale lembrar que cópias de objetos em Ruby usando `dup` são feitas usando o conceito de **shallow copy**, que duplica um objeto mas não os objetos referenciados dentro dele. Vamos ver um exemplo:

`shallow.rb`

```
1 class A
2   attr_reader :outro
3
4   def initialize(outro = nil)
5     @outro = outro
6   end
7
8   def show
9     puts "Estou em #{self.class.name}, #{object_id}"
10    puts "Outro: #{@outro.object_id} if !@outro.nil?"
11  end
12 end
13
14 class B < A
15 end
16
17 a = A.new
18 b = B.new(a)
19
20 a.show
21 b.show
22
23 b2 = b.dup
24 b2.show
```

Rodando o programa:


```
1 $ ruby code/shallow.rb
2 Estou em A, 75626430
3 Estou em B, 75626420
4 Outro: 75626430 <===== aqui!
5 Estou em B, 75626300
6 Outro: 75626430 <===== aqui!
```

Pudemos ver que o objeto que consta na variável `b` foi duplicado, porém o objeto que consta na referência em `a` continua o mesmo em `b2`!

Para evitar esse tipo de coisa, precisamos do conceito de **deep copy**, que irá duplicar o objeto e os objetos dentro dele, retornando objetos totalmente novos.

Em Ruby isso pode ser alcançado através de **serialização** utilizando `Marshal`, armazenando os objetos como um fluxo de dados binários e depois restaurando todos em posições de memória totalmente novas:

`deep.rb`

```
1 class A
2   attr_accessor :outro
3
4   def initialize(outro = nil)
5     @outro = outro
6   end
7
8   def show
9     puts "Estou em #{self.class.name}, #{object_id}"
10    puts "Outro: #{@outro.object_id} if !@outro.nil?"
11  end
12 end
13
14 class B < A
15 end
16
17 a = A.new
18 b = B.new(a)
19
20 a.show
21 b.show
22
23 b2 = Marshal.load(Marshal.dump(b))
24 b2.show
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/deep.rb
2 Estou em A, 74010500
3 Estou em B, 74010490
4 Outro: 74010500 <===== aqui!
5 Estou em B, 74010330
6 Outro: 74010300 <===== aqui!
```

Brincando com métodos dinâmicos e hooks

Podemos emular o comportamento de uma `OpenStruct` utilizando o método `method_missing`, que é chamado caso o seu objeto o tenha declarado, sempre que ocorrer uma exceção do tipo `NoMethodError`, ou seja, quando o método que tentamos acessar não existe:

`methmissing.rb`

```
1 class Teste
2   def method_missing(meth, value = nil)
3     sanitized = meth.to_s.split("=").first
4
5     if meth =~ /=$/
6       self.class.send(:define_method, meth) { |val| instance_variable_set("@#\
7 {sanitized}", val) }
8       self.send(meth, value)
9     else
10      self.class.send(:define_method, sanitized) { instance_variable_get("@#{\
11 sanitized}") }
12      self.send(meth)
13    end
14  end
15 end
16
17 t = Teste.new
18 t.oi = "oi, mundo!"
19 puts t.oi
20
21 puts t.hello
22 t.hello = "hello, world!"
23 puts t.hello
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/methmissing.rb
2 oi, mundo!
3 hello, world!
```

Vamos aproveitar e testar dois *hooks* para métodos, `method_added` e `method_removed`:

hooksmeth.rb

```
1 class Teste
2   def self.method_added(meth)
3     puts "Adicionado o método #{meth}"
4   end
5
6   def self.method_removed(meth)
7     puts "Removido o método #{meth}"
8   end
9 end
10
11 t = Teste.new
12 t.class.send(:define_method, "teste") { puts "teste!" }
13 t.teste
14 t.class.send(:remove_method, :teste)
15 t.teste
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/hooksmeth.rb
2 Adicionado o método teste
3 teste!
4 Removido o método teste
5 code/hooksmeth.rb:16:in '<main>': undefined method 'teste' for #<Teste:0x9f3d\
6 12c> (NoMethodError)
```

Podemos definir “métodos fantasmas” (*ghost methods*, buuuuu!), brincando com `method_missing`:

ghost.rb

```
1 class Teste
2   def method_missing(meth)
3     puts "Não sei o que fazer com a sua requisição: #{meth}"
4   end
5 end
6
7 t = Teste.new
8 t.teste
```

```
1 $ ruby code/ghost.rb
2 Não sei o que fazer com a sua requisição: teste
```

Manipulando métodos que se parecem com operadores

Vamos imaginar que temos uma classe chamada `CaixaDeParafusos` e queremos algum jeito de fazer ela interagir com outra, por exemplo, adicionando o conteúdo de um outra (e esvaziando a que ficou sem conteúdo). Podemos fazer coisas do tipo:

`caixa1.rb`

```
1 class CaixaDeParafusos
2   attr_reader :quantidade
3
4   def initialize(quantidade)
5     @quantidade = quantidade
6   end
7
8   def to_s
9     "Quantidade de parafusos na caixa #{self.object_id}: #{@quantidade}"
10  end
11
12  def +(outra)
13    CaixaDeParafusos.new(@quantidade + outra.quantidade)
14  end
15 end
16
17 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
18 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
19 caixa3 = caixa1 + caixa2
20
21 puts caixa1
22 puts caixa2
23 puts caixa3
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/caixa1.rb
2 Quantidade de parafusos na caixa 69826490: 10
3 Quantidade de parafusos na caixa 69826480: 20
4 Quantidade de parafusos na caixa 69826470: 30
```

Mas espera aí! Se eu somei uma caixa com a outra em uma terceira, não deveria ter sobrado nada nas caixas originais, mas ao invés disso elas continuam intactas. Precisamos zerar a quantidade de parafusos das outras caixas:

caixa2.rb

```
1 class CaixaDeParafusos
2   attr_reader :quantidade
3
4   def initialize(quantidade)
5     @quantidade = quantidade
6   end
7
8   def to_s
9     "Quantidade de parafusos na caixa #{self.object_id}: #{@quantidade}"
10  end
11
12  def +(outra)
13    CaixaDeParafusos.new(@quantidade + outra.quantidade)
14    @quantidade = 0
15    outra.quantidade = 0
16  end
17 end
18
19 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
20 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
21 caixa3 = caixa1 + caixa2
22
23 puts caixa1
24 puts caixa2
25 puts caixa3
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/caixa2.rb
2 code/caixa2.rb:15:in '+': undefined method 'quantidade=' for Quantidade de pa\
3 rafusos na caixa 74772290: 20:CaixaDeParafusos (NoMethodError)
4 from code/caixa2.rb:21:in '<main>'
```

Parece que ocorreu um erro ali, mas está fácil de descobrir o que é. Tentamos acessar a variável de instância da **outra caixa** enviada como parâmetro mas não temos um `attr_writer` para ela!

Mas espera aí: só queremos que essa propriedade seja alterada quando efetuando alguma operação com outra caixa de parafusos ou alguma classe filha, e não seja acessada por qualquer outra classe. Nesse caso, podemos usar um **método protegido**:

caixa3.rb

```
1 class CaixaDeParafusos
2   protected
3   attr_writer :quantidade
4
5   public
6   attr_reader :quantidade
7
8   def initialize(quantidade)
9     @quantidade = quantidade
10  end
11
12  def to_s
13    "Quantidade de parafusos na caixa #{self.object_id}: #{@quantidade}"
14  end
15
16  def +(outra)
17    nova = CaixaDeParafusos.new(@quantidade + outra.quantidade)
18    @quantidade = 0
19    outra.quantidade = 0
20    nova
21  end
22 end
23
24 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
25 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
26 caixa3 = caixa1 + caixa2
27
28 puts caixa1
29 puts caixa2
30 puts caixa3
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/caixa3.rb
2
3 Quantidade de parafusos na caixa 81467020: 0
4 Quantidade de parafusos na caixa 81467010: 0
5 Quantidade de parafusos na caixa 81467000: 30
```

Agora pudemos ver que tudo funcionou perfeitamente, pois utilizamos `protected` antes de inserir o `attr_writer`. Os **modificadores de controle de acesso de métodos** são:

1. **Públicos (public)** - Podem ser acessados por qualquer método em qualquer objeto.

2. **Privados (private)** - Só podem ser chamados dentro de seu próprio objeto, mas nunca é possível acessar um método privado de outro objeto, mesmo se o objeto que chama seja uma sub-classe de onde o método foi definido.
3. **Protegidos (protected)** - Podem ser acessados em seus descendentes.



Dica

Usando a seguinte analogia para lembrar do acesso dos métodos: vamos supor que você seja dono de um restaurante. Como você não quer que seus fregueses fiquem apertados você manda fazer um banheiro para o pessoal, mas nada impede também que apareça algum maluco da rua apertado, entre no restaurante e use seu banheiro (ainda mais se ele tiver 2 metros de altura, 150 kg e for lutador de alguma arte marcial). Esse banheiro é **público**.

Para seus empregados, você faz um banheirinho mais caprichado, que só eles tem acesso. Esse banheiro é **protegido**, sendo que só quem é do restaurante tem acesso. Mas você sabe que tem um empregado seu lá que tem uns problemas e ao invés de utilizar o banheiro, ele o **inutiliza**.

Como você tem enjos com esse tipo de coisa, manda fazer um banheiro **privado** para você, que só você pode usar.

Agora vamos supor que queremos dividir uma caixa em caixas menores com conteúdos fixos e talvez o resto que sobrar em outra. Podemos usar o método /:

caixa4.rb

```
1 class CaixaDeParafusos
2   protected
3   attr_writer :quantidade
4
5   public
6   attr_reader :quantidade
7
8   def initialize(quantidade)
9     @quantidade = quantidade
10  end
11
12  def to_s
13    "Quantidade de parafusos na caixa #{self.object_id}: #{@quantidade}"
14  end
15
16  def +(outra)
17    nova = CaixaDeParafusos.new(@quantidade + outra.quantidade)
18    @quantidade = 0
19    outra.quantidade = 0
20    nova
21  end
```

```

22
23   def /(quantidade)
24     caixas = Array.new(@quantidade / quantidade, quantidade)
25     caixas << @quantidade % quantidade if @quantidade % quantidade > 0
26     @quantidade = 0
27     caixas.map { |quantidade| CaixaDeParafusos.new(quantidade) }
28   end
29 end
30
31 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
32 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
33 caixa3 = caixa1 + caixa2
34
35 puts caixa3 / 8

```

```

1 $ ruby code/caixa4.rb
2 Quantidade de parafusos na caixa 67441310: 8
3 Quantidade de parafusos na caixa 67441300: 8
4 Quantidade de parafusos na caixa 67441290: 8
5 Quantidade de parafusos na caixa 67441280: 6

```

Ou podemos simplesmente pedir para dividir o conteúdo em X caixas menores, distribuindo uniformemente o seu conteúdo:

caixa5.rb

```

1 class CaixaDeParafusos
2   protected
3   attr_writer :quantidade
4
5   public
6   attr_reader :quantidade
7
8   def initialize(quantidade)
9     @quantidade = quantidade
10  end
11
12  def to_s
13    "Quantidade de parafusos na caixa #{self.object_id}: #{@quantidade}"
14  end
15
16  def +(outra)
17    nova = CaixaDeParafusos.new(@quantidade + outra.quantidade)
18    @quantidade = 0
19    outra.quantidade = 0

```



```
20     nova
21   end
22
23   def /(quantidade)
24     caixas = Array.new(quantidade, @quantidade / quantidade)
25     (@quantidade % quantidade).times { |indice| caixas[indice] += 1 }
26     @quantidade = 0
27     caixas.map { |quantidade| CaixaDeParafusos.new(quantidade) }
28   end
29 end
30
31 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
32 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
33 caixa3 = caixa1 + caixa2
34
35 puts caixa3 / 4
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/caixa5.rb
2 Quantidade de parafusos na caixa 81385900: 8
3 Quantidade de parafusos na caixa 81385890: 8
4 Quantidade de parafusos na caixa 81385880: 7
5 Quantidade de parafusos na caixa 81385870: 7
```

Executando blocos em instâncias de objetos

Quando temos uma instância de algum objeto, podemos executar blocos dessa maneira:

```
1 > i = 1
2 > i.instance_eval { puts "meu valor é: #{self}" }
3 => meu valor é: 1
```

O método `instance_eval` é bem legal, mas ele não recebe argumentos. Por exemplo:

```
1 > i.instance_eval 10, &->(val){ puts "meu valor é: #{self}, mais #{val} dá \
2 #{self + val}" }
3 => ArgumentError: wrong number of arguments (1 for 0)
```



Dica

Repararam como eu converti uma lambda para um bloco ali acima utilizando `&?`

Para aceitar argumentos, vamos utilizar `instance_exec`:

```
1 > i.instance_exec 10, &->(val){ puts "meu valor é: #{self}, mais #{val} dá \
2 #{self + val}" }
3 => meu valor é: 1, mais 10 dá 11
```

Closures

Vamos fazer um gancho aqui falando em classes e métodos para falar um pouco de **closures**. Closures são funções anônimas com escopo fechado que mantém o estado do ambiente em que foram criadas.

Os blocos de código que vimos até agora eram todos closures, mas para dar uma dimensão do fato de closures guardarem o seu ambiente podemos ver:

closures.rb

```
1 def cria_contador(inicial, incremento)
2   contador = inicial
3   lambda { contador += incremento }
4 end
5
6 meu_contador = cria_contador(0, 1)
7
8 puts meu_contador.call
9 puts meu_contador.call
10 puts meu_contador.call
```

```
1 $ ruby code/closures.rb
2 1
3 2
4 3
```

A Proc foi criada pela lambda na linha 3, que guardou a referência para a variável contador mesmo depois que saiu do escopo do método cria_contador.

Módulos

Mixins

Ruby tem herança única, como vimos quando criamos nossas próprias classes, mas conta com o conceito de módulos (também chamados nesse caso de mixins) para a incorporação de funcionalidades adicionais. Para utilizar um módulo, utilizamos include:

mod1.rb

```
1 class Primata
2   def come
3     puts "Nham!"
4   end
5
6   def dorme
7     puts "Zzzzzz..."
8   end
9 end
10
11 class Humano < Primata
12   def conecta_na_web
13     puts "Login ... senha ..."
14   end
15 end
16
17 module Ave
18   def voa
19     puts "Para o alto, e avante!"
20   end
21 end
22
23 class Mutante < Humano
24   include Ave
25 end
26
27 mutante = Mutante.new
28 mutante.come
29 mutante.dorme
30 mutante.conecta_na_web
31 mutante.voa
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod1.rb
2 Nham!
3 Zzzzzz...
4 Login ... senha ...
5 Para o alto, e avante!
```

Como pudemos ver, podemos mixar várias características de um módulo em uma classe. Isso poderia ter sido feito para apenas uma instância de um objeto usando `extend`, dessa forma:

mod2.rb

```
1 class Primata
2   def come
3     puts "Nham!"
4   end
5
6   def dorme
7     puts "Zzzzzz..."
8   end
9 end
10
11 class Humano < Primata
12   def conecta_na_web
13     puts "Login ... senha ..."
14   end
15 end
16
17 module Ave
18   def voa
19     puts "Para o alto, e avante!"
20   end
21 end
22
23 class Mutante < Humano
24   end
25
26 mutante = Mutante.new
27 mutante.extend(Ave)
28 mutante.come
29 mutante.dorme
30 mutante.conecta_na_web
31 mutante.voa
32
33 mutante2 = Mutante.new
34 mutante2.voa
```

```

1 $ ruby mod2.rb
2 Nham!
3 Zzzzzz...
4 Login ... senha ...
5 Para o alto, e avante!
6 code/mod2.rb:33:in '<main>': undefined method 'voa' for #<Mutante:0x855465c> \
7 (NoMethodError)

```

**Dica**

O método `extend` inclui os métodos de um módulo na *eingenclass* (classe fantasma, *singleton*, etc.) do objeto onde está sendo executado.

**Dica**

Também podemos incluir o módulo na classe dessa forma:

```

1 Humano.send(:include, Mutante)

```

Uma coisa bem importante a ser notada é que quanto usamos `include` os métodos provenientes do módulo são incluídos nas **instâncias das classes**, e não nas **classes** em si. Se quisermos definir métodos de classes dentro dos módulos, podemos utilizar um outro *hook* chamado `included`, usando um módulo interno (??):

`mod7.rb`

```

1 module TesteMod
2   module ClassMethods
3     def class_method
4       puts "Esse é um método da classe!"
5     end
6   end
7
8   def self.included(where)
9     where.extend(ClassMethods)
10  end
11
12  def instance_method
13    puts "Esse é um método de instância!"
14  end
15 end
16
17 class TesteCls
18   include TesteMod

```

```
19 end
20
21 t = TesteCls.new
22 t.instance_method
23 TesteCls.class_method
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod7.rb
2 Esse é um método de instância!
3 Esse é um método da classe!
```

Os métodos dos módulos são inseridos nas procura dos métodos (*method lookup*) logo **antes** da classe que os incluiu.

Se incluirmos o módulo em uma classe, os métodos do módulo se tornam métodos das instâncias da classe. Se incluirmos o módulo na *eigenclass* da classe, se tornam métodos da classe. Se incluirmos em uma instância da classe, se tornam métodos *singleton* do objeto em questão.

Temos alguns comportamentos bem úteis usando mixins. Alguns nos pedem apenas um método para dar em troca vários outros. Se eu quisesse implementar a funcionalidade do módulo Comparable no meu objeto, eu só teria que fornecer um método `<=>` (*starship*, “navinha”) e incluir o módulo:

mod3.rb

```
1 class CaixaDeParafusos
2   include Comparable
3   attr_reader :quantidade
4
5   def initialize(quantidade)
6     @quantidade = quantidade
7   end
8
9   def <=>(outra)
10    self.quantidade <=> outra.quantidade
11  end
12 end
13
14 caixa1 = CaixaDeParafusos.new(10)
15 caixa2 = CaixaDeParafusos.new(20)
16 caixa3 = CaixaDeParafusos.new(10)
17
18 puts caixa1 < caixa2
19 puts caixa2 > caixa3
20 puts caixa1 == caixa3
21 puts caixa3 > caixa2
22 puts caixa1.between?(caixa3, caixa2)
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod3.rb
2 true
3 true
4 true
5 false
6 true
```

Com isso ganhamos os métodos <, <=, ==, >, >= e between?. Vamos criar um iterador mixando o módulo Enumerable:

mod4.rb

```
1 class Parafuso
2   attr_reader :polegadas
3
4   def initialize(polegadas)
5     @polegadas = polegadas
6   end
7
8   def <=>(outro)
9     self.polegadas <=> outro.polegadas
10  end
11
12  def to_s
13    "Parafuso #{object_id} com #{@polegadas}\n"
14  end
15 end
16
17 class CaixaDeParafusos
18   include Enumerable
19
20   def initialize
21     @parafusos = []
22   end
23
24   def <<(parafuso)
25     @parafusos << parafuso
26   end
27
28   def each
29     @parafusos.each { |numero| yield(numero) }
30   end
31 end
32
```

```
33 caixa = CaixaDeParafusos.new
34 caixa << Parafuso.new(1)
35 caixa << Parafuso.new(2)
36 caixa << Parafuso.new(3)
37
38 puts "o menor parafuso na caixa é: #{caixa.min}"
39 puts "o maior parafuso na caixa é: #{caixa.max}"
40 puts "os parafusos com medidas par são: #{caixa.select { |parafuso| parafuso.\
41 polegadas % 2 == 0 }.join(', ')}"
42 puts "duplicando a caixa: #{caixa.map { |parafuso| Parafuso.new(parafuso.pole\
43 gadas * 2)}}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod4.rb
2 o menor parafuso na caixa é: Parafuso 72203410 com 1"
3 o maior parafuso na caixa é: Parafuso 72203390 com 3"
4 os parafusos com medidas par são: Parafuso 72203400 com 2"
5 duplicando a caixa: [Parafuso 72203110 com 2", Parafuso 72203100 com 4", Para\
6 fuso 72203090 com 6"]
```

Podemos ver como são resolvidas as chamadas de métodos utilizando ancestors:

ancestors.rb

```
1 class C
2   def x; "x"; end
3 end
4
5 module M
6   def x; '[' + super + ']'; end
7   def y; "y"; end
8 end
9
10 class C
11   include M
12 end
13
14 p C.ancestors
15 c = C.new
16 puts c.x
17 puts c.y
```

Rodando o programa:


```

1  [C, M, Object, Kernel, BasicObject]
2  x
3  y

```

Reparem que o módulo foi inserido na cadeia de chamadas *após* a classe corrente, tanto que quando temos na classe um método com o mesmo nome que o do módulo, é chamado o método da classe.



Novidade em Ruby 2.0

A partir da versão 2, temos o método `prepend`, que insere o módulo *antes* na cadeia de chamada de métodos:

```

1  class C
2    def x; "x"; end
3  end
4
5  module M
6    def x; '[' + super + ']'; end
7    def y; "y"; end
8  end
9
10 class C
11   prepend M
12 end
13
14 p C.ancestors # => [M, C, Object, Kernel, BasicObject]
15 c = C.new
16 puts c.x # => [x]
17 puts c.y # => y

```

Outro ponto bem importante para se notar é que, se houverem métodos em comum entre os módulos inseridos, o **método do último módulo incluído é que vai valer**. Vamos fazer um arquivo chamado `overmod.rb` com o seguinte código:

`overmod.rb`

```

1  module Automovel
2    def ligar
3      puts "ligando automóvel"
4    end
5  end
6
7  module Radio
8    def ligar
9      puts "ligando rádio"

```

```
10   end
11 end
12
13 class Carro
14   include Automovel
15   include Radio
16 end
17
18 c = Carro.new
19 c.ligar
```

Rodando o código:

```
1 $ ruby overmod.rb
2 ligando rádio
```

Pudemos ver que o módulo Radio foi incluído por último, consequentemente o seu método ligar é que foi utilizado. Isso é fácil de constatar verificando os ancestrais de Carro:

```
1 $ Carro.ancestors
2 => [Carro, Radio, Automovel, Object, Kernel, BasicObject]
```

Para chamar o método de Automovel, podemos explicitamente chamar o método dessa maneira, que faz um bind do método com o objeto corrente:

binding.rb

```
1 module Automovel
2   def ligar
3     puts "ligando automóvel"
4   end
5 end
6
7 module Radio
8   def ligar
9     puts "ligando rádio"
10  end
11 end
12
13 class Carro
14   include Automovel
15   include Radio
16
17   def ligar
18     Automovel.instance_method(:ligar).bind(self).call
```

```
19   end
20 end
21
22 Carro.new.ligar
```

Rodando o programa:

```
1   ligando automóvel
```

Módulos estendendo a si mesmos!

Aqui tem um lance meio *inception*: um módulo pode estender a si mesmo! Imaginem que precisamos de um módulo, *que não precisa de uma instância de um objeto*, que tem alguns métodos que podem ser chamados como métodos estáticos. Poderíamos ter algum como:

inception1.rb

```
1 module Inception
2   def self.hello
3     puts 'hello'
4   end
5
6   def self.world
7     puts 'world'
8   end
9 end
10
11 Inception.hello
12 Inception.world
```

Mas também podemos escrever isso dessa forma:

inception2.rb

```
1 module Inception
2   extend self
3
4   def hello
5     puts 'hello'
6   end
7
8   def world
9     puts 'world'
10  end
11 end
12
13 Inception.hello
14 Inception.world
```

No primeiro exemplo, ficou bem claro que os métodos são estáticos, através do uso de `self`, enquanto no segundo, ficou meio “feitiçaria”, fazendo com que o `extend self` no início fizesse com que o módulo estendesse a si mesmo, injetando os seus métodos de *instância* (hein?), da sua *eigenclass*, como métodos de *classe* (hein, de novo?!).

O resultado vai ser similar, mas convém analisar a clareza do código levando em conta a visibilidade do primeiro exemplo contrastando com a forma prática, porém “vodu”, do segundo.

Namespaces

Módulos também podem ser utilizados como **namespaces**, que nos permitem delimitar escopos e permitir a separação e resolução de identificadores, como classes e métodos, que sejam homônimos. Vamos pegar como exemplo um método chamado `comida_preferida`, que pode estar definido em várias classes **de mesmo nome**, porém em **módulos diferentes**:

`mod5.rb`

```
1 module Paulista
2   class Pessoa
3     def comida_preferida
4       "pizza"
5     end
6   end
7 end
8
9 module Gaucho
10  class Pessoa
11    def comida_preferida
12      "churrasco"
13    end
14  end
15 end
16
17 pessoa1 = Paulista::Pessoa.new
18 pessoa2 = Gaucho::Pessoa.new
19
20 puts pessoa1.comida_preferida
21 puts pessoa2.comida_preferida
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod5.rb
2 pizza
3 churrasco
```

Apesar de ambas as classes chamarem Pessoa e terem métodos chamados comida_preferida, elas estão separadas através de cada módulo em que foram definidas. É uma boa idéia utilizar namespaces quando criarmos algo com nome, digamos, comum, que sabemos que outras pessoas podem criar com os mesmos nomes. Em Java, por exemplo, [existe a convenção que um namespace pode ser um domínio invertido](#)¹⁹, utilizando a *keyword* package, como por exemplo:

```
1 package com.eustaquiorangel.paulista;
```

Dando uma olhada em como resolvemos isso em Java:

Pessoa.java

```
1 // localizado em com/eustaquiorangel/paulista/Pessoa.java
2 package com.eustaquiorangel.paulista;
3
4 public class Pessoa {
5     public static String comidaPreferida() {
6         return "pizza";
7     }
8 }
```

Pessoa.java

```
1 // localizado em com/eustaquiorangel/gaucha/Pessoa.java
2 package com.eustaquiorangel.gaucho;
3
4 public class Pessoa {
5     public static String comidaPreferida() {
6         return "churrasco";
7     }
8 }
```

Namespace.java

```
1 /**
2  * Exemplo de namespace utilizando duas classes com o mesmo nome, mas com
3  * namespaces diferentes
4  */
5 public class Namespace {
6     public static void main(String args[]) {
7         System.out.println(com.eustaquiorangel.paulista.Pessoa.comidaPreferida());
8         System.out.println(com.eustaquiorangel.gaucho.Pessoa.comidaPreferida());
9     }
10 }
```

¹⁹<http://docs.oracle.com/javase/tutorial/java/package/namingpkgs.html>

Está certo que cada arquivo tem que ser criado na estrutura de diretórios de acordo com o nome do package e outros detalhes, mas, depois de compilados (e opcionalmente empacotados), funciona direitinho:

```
1 $ javac -cp ..//* Namespace.java
2 $ java -cp ..//* Namespace
3 pizza
4 churrasco
```

Podemos implementar algumas funcionalidades interessantes com módulos, por exemplo, criar uma classe Singleton ²⁰:

mod6.rb

```
1 require "singleton"
2
3 class Teste
4   include Singleton
5 end
6
7 begin
8   Teste.new
9 rescue => exception
10  puts "Não consegui criar usando new: #{exception}"
11 end
12
13 puts Teste.instance.object_id
14 puts Teste.instance.object_id
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby mod6.rb
2 Não consegui criar usando new: private method 'new' called for Teste:Class
3 69705530
4 69705530
```

TracePoint



Atenção!

A classe TracePoint só está disponível a partir da versão 2.0 de Ruby. Em outras versões, comportamento similar pode ser obtido através do método set_trace_func²¹.

²⁰<http://pt.wikipedia.org/wiki/Singleton>

²¹http://ruby-doc.org/core-2.0/Kernel.html#method-i-set_trace_func

A classe `TracePoint` nos permite coletar informações durante a execução do nosso programa, interceptando vários tipos (ou todos) de eventos que ocorrem. Os eventos são:

- **:line** - executar código em uma nova linha
- **:class** - início da definição de uma classe ou módulo
- **:end** - fim da definição de uma classe ou módulo
- **:call** - chamada de um método Ruby
- **:return** - retorno de um método Ruby
- **:c_call** - chamada de uma rotina em C
- **:c_return** - retorno de uma rotina em C
- **:raise** - exceção disparada
- **:b_call** - início de um bloco
- **:b_return** - fim de um bloco
- **:thread_begin** - início de uma `Thread`
- **:thread_end** - fim de uma `Thread`

Quando interceptamos alguns desses eventos, temos na `TracePoint` as seguintes informações disponíveis:

- **binding** - o *binding* corrente do evento
- **defined_class** - a classe ou módulo do método chamado
- **event** - tipo do evento
- **inspect** - uma `String` com o *status* de forma legível
- **lineno** - o número da linha do evento
- **method_id** - o nome do método sendo chamado
- **path** - caminho do arquivo sendo executado
- **raised_exception** - exceção que foi disparada
- **return_value** - valor de retorno
- **self** - o objeto utilizado durante o evento

Para ativarmos a `TracePoint`, criamos uma nova instância da classe, com os eventos que queremos monitorar, e logo após chamamos o método `enable`. Vamos ver como funciona no arquivo `tpoint.rb`:

`tpoint.rb`

```
1 TracePoint.new(:class, :end, :call) do |tp|
2   puts "Disparado por #{tp.self} no arquivo #{tp.path} na linha #{tp.lineno}"
3 end.enable
4
5 module Paulista
6   class Pessoa
7     end
8   end
9   p = Paulista::Pessoa.new
```

Rodando o programa:

```

1 $ ruby tpoint.rb
2 Disparado por Paulista no arquivo tpoint.rb na linha 5
3 Disparado por Paulista::Pessoa no arquivo tpoint.rb na linha 6
4 Disparado por Paulista::Pessoa no arquivo tpoint.rb na linha 7
5 Disparado por Paulista no arquivo tpoint.rb na linha 8

```

A classe `TracePoint` nos permite fazer algumas coisas bem legais no nosso código. Como exemplo disso, vi em um [Metacast](http://www.metacasts.tv/casts/tracepoint)²² um exemplo para tentar definir uma interface²³ em Ruby, e dei uma mexida nele para ficar assim²⁴:

interface.rb

```

1 module AbstractInterface
2   class NotImplementedError < StandardError
3     def initialize(*methods)
4       super "You must implement the following methods: #{methods.join(', ')}"
5     end
6   end
7
8   def AbstractInterface.check_methods(klass, other, methods)
9     return if other.class == Module
10
11     TracePoint.new(:end) do |tp|
12       return if tp.self != other || methods.nil?
13       missing = methods.select { |method| !other.instance_methods.include?(me\
14 thod) }
15       raise NotImplementedError.new(missing) if missing.any?
16     end.enable
17   end
18
19   module ClassMethods
20     def abstract_method(*args)
21       return @abstract_method if !args
22       @abstract_method ||= []
23       @abstract_method.push(*args)
24     end
25
26     def included(other)
27       AbstractInterface.check_methods(self, other, @abstract_method)
28     end
29
30     def check_methods(klass, other, methods)
31       AbstractInterface.check_methods(klass, other, methods)
32     end

```

²²<http://www.metacasts.tv/casts/tracepoint>

²³[http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_\(programa%C3%A7%C3%A3o\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Interface_(programa%C3%A7%C3%A3o))

²⁴<https://gist.github.com/taq/5863818>


```
33   end
34
35   def self.included(other)
36     check_methods(self, other, @abstract_method)
37     other.extend ClassMethods
38   end
39 end
40
41 module FooBarInterface
42   include AbstractInterface
43   abstract_method :foo, :bar
44 end
45
46 module BazInterface
47   include AbstractInterface
48   abstract_method :baz
49 end
50
51 class Test
52   include FooBarInterface
53   include BazInterface
54
55   def foo
56     puts "foo"
57   end
58
59   def bar
60     puts "bar"
61   end
62
63   def baz
64     puts "baz"
65   end
66 end
67
68 t = Test.new
69 t.foo
70 t.bar
71 t.baz
```

Tentem comentar alguns dos métodos definidos em `Test` e rodar o programa, vai ser disparada uma exceção do tipo `NotImplementedError`!

Antes de ver mais uma funcionalidade bem legal relacionada à módulos, vamos ver como fazemos para instalar pacotes novos que vão nos prover essas funcionalidades, através das **RubyGems**.

Instalando pacotes novos através do RubyGems

O **RubyGems** é um projeto feito para gerenciar as **gems**, que são pacotes com aplicações ou bibliotecas Ruby, com nome e número de versão. O suporte à gems já se encontra instalado, pois instalamos o nosso interpretador Ruby com a RVM.

Se não estivermos utilizando a RVM, apesar de alguns sistemas operacionais já terem pacotes prontos, recomenda-se instalar a partir do código-fonte. Para isso, é necessário ter um interpretador de Ruby instalado e seguir os seguintes passos (lembrando de verificar qual é a última versão disponível em <http://rubygems.org>²⁵ e executar os comandos seguintes como *root* ou usando *sudo*):

```
1 wget http://production.cf.rubygems.org/rubygems/rubygems-1.8.5.tgz
2 tar xvzf rubygems-1.8.5.tgz
3 cd rubygems-1.8.5
4 ruby setup.rb
5 gem -v => 1.8.5
```



Dica

Certifique-se de ter instalado a biblioteca **zlib** (e, dependendo da sua distribuição, o pacote **zlib-devel** também).

Após instalado, vamos dar uma olhada em algumas opções que temos, sempre usando a opção como parâmetro do comando `gem`:

- **list** - Essa opção lista as gems atualmente instaladas. Por não termos ainda instalado nada, só vamos encontrar os sources do RubyGems.
- **install** - Instala a gem requisitada. No nosso caso, vamos instalar a **gem** `memoize`, que vamos utilizar logo a seguir:

```
1 gem install memoize
2 Successfully installed memoize-1.3.1
3 Installing ri documentation for memoize-1.3.1...
4 Installing RDoc documentation for memoize-1.3.1...
```

- **update** - Atualiza a *gem* específica ou todas instaladas. Você pode usar `--include-dependencies` para instalar todas as dependências necessárias.

²⁵<http://rubygems.org>

- **outdated** - Lista as *gems* que precisam de atualização no seu computador.
- **cleanup** - Essa é uma opção muito importante após rodar o `update`. Para evitar que algo se quebre por causa do uso de uma versão específica de um *gem*, o RubyGems mantém todas as versões antigas até que você execute o comando `cleanup`. Mas preste atenção se alguma aplicação não precisa de uma versão específica - e antiga - de alguma *gem*.
- **uninstall** - Desinstala uma *gem*.
- **search** - Procura uma determinada palavra em uma *gem*:

```
1  gem search -l memo
2  *** LOCAL GEMS ***
3  memoize (1.2.3)
```

Podem ser especificadas chaves para procurar as *gems* locais (`-l`) e remotas (`-r`). Verifique qual o comportamento padrão da sua versão do Ruby executando `search` sem nenhuma dessas chaves.



Depois de instalado, para atualizar o próprio RubyGems use a opção:

```
1  gem update --system
```

Instalamos essa *gem* específica para verificar uma funcionalidade muito interessante, a *memoization*, que acelera a velocidade do programa armazenando os resultados de chamadas aos métodos para recuperação posterior.

Se estivermos utilizando uma versão de Ruby **anterior** a 1.9.x, antes de mais nada temos que indicar, no início do programa, que vamos usar as *gems* através de

```
1  require "rubygems"
```

Sem isso o programa não irá saber que desejamos usar as *gems*, então “no-no-no se esqueça disso, Babalu!”. Algumas instalações e versões de Ruby da 1.9.x já carregam as RubyGems automaticamente, mas não custa prevenir.

**Dica**

Não confunda `require` com `include` ou com o método `load`. Usamos `include` para inserir os módulos, `require` para carregar “bibliotecas” de código e `load` para carregar e executar código, que pode ter o código carregado como um módulo anônimo, que é imediatamente destruído após o seu uso, se enviarmos `true` como o segundo argumento. Vamos ver sem utilizar `true`:

```
1  $ cat load1.rb
2
3  class Teste
4      def initialize
5          puts "comportamento padrão"
6      end
7  end
8
9  load("load2.rb")
10 Teste.new
11
12 $ cat load2.rb
13 # encoding: utf-8
14
15 class Teste
16     def initialize
17         puts "comportamento reescrito"
18     end
19 end
20
21 $ ruby load1.rb
22 => comportamento reescrito
23
24 agora, se utilizarmos `load("load2.rb",true)`:
25
26 => comportamento padrão
```

Agora vamos dar uma olhada na tal da *memoization*. Vamos precisar de um método com muitas chamadas, então vamos usar um recursivo. Que tal a sequência de Fibonacci ²⁶? Primeiro vamos ver sem usar *memoization*:

²⁶http://en.wikipedia.org/wiki/Fibonacci_number

memo1.rb

```
1 def fib(numero)
2   return numero if numero < 2
3   fib(numero - 1) + fib(numero - 2)
4 end
5
6 puts Time.now
7 puts fib(ARGV[0].to_i)
8 puts Time.now
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby memo1.rb 10
2 2016-06-30 20:16:08 -0300
3 55
4 2016-06-30 20:16:08 -0300
5
6 $ ruby memo1.rb 20
7 2016-06-30 20:16:10 -0300
8 6765
9 2016-06-30 20:16:10 -0300
10
11 $ ruby memo1.rb 30
12 2016-06-30 20:16:12 -0300
13 832040
14 2016-06-30 20:16:14 -0300
15
16 $ ruby memo1.rb 40
17 2016-06-30 20:16:13 -0300
18 102334155
19 2016-06-30 20:16:56 -0300
```

Recomendo não usar um número maior que 40 ali não se vocês quiserem dormir em cima do teclado antes de acabar de processar. ;-)

Vamos fazer uma experiência e fazer o mesmo programa em Java:

Fib.java

```
1  import java.text.SimpleDateFormat;
2  import java.util.Calendar;
3
4  public class Fib {
5      public static long calcula(int numero) {
6          if (numero < 2) {
7              return numero;
8          }
9          return calcula(numero - 1) + calcula(numero - 2);
10     }
11
12     public static void main(String args[]) {
13         SimpleDateFormat fmt = new SimpleDateFormat("dd/MM/yyyy H:mm:ss");
14         System.out.println(fmt.format(Calendar.getInstance().getTime()));
15         System.out.println(calcula(Integer.parseInt(args[0])));
16         System.out.println(fmt.format(Calendar.getInstance().getTime()));
17     }
18 }
```

Rodando o programa:

```
1  $ java Fib 10
2  30/06/2016 20:18:26
3  55
4  30/06/2016 20:18:26
5
6  $ java Fib 20
7  30/06/2016 20:18:28
8  6765
9  30/06/2016 20:18:28
10
11 $ java Fib 30
12 30/06/2016 20:18:29
13 832040
14 30/06/2016 20:18:29
15
16 $ java Fib 40
17 30/06/2016 20:18:31
18 102334155
19 30/06/2016 20:18:32
```

Bem mais rápido hein? Mas agora vamos refazer o código em Ruby, usando *memoization*:

memo2.rb

```
1 require "memoize"
2 include Memoize
3
4 def fib(numero)
5   return numero if numero < 2
6   fib(numero-1)+fib(numero-2)
7 end
8 memoize(:fib)
9
10 puts Time.now
11 puts fib(ARGV[0].to_i)
12 puts Time.now
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby memo2.rb 40
2 2016-06-30 20:19:36 -0300
3 102334155
4 2016-06-30 20:19:36 -0300
5
6 $ ruby memo2.rb 50
7 2016-06-30 20:19:39 -0300
8 12586269025
9 2016-06-30 20:19:39 -0300
10
11 $ ruby memo2.rb 100
12 2016-06-30 20:19:41 -0300
13 354224848179261915075
14 2016-06-30 20:19:41 -0300
```

Uau! Se quiserem trocar aquele número de 40 para 350 agora pode, sério! :-) E ainda dá para otimizar mais se indicarmos um arquivo (nesse caso, chamado `memo.cache`) para gravar os resultados:

memo3.rb

```

1  require "memoize"
2  include Memoize
3
4  def fib(numero)
5      return numero if numero < 2
6      fib(numero - 1) + fib(numero - 2)
7  end
8  memoize(:fib, "memo.cache")
9
10 puts Time.now
11 puts fib(ARGV[0].to_i)
12 puts Time.now

```

Rodando o programa:

```

1  $ ruby memo3.rb 100
2  2016-06-30 20:21:22 -0300
3  354224848179261915075
4  2016-06-30 20:21:22 -0300
5
6  $ ruby memo3.rb 200
7  2016-06-30 20:21:25 -0300
8  280571172992510140037611932413038677189525
9  2016-06-30 20:21:25 -0300
10
11 $ ruby memo3.rb 350
12 2016-06-30 20:21:28 -0300
13 6254449428820551641549772190170184190608177514674331726439961915653414425
14 2016-06-30 20:21:28 -0300

```

**Dica**

Podemos fazer o mesmo comportamento de memoization utilizando uma Hash da seguinte maneira:

```

1  fib = Hash.new { |h, n| n < 2 ? h[n] = n : h[n] = h[n - 1] + h[n - 2] }
2
3  puts Time.now; puts fib[10]; puts Time.now
4  puts Time.now; puts fib[100]; puts Time.now
5  2016-11-24 18:12:55 -0200
6  55
7  2016-11-24 18:12:55 -0200
8  2016-11-24 18:12:59 -0200
9  354224848179261915075
10 2016-11-24 18:12:59 -0200

```




Outra dica

Podemos calcular uma aproximação de um número de Fibonacci usando a seguinte equação, onde n é a sequência que queremos descobrir e Φ (*Phi*) é a “proporção áurea”:

$$\Phi^n / \sqrt{5}$$

Podemos definir o cálculo da seguinte forma:

```
1  phi = (Math.sqrt(5) / 2) + 0.5      => 1.618033988749895
2  ((phi ** 1) / Math.sqrt(5)).round => 1
3  ((phi ** 2) / Math.sqrt(5)).round => 1
4  ((phi ** 3) / Math.sqrt(5)).round => 2
5  ((phi ** 4) / Math.sqrt(5)).round => 3
6  ((phi ** 5) / Math.sqrt(5)).round => 5
7  ((phi ** 6) / Math.sqrt(5)).round => 8
8  ((phi ** 7) / Math.sqrt(5)).round => 13
9  ((phi ** 8) / Math.sqrt(5)).round => 21
10 ((phi ** 9) / Math.sqrt(5)).round => 34
11 ((phi ** 10) / Math.sqrt(5)).round => 55
12 ((phi ** 40) / Math.sqrt(5)).round => 102334155
13 ((phi ** 50) / Math.sqrt(5)).round => 12586269025
14 ((phi ** 100) / Math.sqrt(5)).round => 354224848179263111168
```

Podemos ver que, quanto maior o número, mais ocorre algum pequeno desvio.

Threads

Uma linguagem de programação que se preze tem que ter suporte à *threads*. Podemos criar *threads* facilmente com Ruby utilizando a classe `Thread`:

thr1.rb

```
1 thread = Thread.new do
2   puts "Thread #{self.object_id} iniciada!"
3   5.times do |valor|
4     puts valor
5     sleep 1
6   end
7 end
8
9 puts "já criei a thread"
10 thread.join
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr1.rb
2 Thread 84077870 iniciada!
3 0
4 já criei a thread
5 1
6 2
7 3
8 4
```

O método `join` é especialmente útil para fazer a *thread* se completar antes que o interpretador termine. Podemos inserir um `timeout`:

thr2.rb

```
1 thread = Thread.new do
2   puts "Thread #{self.object_id} iniciada!"
3   5.times do |valor|
4     puts valor
5     sleep 1
6   end
7 end
8
9 puts "já criei a thread"
10 thread.join(3)
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr2.rb
2 já criei a thread
3 Thread 76000560 iniciada!
4 0
5 1
6 2
```

Podemos criar uma Proc (lembra-se delas?) e pedir que uma Thread seja criada executando o resultado da Proc, convertendo-a em um bloco (lembra-se disso também?):

thr3.rb

```
1 proc = Proc.new do |parametro|
2   parametro.times do |valor|
3     print "#{valor + 1}/#{parametro}"
4     sleep 0.5
5   end
6 end
7
8 thread = nil
9 5.times do |valor|
10  thread = Thread.new(valor, &proc)
11 end
12
13 thread.join
14 puts "Terminado!"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr3.rb
2 [1/4][1/2][1/1][1/3][2/2][2/3][2/4][3/3][3/4][4/4]Terminado!
```

Mas temos que ficar atentos à alguns pequenos detalhes. Podemos nos deparar com algumas surpresas com falta de sincronia em versões antigas da linguagem, como:

thr4.rb

```
1 maior, menor = 0, 0
2 log = 0
3
4 t1 = Thread.new do
5   loop do
6     maior += 1
7     menor -= 1
8   end
9 end
```

```
10
11 t2 = Thread.new do
12   loop do
13     log = menor + maior
14   end
15 end
16
17 sleep 3
18 puts "log vale #{log}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ rvm 1.8.7
2 $ ruby thr4.rb
3 log vale 1
```

O problema é que não houve sincronia entre as duas *threads*, o que nos levou a resultados diferentes no log, pois não necessariamente as variáveis eram acessadas de maneira uniforme. Lógico que não vamos ficar utilizando versões antigas da linguagem, mas temos que aprender o que podemos fazer quando tivermos essa falta de sincronia em alguma situação em versões recentes.

Podemos resolver isso usando um Mutex, que permite acesso exclusivo aos objetos “travados” por ele:

thr5.rb

```
1 maior, menor = 0, 0
2 log = 0
3
4 mutex = Mutex.new
5 t1 = Thread.new do
6   loop do
7     mutex.synchronize do
8       maior += 1
9       menor -= 1
10    end
11  end
12 end
13
14 t2 = Thread.new do
15   loop do
16     mutex.synchronize do
17       log = menor+maior
18     end
19   end
```

```
20 end
21
22 sleep 3
23 puts "log vale #{log}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr5.rb
2 log vale 0
```

Agora correu tudo como esperado. Podemos alcançar esse resultado também usando Monitor:

thr6.rb

```
1 require "monitor"
2
3 maior, menor = 0, 0
4 log = 0
5 mutex = Monitor.new
6 t1 = Thread.new do
7   loop do
8     mutex.synchronize do
9       maior += 1
10      menor -= 1
11    end
12  end
13 end
14
15 t2 = Thread.new do
16   loop do
17     mutex.synchronize do
18       log = menor+maior
19     end
20   end
21 end
22
23 sleep 3
24 puts "log vale #{log}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr6.rb
2 log vale 0
```

A diferença dos monitores é que eles podem ser uma classe pai da classe corrente, um mixin e uma extensão de um objeto em particular.

thr7.rb

```
1  require "monitor"
2
3  class Contador1
4    attr_reader :valor
5    include MonitorMixin
6
7    def initialize
8      @valor = 0
9      super
10   end
11
12   def incrementa
13     synchronize do
14       @valor = valor + 1
15     end
16   end
17 end
18
19 class Contador2
20   attr_reader :valor
21
22   def initialize
23     @valor = 0
24   end
25
26   def incrementa
27     @valor = valor + 1
28   end
29 end
30
31 c1 = Contador1.new
32 c2 = Contador2.new
33 c2.extend(MonitorMixin)
34
35 t1 = Thread.new { 100_000.times { c1.incrementa } }
36 t2 = Thread.new { 100_000.times { c1.incrementa } }
37
38 t1.join
39 t2.join
40 puts c1.valor
41
42 t3 = Thread.new { 100_000.times { c2.synchronize { c2.incrementa } } }
43 t4 = Thread.new { 100_000.times { c2.synchronize { c2.incrementa } } }
44
```

```
45 t3.join
46 t4.join
47 puts c2.valor
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr7.rb
2 200000
3 200000
```

Também para evitar a falta de sincronia, podemos ter **variáveis de condição** que sinalizam quando um recurso está ocupado ou liberado, através de `wait(mutex)` e `signal`. Vamos fazer duas Threads seguindo o conceito de produtor/consumidor:

thr8.rb

```
1 require "thread"
2
3 items = []
4 lock = Mutex.new
5 cond = ConditionVariable.new
6 limit = 0
7
8 produtor = Thread.new do
9   loop do
10    lock.synchronize do
11      qtde = rand(50)
12      next if qtde == 0
13
14      puts "produzindo #{qtde} item(s)"
15      items = Array.new(qtde, "item")
16      cond.wait(lock)
17      puts "consumo efetuado!"
18      puts "-" * 25
19      limit += 1
20    end
21    break if limit > 5
22  end
23 end
24
25 consumidor = Thread.new do
26   loop do
27     lock.synchronize do
28       if items.length > 0
29         puts "consumindo #{items.length} item(s)"
30         items = []
```

```
31         end
32         cond.signal
33     end
34 end
35 end
36 produtor.join
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr8.rb
2 produzindo 48 item(s)
3 consumindo 48 item(s)
4 consumo efetuado!
5 -----
6 produzindo 43 item(s)
7 consumindo 43 item(s)
8 consumo efetuado!
9 -----
10 produzindo 21 item(s)
11 consumindo 21 item(s)
12 consumo efetuado!
13 -----
14 produzindo 29 item(s)
15 consumindo 29 item(s)
16 consumo efetuado!
17 -----
18 produzindo 31 item(s)
19 consumindo 31 item(s)
20 consumo efetuado!
21 -----
22 produzindo 43 item(s)
23 consumindo 43 item(s)
24 consumo efetuado!
25 -----
```

O produtor produz os items, avisa o consumidor que está tudo ok, o consumidor consome os items e sinaliza para o produtor que pode enviar mais.

Comportamento similar de produtor/consumidor também pode ser alcançado utilizando Queues:

thr9.rb

```
1  require "thread"
2
3  queue = Queue.new
4  limit = 0
5
6  produtor = Thread.new do
7    loop do
8      qtde = rand(50)
9      next if qtde == 0
10
11      limit += 1
12      break if limit > 5
13      puts "produzindo #{qtde} item(s)"
14      queue.enq(Array.new(qtde, "item"))
15    end
16  end
17
18  consumidor = Thread.new do
19    loop do
20      obj = queue.deq
21      break if obj == :END_OF_WORK
22      print "consumindo #{obj.size} item(s)\n"
23    end
24  end
25
26  produtor.join
27  queue.enq(:END_OF_WORK)
28  consumidor.join
```

Rodando o programa:

```
1  $ ruby thr9.rb
2  produzindo 26 item(s)
3  consumindo 26 item(s)
4  produzindo 26 item(s)
5  consumindo 26 item(s)
6  produzindo 42 item(s)
7  consumindo 42 item(s)
8  produzindo 14 item(s)
9  consumindo 14 item(s)
10 produzindo 4 item(s)
11 consumindo 4 item(s)
```

A implementação das threads das versões 1.8.x usam *green threads* e não *native threads*. As *green threads* podem ficar bloqueadas se dependentes de algum recurso do sistema operacional, como nesse exemplo, onde utilizamos um FIFO ²⁷ (o do exemplo pode ser criado em um sistema Unix-like com `mkfifo teste.fifo`) para criar o bloqueio:

fifo.rb

```
1  proc = Proc.new do |numero|
2    loop do
3      puts "Proc #{numero}: #{'date'}"
4    end
5  end
6
7  fifo = Proc.new do
8    loop do
9      puts File.read("teste.fifo")
10   end
11 end
12
13 threads = []
14 (1..5).each do |numero|
15   threads << (numero == 3 ? Thread.new(&fifo) : Thread.new(numero, &proc))
16 end
17 threads.each(&:join)
```

Podemos interceptar um comportamento “bloqueante” também utilizando o método `try_lock`. Esse método tenta bloquear o `Mutex`, e se não conseguir, retorna `false`. Vamos supor que temos uma `Thread` que efetua um processamento de tempos em tempos, e queremos verificar o resultado corrente, aproveitando para colocar um *hook* para sairmos do programa usando CTRL+C:

thr11.rb

```
1  mutex = Mutex.new
2  last_result = 1
3  last_update = Time.now
4
5  trap("SIGINT") do
6    puts "saindo do programa ..."
7    exit
8  end
9
10 Thread.new do
11   loop do
12     sleep 5
13     puts "atualizando em #{Time.now} ..."
```

²⁷<http://pt.wikipedia.org/wiki/FIFO>

```
14     mutex.synchronize do
15       # alguma coisa demorada aqui
16       sleep 10
17       last_result += 1
18     end
19     last_update = Time.now
20     puts "atualizado em #{last_update}."
21   end
22 end
23
24 loop do
25   puts "aperte ENTER para ver o resultado:"
26   gets
27   if mutex.try_lock
28     begin
29       puts "resultado atualizado em #{last_update}: #{last_result}"
30     ensure
31       mutex.unlock
32     end
33   else
34     puts "sendo atualizado, resultado anterior em #{last_update}: #{last_resu\
35   lt}"
36   end
37 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby thr11.rb
2 aperte ENTER para ver o resultado:
3 resultado atualizado em 2016-07-05 18:35:54 -0300: 1
4
5 aperte ENTER para ver o resultado:
6 atualizando em 2016-07-05 18:35:59 -0300 ...
7 sendo atualizado, resultado anterior em 2016-07-05 18:35:54 -0300: 1
8
9 aperte ENTER para ver o resultado:
10 atualizado em 2016-07-05 18:36:09 -0300.
11 atualizando em 2016-07-05 18:36:14 -0300 ...
12 atualizado em 2016-07-05 18:36:24 -0300.
13 resultado atualizado em 2016-07-05 18:36:24 -0300: 3
14
15 aperte ENTER para ver o resultado:
16 resultado atualizado em 2016-07-05 18:36:24 -0300: 3
17
18 aperte ENTER para ver o resultado:
```

```
19 atualizando em 2016-07-05 18:36:29 -0300 ...
20 ^Csaindo do programa ...
```

Fibers

Entre as *features* introduzidas na versão 1.9, existe uma bem interessante chamada `Fibers`, volta e meia definidas como “*threads* leves”. Vamos dar uma olhada nesse código:

```
1 > 3.times { |item| puts item }
```

Até aí tudo bem, aparentemente um código normal que utiliza um iterador, mas vamos dar uma olhada nesse aqui:

fibers1.rb

```
1 enum1 = 3.times
2 enum2 = %w(zero um dois).each
3 puts enum1.class
4
5 loop do
6   puts enum1.next
7   puts enum2.next
8 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fibers1.rb
2 Enumerator
3 0
4 zero
5 1
6 um
7 2
8 dois
```

Dando uma olhada no nome da classe de `enum1`, podemos ver que agora podemos criar um `Enumerator` com vários dos iteradores à que já estávamos acostumados, e foi o que fizemos ali alternando entre os elementos dos dois `Enumerators`, até finalizar quando foi gerada uma exceção, capturada pela estrutura `loop...do`, quando os elementos terminaram.

O segredo nos `Enumerators` é que eles estão utilizando internamente as `Fibers`. Para um exemplo básico de `Fibers`, podemos ver como calcular, novamente, os números de Fibonacci:

fibers2.rb

```
1 fib = Fiber.new do
2   x, y = 0, 1
3   loop do
4     Fiber.yield y
5     x, y = y, x + y
6   end
7 end
8
9 10.times { puts fib.resume }
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fibers2.rb
2 1
3 1
4 2
5 3
6 5
7 8
8 13
9 21
10 34
11 55
```

O segredo ali é que `Fibers` são **corrotinas** e não **subrotinas**. Em uma subrotina o controle é retornado para o contexto de onde ela foi chamada geralmente com um `return`, e continua a partir dali liberando todos os recursos alocados dentro da rotina, como variáveis locais etc.

Em uma corrotina, o controle é desviado para outro ponto mas mantendo o contexto onde ele se encontra atualmente, de modo similar à uma `closure`. O exemplo acima funciona dessa maneira:

1. A `Fiber` é criada com `new`.
2. Dentro de um iterador que vai rodar 10 vezes, é chamado o método `resume`.
3. É executado o código do início do “corpo” da `Fiber` até `yield`.
4. Nesse ponto, o controle é transferido com o valor de `y` para onde foi chamado o `resume`, e impresso na tela.
5. A partir do próximo `resume`, o código da `Fiber` é executado do ponto onde parou para baixo, ou seja, da próxima linha após o `yield` (linha 5, mostrando outra característica das corrotinas, que é ter mais de um ponto de entrada) processando os valores das variáveis e retornando para o começo do `loop`, retornando o controle novamente com `yield`.
6. Pudemos comprovar que `x` e `y` tiveram seus valores preservados entre as trocas de controle.

Código parecido seria feito com uma `Proc` , dessa maneira:

fibers3.rb

```
1 def create_fib
2   x, y = 0, 1
3   lambda do
4     t, x, y = y, y, x + y
5     return t
6   end
7 end
8
9 proc = create_fib
10 10.times { puts proc.call }
```

```
1 $ ruby fibers3.rb
2 1
3 1
4 2
5 3
6 5
7 8
8 13
9 21
10 34
11 55
```

Nesse caso podemos ver o comportamento da Proc como uma **subrotina**, pois o valor que estamos interessados foi retornado com um return explícito (lembrem-se que em Ruby a última expressão avaliada é a retornada, inserimos o return explicitamente apenas para efeitos didáticos).

Mas ainda há algumas divergências entre Fibers serem corrotinas ou semi-corrotinas. As semi-corrotinas são diferentes das corrotinas pois só podem transferir o controle para quem as chamou, enquanto corrotinas podem transferir o controle para outra corrotina.

Para jogar um pouco de lenha na fogueira, vamos dar uma olhada nesse código:

fibers4.rb

```
1 f2 = Fiber.new do |value|
2   puts "Estou em f2 com #{value}, transferindo para onde vai resumir ..."
3   Fiber.yield value + 40
4   puts "Cheguei aqui?"
5 end
6
7 f1 = Fiber.new do
8   puts "Comecei f1, transferindo para f2 ..."
```

```
9     f2.resume 10
10 end
11
12 puts "Resumindo fiber 1: #{f1.resume}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fibers4.rb
2 Comecei f1, transferindo para f2 ...
3 Estou em f2 com 10, transferindo para onde vai resumir ...
4 Resumindo fiber 1: 50
```

Comportamento parecido com as semi-corrotinas! Mas e se fizermos isso:

fibers5.rb

```
1 require "fiber"
2
3 f1 = Fiber.new do |other|
4   puts "Comecei f1, transferindo para f2 ..."
5   other.transfer Fiber.current, 10
6 end
7
8 f2 = Fiber.new do |caller,value|
9   puts "Estou em f2, transferindo para f1 ..."
10  caller.transfer value + 40
11  puts "Cheguei aqui?"
12 end
13
14 puts "Resumindo fiber 1: #{f1.resume(f2)}"
```

```
1 $ ruby fibers5.rb
2 Comecei f1, transferindo para f2 ...
3 Estou em f2, transferindo para f1 ...
4 Resumindo fiber 1: 50
```

Nesse caso, f1 está transferindo o controle para f2 (que não é quem a chamou!), que transfere de volta para f1 que retorna o resultado em resume.

Discussões teóricas à parte, as Fibers são um recurso muito interessante. Para finalizar, um bate-bola rápido no esquema de “produtor-consumidor” usando Fibers:

fibers6.rb

```
1 require "fiber"
2
3 produtor = Fiber.new do |cons|
4   5.times do
5     items = Array.new((rand * 5).to_i + 1, "oi!")
6     puts "Produzidos #{items} ..."
7     cons.transfer Fiber.current, items
8   end
9 end
10
11 consumidor = Fiber.new do |prod, items|
12   loop do
13     puts "Consumidos #{items}"
14     prod, items = prod.transfer
15   end
16 end
17
18 produtor.resume consumidor
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fibers6.rb
2 Produzidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"] ...
3 Consumidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"]
4
5 Produzidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"] ...
6 Consumidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"]
7
8 Produzidos ["oi!"] ...
9 Consumidos ["oi!"]
10
11 Produzidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"] ...
12 Consumidos ["oi!","oi!","oi!","oi!","oi!"]
13
14 Produzidos ["oi!","oi!","oi!"] ...
15 Consumidos ["oi!","oi!","oi!"]
```

As Fibers também podem ajudar a separar contextos e funcionalidades em um programa. Se precisássemos detectar a frequência de palavras em uma String ou arquivo, poderíamos utilizar uma Fiber para separar as palavras, retornando para um contador:

fibers7.rb

```
1 str = <<FIM
2 texto para mostrar como podemos separar palavras do texto
3 para estatística de quantas vezes as palavras se repetem no
4 texto
5 FIM
6
7 scanner = Fiber.new do
8   str.scan(/\w\p{Latin}+/) do |word|
9     Fiber.yield word.downcase
10  end
11  puts "acabou!"
12 end
13
14 words = Hash.new(0)
15
16 while word = scanner.resume
17   words[word] += 1
18 end
19
20 words.each do |word, count|
21   puts "#{word}:#{count}"
22 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby fibers7.rb
2 acabou!
3 texto:3
4 para:2
5 mostrar:1
6 como:1
7 podemos:1
8 separar:1
9 palavras:2
10 do:1
11 estatística:1
12 de:1
13 quantas:1
14 vezes:1
15 as:1
16 se:1
17 repetem:1
18 no:1
```

**Dica**

Estão vendo como eu escrevi a expressão regular acima? O `\p{Latin}` é uma propriedade de caracter que habilita a expressão regular a entender os nossos caracteres acentuados.

Mais sobre as propriedades de caracteres na [documentação do Ruby](http://www.ruby-doc.org/core-1.9.3/Regexp.html#label-Character+Properties)²⁸.

**Desafio 5**

Tente fazer a frequência das palavras utilizando iteradores e blocos.

Fica uma dica que dá para fazer utilizando a mesma expressão regular e uma Hash.

²⁸<http://www.ruby-doc.org/core-1.9.3/Regexp.html#label-Character+Properties>

Continuations

Ruby também tem suporte à Continuations, que são, segundo a *Wikipedia*²⁹:

“Representações abstratas do controle de estado de um programa”

Um exemplo nos mostra que a *call stack* de um programa é preservada chamando uma Continuation:

cont.rb

```
1 require "continuation"
2
3 def cria_continuation
4   puts "Criando a continuation e retornando ..."
5   callcc { |obj| return obj }
6   puts "Ei, olha eu aqui de volta na continuation!"
7 end
8
9 puts "Vou criar a continuation."
10 cont = cria_continuation()
11 puts "Verificando se existe ..."
12
13 if cont
14   puts "Criada, vamos voltar para ela?"
15   cont.call
16 else
17   puts "Agora vamos embora."
18 end
19
20 puts "Terminei, tchau."
```

Rodando o programa:

²⁹<http://en.wikipedia.org/wiki/Continuations>

```
1 $ ruby cont.rb
2 Vou criar a continuation.
3 Criando a continuation e retornando ...
4 Verificando se existe ...
5 Criada, vamos voltar para ela?
6 Ei, olha eu aqui de volta na continuation!
7 Verificando se existe ...
8 Agora vamos embora.
9 Terminei, tchau.
```

Processos em paralelo

Podemos utilizar a *gem* `Parallel` ³⁰ para executar processamento em paralelo usando processos (em CPUs com vários processadores) ou utilizando as `Threads`:

```
1 $ gem install parallel
```

Vamos ver um exemplo utilizando `Threads`, que dão mais velocidade em operações bloqueantes, não usam memória extra e permitem modificação de dados globais:

`par.rb`

```
1 require "parallel"
2
3 puts Time.now
4 res = "Quem terminou primeiro? "
5
6 Parallel.map 1..20, in_threads: 4 do |nr|
7   5.times { |t| sleep rand; print "'#{nr}/#{t}' " }
8   puts "acabei com #{nr} "
9   res += "'#{nr}' "
10 end
11
12 puts res
13 puts Time.now
```

```
1 $ ruby par.rb
2 2016-08-17 22:07:29 -0300
3 '2/0' '1/0' '2/1' '3/0' '4/0' '1/1' '3/1' '4/1' '3/2' '2/2' '3/3' '4/2' '3/\
4 4' acabei com 3
5 '1/2' '4/3' '4/4' acabei com 4
6 '2/3' '6/0' '5/0' '1/3' '2/4' acabei com 2
7 '6/1' '1/4' acabei com 1
8 '6/2' '5/1' '8/0' '5/2' '7/0' '8/1' '6/3' '5/3' '8/2' '7/1' '6/4' acabei co\
9 m 6
10 '8/3' '5/4' acabei com 5
11 '8/4' acabei com 8
12 '9/0' '7/2' '11/0' '10/0' '7/3' '7/4' acabei com 7
13 '10/1' '9/1' '9/2' '11/1' '11/2' '12/0' '9/3' '10/2' '9/4' acabei com 9
14 '12/1' '10/3' '12/2' '11/3' '10/4' acabei com 10
```

³⁰<https://github.com/grosser/parallel>

```

15  '12/3' '12/4' acabei com 12
16  '13/0' '11/4' acabei com 11
17  '14/0' '15/0' '15/1' '16/0' '13/1' '15/2' '14/1' '13/2' '13/3' '16/1' '15/3\
18  ' '14/2' '14/3' '13/4' acabei com 13
19  '17/0' '17/1' '16/2' '15/4' acabei com 15
20  '14/4' acabei com 14
21  '18/0' '17/2' '19/0' '16/3' '19/1' '18/1' '17/3' '16/4' acabei com 16
22  '18/2' '17/4' acabei com 17
23  '19/2' '18/3' '19/3' '18/4' acabei com 18
24  '19/4' acabei com 19
25  '20/0' '20/1' '20/2' '20/3' '20/4' acabei com 20
26  Quem terminou primeiro? 3 4 2 1 6 5 8 7 9 10 12 11 13 15 14 16 17 18 19 20
27  2016-08-17 22:07:44 -0300

```

Agora, utilizando processos, que utilizam mais de um núcleo, dão mais velocidade para operações bloqueantes, protegem os dados globais, usam mais alguma memória e permitem interromper os processos filhos junto com o processo principal, através de CTRL+C ou enviando um sinal com `kill -2`:

par2.rb

```

1  require "parallel"
2
3  puts Time.now
4  res = "Quem terminou primeiro? "
5
6  Parallel.map 1..20, in_processes: 3 do |nr|
7    5.times {|t| sleep rand; print "'#{nr}/#{t}' " }
8    puts "acabei com #{nr} "
9    res += "'#{nr}' "
10 end
11
12 puts res
13 puts Time.now

```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby par2.rb
2 2016-08-17 22:09:25 -0300
3 '2/0' '3/0' '1/0' '1/1' '1/2' '1/3' '1/4' acabei com 1
4 '3/1' '4/0' '2/1' '2/2' '4/1' '3/2' '3/3' '2/3' '4/2' '2/4' acabei com 2
5 '3/4' acabei com 3
6 '4/3' '5/0' '5/1' '6/0' '4/4' acabei com 4
7 '7/0' '5/2' '6/1' '7/1' '5/3' '6/2' '5/4' acabei com 5
8 '6/3' '7/2' '7/3' '8/0' '6/4' acabei com 6
9 '9/0' '7/4' acabei com 7
10 '8/1' '9/1' '10/0' '8/2' '8/3' '8/4' acabei com 8
11 '9/2' '9/3' '11/0' '9/4' acabei com 9
12 '10/1' '11/1' '12/0' '12/1' '11/2' '12/2' '10/2' '11/3' '10/3' '12/3' '11/4\
13 ' acabei com 11
14 '13/0' '10/4' acabei com 10
15 '12/4' acabei com 12
16 '13/1' '15/0' '14/0' '14/1' '13/2' '13/3' '15/1' '14/2' '13/4' acabei com 1\
17 3
18 '14/3' '15/2' '15/3' '14/4' acabei com 14
19 '15/4' acabei com 15
20 '17/0' '16/0' '16/1' '16/2' '17/1' '18/0' '16/3' '16/4' acabei com 16
21 '17/2' '19/0' '17/3' '18/1' '17/4' acabei com 17
22 '19/1' '20/0' '18/2' '18/3' '19/2' '20/1' '18/4' acabei com 18
23 '19/3' '20/2' '20/3' '19/4' acabei com 19
24 '20/4' acabei com 20
25 Quem terminou primeiro?
26 2016-08-17 22:09:42 -0300
```



Desafio 4 Tente descobrir a diferença entre o código que utilizou threads e processes



Dica

Reparem que a frase “Quem terminou primeiro?” veio sem mais nada no final, e reparem também que estamos utilizando agora **processos** e que eu disse que Threads permitem a modificação de dados globais e processos não.

Para executar esse mesmo código utilizando o número de processadores da CPU, é só não especificar nem `in_threads` ou `in_processes`:

par3.rb

```

1  require "parallel"
2
3  puts Time.now
4  res = "Quem terminou primeiro? "
5
6  Parallel.map 1..20 do |nr|
7    5.times { |t| sleep rand; print "#{nr}/#{t}" }
8    puts "acabei com #{nr}"
9    res += "#{nr} "
10 end
11
12 puts res
13 puts Time.now

```

Rodando o programa:

```

1  $ ruby par3.rb
2  2016-08-17 22:11:13 -0300
3  '3/0' '4/0' '1/0' '3/1' '2/0' '2/1' '3/2' '1/1' '2/2' '4/1' '4/2' '1/2' '2/\
4  3' '3/3' '2/4' acabei com 2
5  '4/3' '1/3' '1/4' acabei com 1
6  '4/4' acabei com 4
7  '3/4' acabei com 3
8  '5/0' '7/0' '6/0' '8/0' '7/1' '5/1' '6/1' '7/2' '7/3' '8/1' '7/4' acabei co\
9  m 7
10 '5/2' '9/0' '9/1' '5/3' '9/2' '6/2' '9/3' '5/4' acabei com 5
11 '8/2' '6/3' '10/0' '6/4' acabei com 6
12 '9/4' acabei com 9
13 '12/0' '8/3' '11/0' '10/1' '12/1' '11/1' '8/4' acabei com 8
14 '11/2' '12/2' '11/3' '10/2' '13/0' '11/4' acabei com 11
15 '10/3' '13/1' '14/0' '12/3' '13/2' '14/1' '13/3' '10/4' acabei com 10
16 '13/4' acabei com 13
17 '12/4' acabei com 12
18 '15/0' '14/2' '17/0' '15/1' '16/0' '17/1' '16/1' '14/3' '17/2' '16/2' '17/3\
19 ' '15/2' '17/4' acabei com 17
20 '14/4' acabei com 14
21 '18/0' '16/3' '19/0' '16/4' acabei com 16
22 '15/3' '18/1' '20/0' '19/1' '18/2' '15/4' acabei com 15
23 '20/1' '19/2' '18/3' '20/2' '19/3' '18/4' acabei com 18
24 '19/4' acabei com 19
25 '20/3' '20/4' acabei com 20
26 Quem terminou primeiro?
27 2016-08-17 22:11:26 -0300

```

Fazendo uma comparação com Threads:

par4.rb

```

1 puts Time.now
2 res = "Quem terminou primeiro? "
3 threads = []
4
5 (1..20).each do |nr|
6   threads << Thread.new do
7     5.times { |t| sleep rand; print "#{nr}/#{t}" }
8     puts "acabei com #{nr}"
9     res += "#{nr} "
10  end
11 end
12 threads.each(&:join)
13
14 puts res
15 puts Time.now

```

Rodando o programa:

```

1 $ ruby par4.rb
2 2016-08-17 22:36:48 -0300
3 '12/0' '3/0' '7/0' '4/0' '3/1' '1/0' '12/1' '16/0' '9/0' '19/0' '7/1' '17/0\
4 ' '8/0' '3/2' '13/0' '15/0' '14/0' '1/1' '10/0' '10/1' '5/0' '11/0' '6/0' '20\
5 /0' '18/0' '3/3' '2/0' '8/1' '14/1' '17/1' '1/2' '12/2' '9/1' '19/1' '8/2' '1\
6 1/1' '4/1' '8/3' '11/2' '15/1' '12/3' '14/2' '16/1' '14/3' '2/1' '7/2' '5/1' \
7 '13/1' '1/3' '9/2' '17/2' '8/4' acabei com 8
8 '13/2' '10/2' '12/4' acabei com 12
9 '20/1' '20/2' '6/1' '20/3' '3/4' acabei com 3
10 '11/3' '18/1' '14/4' acabei com 14
11 '9/3' '19/2' '16/2' '4/2' '20/4' acabei com 20
12 '15/2' '2/2' '18/2' '7/3' '18/3' '5/2' '13/3' '1/4' acabei com 1
13 '13/4' acabei com 13
14 '10/3' '5/3' '17/3' '11/4' acabei com 11
15 '19/3' '6/2' '16/3' '2/3' '9/4' acabei com 9
16 '15/3' '4/3' '19/4' acabei com 19
17 '2/4' acabei com 2
18 '16/4' acabei com 16
19 '17/4' acabei com 17
20 '7/4' acabei com 7
21 '15/4' acabei com 15
22 '10/4' acabei com 10
23 '18/4' acabei com 18
24 '5/4' acabei com 5
25 '4/4' acabei com 4

```

```
26      '6/3' '6/4' acabei com 6
27      Quem terminou primeiro? 8 12 3 14 20 1 13 11 9 19 2 16 17 7 15 10 18 5 4 6
28      2016-08-17 22:36:52 -0300
```

Benchmarks

Ao invés de medir nosso código através de sucessivas chamadas à `Time.now`, podemos utilizar o módulo de *benchmark*, primeiro medindo uma operação simples, como criar uma `String` enorme:

```
1 > require "benchmark"
2 > Benchmark.measure { "-" * 1_000_000 }
3 =>    0.000000    0.000000    0.000000    0.002246
```

Ou um pedaço de código:

bench1.rb

```
1 require "benchmark"
2 require "parallel"
3
4 Benchmark.bm do |bm|
5   bm.report do
6     Parallel.map 1..20, in_threads: 4 do |nr|
7       5.times { |t| sleep rand; }
8     end
9   end
10 end
```

```
1 $ ruby bench1.rb
2    user      system      total        real
3 0.040000    0.030000    0.070000 ( 13.937973)
```

Podemos comparar vários pedaços de código, dando uma *label* para cada um:

bench2.rb

```
1 require "benchmark"
2 require "parallel"
3
4 Benchmark.bm do |bm|
5   bm.report("in_threads") do
6     Parallel.map 1..20, in_threads: 4 do |nr|
7       5.times { |t| sleep 0.5 }
8     end
9   end
```

```
10
11  bm.report("in_processes") do
12    Parallel.map 1..20, in_processes: 4 do |nr|
13      5.times { |t| sleep 0.5 }
14    end
15  end
16
17  bm.report("using threads") do
18    threads = []
19    (1..20).each do |nr|
20      threads << Thread.new do
21        5.times { |t| sleep 0.5 }
22      end
23    end
24    threads.each(&:join)
25  end
26 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby bench2.rb
2           user  system  total      real
3 in_threads:  0.030000 0.030000 0.060000 ( 12.277710)
4 in_processes: 0.000000 0.060000 0.240000 ( 17.514098)
5 using threads: 0.010000 0.000000 0.010000 ( 3.303277)
```

Entrada e saída

Ler, escrever e processar arquivos e fluxos de rede são requisitos fundamentais para uma boa linguagem de programação moderna. Em algumas, apesar de contarem com vários recursos para isso, às vezes são muito complicados ou burocráticos, o que com tantas opções e complexidade várias vezes pode confundir o programador. Em Ruby, como tudo o que vimos até aqui, vamos ter vários meios de lidar com isso de forma descomplicada e simples.

Arquivos

Antes de começarmos a lidar com arquivos, vamos criar um arquivo novo para fazermos testes, com o nome criativo de `teste.txt`. Abra o seu editor de texto (pelo amor, eu disse **editor** e não **processador** de textos, a cada vez que você confunde isso e abre o Word alguém solta um pum no elevador) e insira o seguinte conteúdo:

- 1 Arquivo de teste
- 2 Curso de Ruby
- 3 Estamos na terceira linha.
- 4 E aqui é a quarta e última.

Podemos ler o arquivo facilmente, utilizando a classe `File` e o método `read`:

`io1.rb`

```
1 p File.read("teste.txt")
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby io1.rb
2 "Arquivo de teste\nCurso de Ruby\nEstamos na terceira linha.\nE aqui é a quar\
3 ta e última.\n"
```

Isso gera uma `String` com todo o conteúdo do arquivo, porém sem a quebra de linhas presente no arquivo. Para lermos todas as suas linhas como um `Array` (que teria o mesmo efeito de quebrar a `String` resultante da operação acima em `\n`):

`io2.rb`

```
1 p File.readlines("teste.txt")
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby io2.rb
2 ["Arquivo de teste\n", "Curso de Ruby\n", "Estamos na terceira linha.\n", "E \
3 aqui é a quarta e última.\n"]
```



“FileReader ... FileInputStream ... BufferedReader ... como que era mesmo?” Vai falar, você aí que programa em Java, não é bem mais prático por aqui?

Podemos abrir o arquivo especificando o seu modo e armazenando o seu *handle*. O modo para leitura é *r* e para escrita é *w*. Podemos usar o iterador do *handle* para ler linha a linha:

io3.rb

```
1 f = File.open("teste.txt")
2 f.each do |linha|
3   puts linha
4 end
5 f.close
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby io3.rb
2 Arquivo de teste
3 Curso de Ruby
4 Estamos na terceira linha.
5 E aqui é a quarta e última.
```

Melhor do que isso é passar um bloco para *File* onde o arquivo vai ser aberto e automaticamente - ou “automagicamente” - fechado no final do bloco:

io4.rb

```
1 File.open("teste.txt") do |arquivo|
2   arquivo.each do |linha|
3     puts linha
4   end
5 end
```

Rodando o programa, é o mesmo resultado acima, com a diferença que isso “automagicamente” vai fechar o *handle* do arquivo, no final do bloco. Confessa aí, você já deixou um *handle* de arquivo, conexão com o banco, conexão de rede aberta alguma vez né não?



Lendo dados no mesmo arquivo

Ruby tem um objeto de IO chamado *DATA*, que retorna as linhas definidas após `__END__` e o fim do arquivo. Dessa forma, podemos carregar alguns dados junto com nosso código-fonte.

Vamos fazer um pequeno teste com o recurso da dica acima:

data.rb

```
1 DATA.each do |linha|
2   puts "linha: #{linha}"
3 end
4
5 __END__
6 Esse é um teste
7 de dados
8 embutidos no arquivo
9 de código-fonte
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby code/io/data.rb
2 linha: Esse é um teste
3 linha: de dados
4 linha: embutidos no arquivo
5 linha: de código-fonte
```

Para ler o arquivo *byte a byte*, podemos fazer:

bytes.rb

```
1 File.open("teste.txt") do |arquivo|
2   arquivo.each_byte do |byte|
3     print "#{byte}"
4   end
5 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby bytes.rb
2 [65][114][113][117][105][118][111][32][100][101][32][116][101][115][116]
3 [101][10][67][117][114][115][111][32][100][101][32][82][117][98][121]
4 [10][69][115][116][97][109][111][115][32][110][97][32][116][101][114]
5 [99][101][105][114][97][32][108][105][110][104][97][46][10][69][32][97]
6 [113][117][105][32][195][169][32][97][32][113][117][97][114][116][97]
7 [32][101][32][195][186][108][116][105][109][97][46][10]
```

Para ler o arquivo *character a character*, podemos fazer:

chars.rb

```

1 File.open("teste.txt") do |arquivo|
2   arquivo.each_char do |char|
3     print "#{char}"
4   end
5 end

```

Rodando o programa:

```

1 [A][r][q][u][i][v][o][ ][d][e][ ][t][e][s][t][e][
2 ][C][u][r][s][o][ ][d][e][ ][R][u][b][y][
3 ][E][s][t][a][m][o][s][ ][n][a][ ][t][e][r][c][e][i][r][a][ ][l][i][n][h][a][\
4 .][
5 ][E][ ][a][q][u][i][ ][é][ ][a][ ][q][u][a][r][t][a][ ][e][ ][ú][l][t][i][m][\
6 a][.][
7 ]

```

Olhem que moleza fazer uma cópia de um arquivo:

copy.rb

```

1 File.open("novo_teste.txt", "w") do |arquivo|
2   arquivo << File.read("teste.txt")
3 end

```

Arquivos Zip

Podemos ler e escrever em arquivos compactados Zip, para isso vamos precisar instalar a *gem* `rubyzip`:

```

1 gem install rubyzip

```

Vamos criar três arquivos, `1.txt`, `2.txt` e `3.txt` com conteúdo livre dentro de cada um, que vão ser armazenados internamente no arquivo `.zip` em um subdiretório chamado `txts`, compactando e logo descompactando:

io7.rb

```
1  require "zip"
2  require "fileutils"
3
4  myzip = "teste.zip"
5  File.delete(myzip) if File.exists?(myzip)
6
7  Zip::File.open(myzip, true) do |zipfile|
8    Dir.glob("[0-9]*.txt") do |file|
9      puts "Zipando #{file}"
10     zipfile.add("txts/#{file}", file)
11   end
12 end
13
14 Zip::File.open(myzip) do |zipfile|
15   zipfile.each do |file|
16     dir = File.dirname(file.name)
17     puts "Descompactando #{file.name} para #{dir}"
18     FileUtils.mkdir(dir) if !File.exists?(dir)
19     zipfile.extract(file.name, file.name) do |entry, file|
20       puts "Arquivo #{file} existe, apagando ..."
21       File.delete(file)
22     end
23   end
24 end
```

Rodando o programa:

```
1  $ ruby io7.rb
2  Zipando 3.txt
3  Zipando 1.txt
4  Zipando 2.txt
5  Descompactando txts/3.txt para txts
6  Descompactando txts/1.txt para txts
7  Descompactando txts/2.txt para txts
8
9  $ ls txts
10 total 20K
11 drwxr-xr-x 2 taq taq .
12 drwxr-xr-x 6 taq taq ..
13 -rw-r--r-- 1 taq taq 1.txt
14 -rw-r--r-- 1 taq taq 2.txt
15 -rw-r--r-- 1 taq taq 3.txt
```

Algumas explicações sobre o código:

- Na linha 3 foi requisitado o módulo `FileUtils`, que carrega métodos como o `mkpath`, na linha 19, utilizado para criar o diretório (ou a estrutura de diretórios).
- Na linha 8 abrimos o arquivo, enviando `true` como *flag* indicando para criar o arquivo caso não exista. Para arquivos novos, podemos também utilizar `new`.
- Na linha 9 utilizamos `Dir.glob` para nos retornar uma lista de arquivos através de uma máscara de arquivos.
- Na linha 11 utilizamos o método `add` para inserir o arquivo encontrado dentro de um *path* interno do arquivo compactado, nesse caso dentro de um diretório chamado `txts`.
- Na linha 15 abrimos o arquivo criado anteriormente, para leitura.
- Na linha 16 utilizamos o iterador `each` para percorrer os arquivos contidos dentro do arquivo compactado.
- Na linha 17 extraímos o nome do diretório com `dirname`.
- Na linha 20 extraímos o arquivo, passando um bloco que vai ser executado no caso do arquivo já existir.

XML

Vamos acessar arquivos XML através do REXML, um processador XML que já vem com Ruby. Para mais informações sobre esse processador XML, consulte o tutorial oficial em <http://www.germane-software.com/software/rexml/docs/tutorial.html>³¹.

Antes de mais nada, vamos criar um arquivo XML para os nossos testes, chamado `aluno.xml`, usando o REXML para isso:

rexml.rb

```
1 require "rexml/document"
2
3 doc = REXML::Document.new
4 decl = REXML::XMLDecl.new("1.0", "UTF-8")
5 doc.add decl
6
7 root = REXML::Element.new("alunos")
8 doc.add_element root
9
10 alunos = [
11   [1, "João"],
12   [2, "José"],
13   [3, "Antonio"],
14   [4, "Maria"]
15 ]
16
17 alunos.each do |info|
18   aluno = REXML::Element.new("aluno")
```

³¹<http://www.germane-software.com/software/rexml/docs/tutorial.html>

```
19  id    = REXML::Element.new("id")
20  nome  = REXML::Element.new("nome")
21
22  id.text = info[0]
23  nome.text = info[1]
24
25  aluno.add_element id
26  aluno.add_element nome
27  root.add_element aluno
28 end
29 doc.write(File.open("alunos.xml", "w"))
```

Rodando o programa:

```
1  $ ruby rexml.rb
```

O resultado será algo como:

```
1  $ cat alunos.xml
2  <?xml version='1.0' encoding='UTF-8'?>
3  <alunos>
4      <aluno>
5          <id>1</id>
6          <nome>João</nome>
7      </aluno>
8      <aluno>
9          <id>2</id>
10         <nome>José</nome>
11     </aluno>
12     <aluno>
13         <id>3</id>
14         <nome>Antonio</nome>
15     </aluno>
16     <aluno>
17         <id>4</id>
18         <nome>Maria</nome>
19     </aluno>
20 </alunos>
```

Agora vamos ler esse arquivo. Vamos supor que eu quero listar os dados de todos os alunos:

xml2.rb

```
1 require "rexml/document"
2
3 doc = REXML::Document.new(File.open("alunos.xml"))
4 doc.elements.each("alunos/aluno") do |aluno|
5   puts "#{aluno.elements['id'].text}-#{aluno.elements['nome'].text}"
6 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby xml2.rb
2 1-João
3 2-José
4 3-Antonio
5 4-Maria
```

Poderíamos ter convertido também os elementos em um Array e usado o iterador para percorrer o arquivo, o que dará resultado similar:

xml3.rb

```
1 require "rexml/document"
2
3 doc = REXML::Document.new(File.open("alunos.xml"))
4 doc.elements.to_a("//aluno").each do |aluno|
5   puts "#{aluno.elements['id'].text}-#{aluno.elements['nome'].text}"
6 end
```

Se quiséssemos somente o segundo aluno, poderíamos usar:

xml4.rb

```
1 require "rexml/document"
2
3 doc = REXML::Document.new(File.open("alunos.xml"))
4 root = doc.root
5 aluno = root.elements["aluno[2]"]
6 puts "#{aluno.elements['id'].text}-#{aluno.elements['nome'].text}"
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby xml4.rb
2 2-José
```

Uma abordagem mais moderna para criar XML em Ruby é a *gem* builder:

```
1 $ gem install builder
```

xml5.rb

```
1 require "builder"
2
3 alunos = {
4   1 => "João",
5   2 => "José",
6   3 => "Antonio",
7   4 => "Maria"
8 }
9
10 xml = Builder::XmlMarkup.new(indent: 2)
11 xml.instruct!
12
13 xml.alunos do
14   alunos.each do |key, value|
15     xml.aluno do
16       xml.id key
17       xml.nome value
18     end
19   end
20 end
21
22 # para gravar o arquivo
23 File.open("alunos.xml", "w") do |file|
24   file << xml.target!
25 end
```

Rodando o programa e verificando o arquivo:

```
1 $ ruby xml5.rb
2 $ cat alunos.xml
3 <alunos>
4   <aluno>
5     <id>1</id>
6     <nome>João</nome>
7   </aluno>
8   ...
```

E para a leitura de arquivos XML, podemos utilizar a *gem* nokogiri:

```
1 $ gem install nokogiri
```



Talvez para fazer a instalação da Nokogiri, vai ser preciso instalar algumas *libs* no sistema operacional. No Ubuntu, são:

```
1 $ sudo apt-get install libxml2-dev libxslt-dev
```

xml6.rb

```
1 require "nokogiri"
2
3 doc = Nokogiri::XML(File.open("alunos.xml"))
4 doc.search("aluno").each do |node|
5   puts node.search("id").text + ":" + node.search("nome").text
6 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby xml6.rb
2 1:João
3 2:José
4 3:Antonio
5 4:Maria
```

XSLT

Aproveitando que estamos falando de XML, vamos ver como utilizar o XSLT. XSLT é uma linguagem para transformar documentos XML em outros documentos, sejam eles outros XML, HTML, o tipo que você quiser e puder imaginar.

XSLT é desenhado para uso com XSL, que são folhas de estilo para documentos XML. Alguns o acham muito “verboso” (sim, existe essa palavra), mas para o que ele é proposto, é bem útil. Você pode conhecer mais sobre XSLT na URL oficial do W3C ³².

O uso de XSLT em Ruby pode ser feito com o uso da *gem* `ruby-xslt`:

```
1 $ gem install ruby-xslt
```

Após isso vamos usar o nosso arquivo `alunos.xml` criado anteriormente para mostrar um exemplo de transformação. Para isso vamos precisar de uma folha de estilo XSL, `alunos.xsl`:

³²<http://www.w3.org/TR/xslt>

alunos.xsl

```
1  <?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
2  <xsl:stylesheet xmlns:xsl="http://www.w3.org/1999/XSL/Transform" version="1.0\
3  ">
4    <xsl:output method="html" encoding="utf-8" indent="no"/>
5    <xsl:template match="/alunos">
6      <html>
7        <head>
8          <title>Teste de XSLT</title>
9        </head>
10       <body>
11         <table>
12           <caption>Alunos</caption>
13           <thead>
14             <th>
15               <td>Id</td>
16               <td>Nome</td>
17             </th>
18           </thead>
19           <tbody>
20             <xsl:apply-templates/>
21           </tbody>
22         </table>
23       </body>
24     </html>
25   </xsl:template>
26
27   <xsl:template match="aluno">
28     <tr>
29       <td><xsl:value-of select="id"/></td>
30       <td><xsl:value-of select="nome"/></td>
31     </tr>
32   </xsl:template>
33 </xsl:stylesheet>
```

Agora o código Ruby:

xslt.rb

```
1 require "xml/xslt"
2
3 xslt = XML::XSLT.new
4 xslt.xsl = "alunos.xsl"
5 xslt.xml = "alunos.xml"
6 xslt.save("alunos.html")
7 puts xslt.serve
```

Rodando o programa vamos ter o resultado gravado no arquivo `alunos.html` e apresentado na tela. Abrindo o arquivo vamos ver:

```
1 $ ruby xslt.rb | lynx --stdin
2 CAPTION: Alunos
3 Id Nome
4 1 João
5 2 José
6 3 Antonio
7 4 Maria
```



O `lynx` é um navegador em modo texto que quebra um bom galho.

JSON

Aproveitando que estamos falando de XML, nada melhor do que comparar com a alternativa mais do que otimizada utilizada largamente hoje em dia na web para transmissão de dados sem utilizar os “monstrinhos” de XML: JSON.³³ Não é aquele cara do “Sexta-Feira 13” não hein! É o *JavaScript Object Notation*, que nos permite converter, por exemplo, uma Hash em uma String que pode ser enviada nesse formato:

```
1 > require "json"
2 => true
3 > { joao: 1, jose: 2, antonio: 3, maria: 4 }.to_json
4 => '{"joao":1,"jose":2,"antonio":3,"maria":4}'
```

e a conversão de volta:

³³<http://www.json.org/>

```
1 > JSON.parse({ joao: 1, jose: 2, antonio: 3, maria: 4 }.to_json)
2 => {"joao"=>1, "jose"=>2, "antonio"=>3, "maria"=>4}
```

YAML

Podemos definir o YAML (YAML Ain't Markup Language - pronuncia-se mais ou menos como “ieimel”, fazendo rima com a pronúncia de “*camel*”, em inglês) como uma linguagem de definição ou *markup* menos verbosa que o XML.

Vamos dar uma olhada em como ler arquivos YAML convertendo-os em tipos do Ruby. Primeiro vamos criar um arquivo chamado `teste.yml` (a extensão dos arquivos YAML é `yml`) que vamos alterar de acordo com nossos exemplos, armazenando um Array no nosso arquivo.

Insira o seguinte conteúdo, lembrando que `--` indica o começo de um arquivo YAML:

`teste.yml`

```
1 ---
2 - josé
3 - joão
4 - antonio
5 - maria
```

E agora vamos ler esse arquivo, tendo o resultado convertido em um Array:

`leryaml.rb`

```
1 require "yaml"
2
3 result = YAML::load(File.open(ARGV[0]))
4 p result
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby leryaml.rb teste.yml
2 ["josé", "joão", "antonio", "maria"]
```

Podemos ter Arrays dentro de Arrays:

teste2.yml

```
1 ---
2 -
3   - joão
4   - josé
5 -
6   - maria
7   - antonio
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby leryaml.rb teste2.yml
2 [{"joão", "josé"}, ["maria", "antonio"]]
```

Agora vamos ver como fazer uma Hash:

teste3.yml

```
1 ---
2 josé: 1
3 joão: 2
4 antonio: 3
5 maria: 4
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby leryaml.rb teste3.yml
2 {"josé"=>1, "joão"=>2, "antonio"=>3, "maria"=>4}
```

Hashes dentro de Hashes:

teste4.yml

```
1 ---
2 pessoas:
3   joão: 1
4   josé: 2
5   maria: 3
6   antonio: 4
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby leryaml.rb teste4.yml
2 {"pessoas"=>{"joão"=>1, "josé"=>2, "maria"=>3, "antonio"=>4}}
```

O que nos dá, com um arquivo de configuração do banco de dados do Rails:

teste5.yml

```
1 ---
2 development:
3   adapter: mysql
4   database: teste_development
5   username: root
6   password: test
7   host: localhost
8
9 test:
10  adapter: mysql
11  database: teste_test
12  username: root
13  password: test
14  host: localhost
15
16 production:
17  adapter: mysql
18  database: teste_production
19  username: root
20  password: test
21  host: localhost
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby leryaml.rb teste5.yml
2 {"development"=>{"adapter"=>"mysql", "database"=>"teste_development",
3 "username"=>"root", "password"=>"test", "host"=>"localhost"},
4 "test"=>{"adapter"=>"mysql", "database"=>"teste_test", "username"=>"root",
5 "password"=>"test", "host"=>"localhost"}, "production"=>{"adapter"=>"mysql",
6 "database"=>"teste_production", "username"=>"root", "password"=>"test",
7 "host"=>"localhost"}}
```

TCP

O TCP é um dos protocolos que nos permitem utilizar a Internet e que define grande parte do seu funcionamento. Falar em utilizar comunicação de rede sem utilizar TCP hoje em dia é quase uma impossibilidade para grande parte das aplicações que utilizamos e que pretendemos construir. Outra vantagem é a quantidade e qualidade de documentação que podemos encontrar

sobre o assunto, o que, alguns anos antes, quando alguns protocolos como o IPX/SPX e o X25 dominam respectivamente na parte de redes de computadores e transmissão telefônica, era uma tarefa bem complicada, principalmente pelo fato de não haver nem Internet para consultarmos algo. Lembro que demorei tanto para arrumar um livro decente sobre IPX/SPX que 1 ano depois, nem precisava mais dele (e não sei para onde diabos que ele foi).

Para começar a aprender sobre como utilizar TCP em Ruby, vamos verificar um servidor SMTP, usando sockets TCP, abrindo a URL indicada na porta 25:

sock.rb

```
1 require "socket"
2
3 TCPSocket.open("mailtrap.io", 465) do |smtp|
4   puts smtp.gets
5   smtp.puts "EHLO bluefish.com.br"
6   puts smtp.gets
7 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby sock.rb
2 220 mailtrap.io ESMTP ready
3 250-mailtrap.io
```



Servidor de email para testes

O serviço mailtrap.io³⁴ é uma opção bem interessante para brincar um pouco e testar os emails enviados para a sua aplicação.

Agora vamos criar um servidor com TCP novinho em folha, na porta 8081, do localhost (quem não souber o que é localhost arrume uma ferramenta de ataque com algum script kiddie e aponte para esse tal de localhost - dependendo do seu sistema operacional e configurações de segurança dele, vai aprender rapidinho)³⁵:

³⁴<https://mailtrap.io>

³⁵<https://gist.github.com/taq/5793430>

tcpserver.rb

```
1 require "socket"
2
3 TCPServer.open("localhost", 8081) do |server|
4   puts "servidor iniciado"
5
6   loop do
7     puts "aguardando conexão ..."
8     con = server.accept
9     puts "conexão recebida!"
10    con.puts Time.now
11    con.close
12  end
13 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby tcpserver.rb
2 servidor iniciado
3 aguardando conexão ...
4 conexão recebida!
5
6 $ telnet localhost 8081
7 Trying ::1...
8 Connected to localhost.localdomain.
9 Escape character is '^]'.
10 2016-07-06 18:42:48 -0300
11 Connection closed by foreign host.
```

Podemos trafegar, além de Strings, outros tipos pela conexão TCP, fazendo uso dos métodos `pack`, para “empacotar” e `unpack`, para “desempacotar” os dados que queremos transmitir. Primeiro, com o arquivo do servidor, `tcpserver2.rb`:

tcpserver2.rb

```
1 require "socket"
2
3 TCPServer.open("localhost", 8081) do |server|
4   puts "servidor iniciado"
5
6   loop do
7     puts "aguardando conexão ..."
8     con = server.accept
9     rst = con.recv(1024).unpack("LA10A*")
10    fix = rst[0]
```

```
11     str = rst[1]
12
13     hash = Marshal.load(rst[2])
14     puts "#{fix.class}\t: #{fix}"
15     puts "#{str.class}\t: #{str}"
16     puts "#{hash.class}\t: #{hash}"
17     con.close
18 end
19 end
```

E agora com o arquivo do cliente, tcpclient.rb:

tcpclient.rb

```
1 require "socket"
2
3 hash = { um: 1, dois: 2, tres: 3 }
4
5 TCPSocket.open("localhost", 8081) do |server|
6   server.write [
7     1,
8     "teste".ljust(10),
9     Marshal.dump(hash)
10  ].pack("LA10A*")
11 end
```

Abrimos um terminal novo, e rodamos o servidor:

```
1 $ ruby tcpserver2.rb
2 servidor iniciado
3 aguardando conexão ...
```

E agora em outro terminal, rodamos o cliente:

```
1 $ ruby tcpclient.rb
```

Resultado no servidor:

```
1 Fixnum : 1
2 String : teste
3 Hash   : {:um=>1, :dois=>2, :tres=>3}
4 aguardando conexão ...
```



Desafio 6

Você consegue descobrir o que significa aquele "LA10A*" que foi utilizado?

UDP

O protocolo UDP ³⁶ utiliza pacotes com um datagrama encapsulado que não tem a garantia que vai chegar ao seu destino, ou seja, não é confiável para operações críticas ou que necessitem de alguma garantia de entrega dos dados, mas pode ser uma escolha viável por causa da sua velocidade, a não necessidade de manter um estado da conexão e algumas outras que quem está desenvolvendo algum programa para comunicação de rede vai conhecer e levar em conta.

Vamos escrever dois programas que nos permitem enviar e receber pacotes usando esse protocolo. Primeiro, o código do servidor:

udpserver.rb

```
1 require "socket"
2
3 server = UDPSocket.new
4 porta = 12345
5 server.bind("localhost", porta)
6 puts "Servidor conectado na porta #{porta}, aguardando ..."
7
8 loop do
9   msg, sender = server.recvfrom(256)
10  host = sender[3]
11  puts "Host #{host} enviou um pacote UDP: #{msg}"
12  break unless msg.chomp != "kill"
13 end
14
15 puts "Kill recebido, fechando servidor."
16 server.close
```

Agora o código do cliente:

udpclient.rb

```
1 require "socket"
2
3 client = UDPSocket.open
4 client.connect("localhost", 12345)
5
6 loop do
7   puts "Digite sua mensagem (quit termina, kill finaliza servidor):"
8   msg = gets
9   client.send(msg, 0)
10  break unless ["kill", "quit"].include? msg.chomp
11 end
```

³⁶http://pt.wikipedia.org/wiki/Protocolo_UDP


```
12
13 client.close
```

Rodando o servidor e o cliente:

```
1 $ ruby udpserver.rb
2 Servidor conectado na porta 12345, aguardando ...
3 Host 127.0.0.1 enviou um pacote UDP: oi
4 Host 127.0.0.1 enviou um pacote UDP: tudo bem?
5 Host 127.0.0.1 enviou um pacote UDP: kill
6 Kill recebido, fechando servidor.
7
8 $ ruby udpclient.rb
9 Digite sua mensagem (quit termina, kill finaliza servidor):
10 oi
11
12 Digite sua mensagem (quit termina, kill finaliza servidor):
13 tudo bem?
14
15 Digite sua mensagem (quit termina, kill finaliza servidor):
16 kill
```



Dica

No método `send` o argumento 0 é uma *flag* que pode usar uma combinação T> de constantes (utilizando um or binário das constantes presentes em `Socket::MSG`).

SMTP

O SMTP é um protocolo para o **envio** de emails, baseado em texto. Há uma classe SMTP pronta para o uso em Ruby:

smtp.rb

```
1 require "net/smtp"
2 require "highline/import"
3
4 from = "eustaquiorangel@gmail.com"
5 pass = ask("digite sua senha:") { |q| q.echo = "*" }
6 to   = "eustaquiorangel@gmail.com"
7
8 msg = <<FIM
9 From: #{from}
10 Subject: Teste de SMTP no Ruby
```

```
11 Apenas um teste de envio de email no Ruby.
12 Falou!
13 FIM
14
15 smtp = Net::SMTP.new("smtp.gmail.com", 587)
16 smtp.enable_starttls
17
18 begin
19   smtp.start("localhost", from, pass, :plain) do |smtp|
20     puts "conexão aberta!"
21     smtp.send_message(msg, from, to)
22     puts "mensagem enviada!"
23   end
24 rescue => exception
25   puts "ERRO: #{exception}"
26   puts exception.backtrace
27 end
```

```
1 $ ruby smtp.rb
2 digite sua senha:
3 *****
4 conexão aberta!
5 mensagem enviada!
```



Dica

Na linha 3 requisitamos o módulo `highline`, que nos permite “mascarar” a digitação da senha na linha 6.



Para abrir uma conexão com o Gmail, como demonstrado, temos que indicar na conta do Gmail que é permitido o acesso por aplicações “inseguras”, que não usam a autenticação em dois fatores do Gmail.

FTP

O FTP é um protocolo para a transmissão de arquivos. Vamos requisitar um arquivo em um servidor FTP:

ftp.rb

```
1 require "net/ftp"
2
3 host = "ftp.mozilla.org"
4 user = "anonymous"
5 pass = "eustaquiorangel@gmail.com"
6 file = "README"
7
8 begin
9   Net::FTP.open(host) do |ftp|
10     puts "Conexão FTP aberta."
11     ftp.login(user, pass)
12
13     puts "Requisitando arquivo ..."
14     ftp.chdir("pub")
15     ftp.get(file)
16     puts "Download efetuado."
17
18     puts File.read(file)
19   end
20 rescue => exception
21   puts "ERRO: #{exception}"
22 end
```

```
1 $ ruby ftp.rb
2 Conexão FTP aberta.
3 Requisitando arquivo ...
4 Download efetuado.
5 Welcome to ftp.mozilla.org!
6 This is a distribution point for software and developer tools related to the
7 Mozilla project. For more information, see our home page:
8 ...
```

Podemos também enviar arquivos utilizando o método `put(local, remoto)`.

POP3

Para “fechar o pacote” de e-mail, temos a classe POP3, que lida com o protocolo POP3, que é utilizado para **receber** emails. Troque o servidor, usuário e senha para os adequados no código seguinte:

pop3.rb

```
1 require "net/pop"
2     require "highline/import"
3
4 user = "eustaquiorangel@gmail.com"
5 pass = ask("digite sua senha:") { |q| q.echo = "*" }
6
7 pop = Net::POP3.new("pop.gmail.com", 995)
8 pop.enable_ssl(OpenSSL::SSL::VERIFY_NONE)
9
10 begin
11     pop.start(user, pass) do |pop|
12         if pop.mails.empty?
13             puts "Sem emails!"
14             return
15         end
16         pop.each do |msg|
17             puts msg.header
18         end
19     end
20 rescue => exception
21     puts "ERRO: #{exception}"
22 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby pop3.rb
2 digite sua senha:
3 *****
4 Return-Path: <eustaquiorangel@gmail.com>
5 Received: from localhost ([186.222.196.152])
6 by mx.google.com with ESMTPS id x15sm1427881vcs.32.2016.07.06.14.14.13
7 (version=TLSv1/SSLv3 cipher=OTHER);
8 Wed, 06 Jul 2016 14:14:17 -0700 (PDT)
9 Message-ID: <4e14d029.8f83dc0a.6a32.5cd7@mx.google.com>
10 Date: Wed, 06 Jul 2016 14:14:17 -0700 (PDT)
11 From: eustaquiorangel@gmail.com
12 Subject: Teste de SMTP no Ruby
```

HTTP

O HTTP é talvez o mais famoso dos protocolos, pois, apesar dos outros serem bastante utilizados, esse é o que dá mais as caras nos navegadores por aí, quando acessamos vários site. É só dar uma

olhada na barra de endereço do navegador que sempre vai ter um `http://` (ou `https://`, como vamos ver daqui a pouco) por lá.

Vamos utilizar o protocolo para ler o conteúdo de um site (o meu, nesse caso) e procurar alguns elementos HTML `H1` (com certeza o conteúdo vai estar diferente quando você rodar isso):

http1.rb

```
1 require "net/http"
2
3 host = Net::HTTP.new("eustaquiorangel.com", 80)
4 resposta = host.get("/")
5 return if resposta.message != "OK"
6 puts resposta.body.scan(/<h1>.*<\/h1>/)
```

```
1 $ ruby http1.rb
2 <h1><a href="/posts/desenvolvedores_e_inteligencia_artificial">Desenvolvedore\
3 s e inteligência artificial</a></h1>
4 <h1>Artigos anteriores</h1>
5 <h1>Busca</h1>
6 <h1>Twitter</h1>
```

Abrir um fluxo HTTP é muito fácil, mas dá para ficar mais fácil ainda! Vamos usar o OpenURI, que abre HTTP, HTTPS e FTP, o que vai nos dar resultados similares ao acima:

http2.rb

```
1 require "open-uri"
2
3 resposta = open("http://eustaquiorangel.com")
4 puts resposta.read.scan(/<h1>.*<\/h1>/)
```

Podemos melhorar o código usando um *parser* para selecionar os elementos. Lembrando que já utilizamos a Nokogiri para XML, podemos utilizar também para HTTP:

http3.rb

```
1 require "open-uri"
2 require "nokogiri"
3
4 doc = Nokogiri::HTML(open("http://eustaquiorangel.com"))
5 puts doc.search("h1").map { |elemento| elemento.text }
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby http3.rb
2 Blog do TaQ
3 Desenvolvedores e inteligência artificial
4 Artigos anteriores
5 Busca
6 Twitter
```



Reparem que agora veio mais um H1, que é justamente o único elemento desse tipo que tem um atributo `class`. A Nokogiri já trata esse tipo de coisas, que não temos na expressão regular que utilizamos anteriormente.

Aproveitando que estamos falando de HTTP, vamos ver como disparar um servidor web, o WEBrick, que já vem com Ruby:

`webrick.rb`

```
1 require "webrick"
2 include WEBrick
3
4 s = HTTPServer.new(Port: 2000, DocumentRoot: Dir.pwd)
5 trap("INT") { s.shutdown }
6 s.start
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby webrick.rb
2 [2016-07-06 20:56:54] INFO WEBrick 1.3.1
3 [2016-07-06 20:56:54] INFO ruby 1.9.2 (2010-08-18) [i686-linux]
4 [2016-07-06 20:56:54] WARN TCPServer Error: Address already in use - bind(2)
5 [2016-07-06 20:56:54] INFO WEBrick::HTTPServer#start: pid=19677 port=2000
```

HTTPS

O HTTPS é o primo mais seguro do HTTP. Sempre o utilizamos quando precisamos de uma conexão segura onde podem ser enviados dados sigilosos como senhas, dados de cartões de crédito e coisas do tipo que, se caírem nas mãos de uma turma por aí que gosta de fazer coisas erradas, vai nos dar algumas belas dores de cabeça depois.

Podemos acessar HTTPS facilmente:

https.rb

```
1 require "net/https"
2 require "highline/import"
3
4 user = "user"
5 pass = ask("digite sua senha") { |q| q.echo = "*" }
6
7 begin
8   site = Net::HTTP.new("api.del.icio.us", 443)
9   site.use_ssl = true
10
11   site.start do |http|
12     req = Net::HTTP::Get.new('/v1/tags/get')
13     req.basic_auth(user, pass)
14     response = http.request(req)
15     print response.body
16   end
17 rescue => exception
18   puts "erro: #{e}"
19 end
```

SSH

O SSH é ao mesmo tempo um programa e um protocolo, que podemos utilizar para estabelecer conexões seguras e criptografadas com outro computador. É um telnet super-vitaminado, com várias vantagens que só eram desconhecidas (e devem continuar) por um gerente de uma grande empresa que prestei serviço, que acreditava que o bom mesmo era telnet ou FTP, e SSH era ... “inseguro”. Sério! O duro que esse tipo de coisa, infelizmente, é comum entre pessoas em cargo de liderança em tecnologia por aí, e dá para arrumar umas boas discussões inúteis por causa disso. Mas essa é outra história ...

Vamos começar a trabalhar com o SSH e abrir uma conexão e executar alguns comandos. Para isso precisamos da *gem* `net-ssh`:

```
1 gem install net-ssh
```

E agora vamos rodar um programa similar ao seguinte, onde você deve alterar o host, usuário e senha para algum que você tenha acesso:

ssh.rb

```
1 require "net/ssh"
2 require "highline/import"
3
4 host = "eustaquiorangel.com"
5 user = "taq"
6 pass = ask("digite sua senha") { |q| q.echo = "*" }
7
8 begin
9   Net::SSH.start(host, user, password: pass) do |session|
10     puts "Sessão SSH aberta!"
11
12     session.open_channel do |channel|
13       puts "Canal aberto!"
14       channel.on_data do |ch, data|
15         puts "> #{data}"
16       end
17       puts "Executando comando ..."
18       channel.exec "ls -lah"
19     end
20     session.loop
21   end
22 rescue => exception
23   puts "ERRO:#{exception}"
24   puts exception.backtrace
25 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby ssh.rb
2 digite sua senha
3 *****
4 Sessão SSH aberta!
5 Canal aberto!
6 Executando comando
7 > total 103M
8 drwxr-xr-x 6 taq taq 4.0K Jun 17 19:10
9 ...
```

Processos do sistema operacional

Podemos nos comunicar diretamente com o sistema operacional, executando comandos e recuperando as respostas.

Backticks

O jeito mais simples de fazer isso é com o uso de *backticks*:

```
1 > time = `date +%H:%M`  
2 => "16:26\n"  
3  
4 > puts time  
5 16:26
```

O uso dos *backticks* fazem um *fork* do processo atual, executando o comando em um novo processo, criando uma **operação bloqueante**, esperando o comando terminar e o resultado é passado para o processo atual, podendo ser armazenado em uma variável. Se ocorrer algum erro no comando, esse erro é convertido em uma exceção:

```
1 > time = `xdate +%H:%M`  
2 Errno::ENOENT: No such file or directory - xdate  
3     from (irb):3:in ``'  
4     from (irb):3
```

O uso de interpolação é permitido nas *backticks*:

```
1 > cmd = "date"  
2 => "date"  
3  
4 > time = `#{cmd} +%H:%M`  
5 => "16:30\n"  
6  
7 > puts time  
8 16:30
```

System

Utilizar *system* é parecido com *backticks* mas com algumas diferenças:

1. As exceções são “engolidas”.
2. O retorno é *booleano* ou nulo, com *true* indicando que o comando foi bem sucedido, *false* se não foi bem sucedido e *nil* indicando um erro na execução.

Vamos ver como funciona:

```
1 > time = system("date +%H:%M")
2 16:31
3 => true
4 > puts time
5 true
6
7 > time = system("xdate +%H:%M")
8 => nil
9 > puts time
10 => nil
```

Exec

Utilizar `exec` substitui o processo atual pelo processo executando o comando. Então, se estivermos no `irb` e utilizarmos `exec`, vamos **sair do irb e ir para o processo com o comando sendo executado**, então muito cuidado com isso:

```
1 > time = exec("date +%H:%M")
2 21:16
3 $
```

No caso de ocorrer um erro é retornando `nil`:

```
1 > time = exec("xdate +%H:%M")
2 Errno::ENOENT: No such file or directory - xdate
3     from (irb):5:in `exec'
4     from (irb):5
```

IO.popen

Roda o comando em um processo novo e retorna os fluxos de entrada e saída conectados à um objeto `IO`:

```
1 > time = IO.popen("date +%H:%M").read
2 => "16:32\n"
```

Open3

É o que dá controle mais granular para os fluxos de `IO` envolvidos. Vamos imaginar que temos o seguinte *shell script* para ler um nome digitado e mostrar o resultado na tela:

nome.sh

```
1 #!/bin/bash
2 echo "Digite seu nome: "
3 read nome
4 echo "Oi, $nome!"
```

Executando o **script** e digitando algum nome:

```
1 $ nome.sh
2 Digite seu nome:
3 taq
4 Oi, taq!
```

Agora queremos interagir com o *script*, conseguindo enviar alguma coisa para o fluxo de entrada (STDIN), ler do fluxo de saída (STDOUT) e do fluxo de erros (STDERR). Podemos utilizar o módulo Open3 para isso:

nome.rb

```
1 require "open3"
2
3 Open3.popen3("./nome.sh") do |stdin, stdout, stderr, thread|
4   stdin.puts "taq"
5   puts stdout.read
6   puts "Rodei no processo #{thread.pid}"
7   erro = stderr.read
8   puts "Ocorreu o erro: #{erro}" if erro.size > 0
9 end
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby nome.rb
2 Digite seu nome:
3 Oi, taq!
4 Rodei no processo 19210
```

No programa:

1. Enviamos a String “taq” para o fluxo de entrada (STDIN), que estava esperando ser digitado algum nome.
2. Lemos o fluxo de saída (STDOUT) com o resultado do programa.
3. Mostramos o pid do processo que foi rodado.
4. Verificamos o fluxo de erro (STDERR) se ocorreu algum erro, e se ocorreu, imprimimos ele na tela.

XML-RPC

XML-RPC³⁷ é, segundo a descrição em seu site:

É uma especificação e um conjunto de implementações que permitem á softwares rodando em sistemas operacionais diferentes, rodando em diferentes ambientes, fazerem chamadas de procedures pela internet.

A chamada de *procedures* remotas é feita usando HTTP como transporte e XML como o *encoding*. XML-RPC é desenhada para ser o mais simples possível, permitindo estruturas de dados completas serem transmitidas, processadas e retornadas.

Tentando dar uma resumida, você pode escrever métodos em várias linguagens rodando em vários sistemas operacionais e acessar esses métodos através de várias linguagens e vários sistemas operacionais.

Antes de mais nada, vamos criar um servidor que vai responder as nossas requisições, fazendo algumas operações matemáticas básicas, que serão **adição** e **divisão**:

rpcserver.rb

```
1 require "xmlrpc/server"
2
3 server = XMLRPC::Server.new(8081)
4
5 # somando números
6 server.add_handler("soma") do |n1, n2|
7   { "resultado" => n1 + n2 }
8 end
9
10 # dividindo e retornando o resto
11 server.add_handler("divide") do |n1, n2|
12   { "resultado" => n1 / n2, "resto" => n1 % n2 }
13 end
14 server.serve
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby rpcserver.rb
2 [2016-07-06 21:16:07] INFO WEBrick 1.3.1
3 [2016-07-06 21:16:07] INFO ruby 1.9.2 (2010-08-18) [i686-linux]
4 [2016-07-06 21:16:07] INFO WEBrick::HTTPServer#start: pid=20414 port=8081
```

Agora vamos fazer um cliente para testar (você pode usar qualquer outra linguagem que suporte RPC que desejar):

³⁷<http://www.xmlrpc.com>

rpcclient.rb

```

1 require "xmlrpc/client"
2
3 begin
4   client = XMLRPC::Client.new("localhost", "/RPC2", 8081)
5   resp = client.call("soma", 5, 3)
6   puts "O resultado da soma é #{resp['resultado']}"
7
8   resp = client.call("divide", 11, 4)
9   puts "O resultado da divisao é #{resp['resultado']} e o resto é #{resp['res\
10 to']}"
11 rescue => exception
12   puts "ERRO: #{exception}"
13 end

```

```

1 $ ruby rpcclient.rb
2 O resultado da soma é 8
3 O resultado da divisao é 2 e o resto é 3

```

Vamos acessar agora o servidor de outras linguagens.

Python

rpcclient.py

```

1 # coding: utf-8
2 import xmlrpclib
3
4 server = xmlrpclib.Server("http://localhost:8081")
5 result = server.soma(5,3)
6 print "O resultado da soma é:", result["resultado"]
7
8 result = server.divide(11,4)
9 print "O resultado da divisão é", result["resultado"], "e o resto é", result[\
10 "resto"]

```

Rodando o programa:

```

1 $ python rpcclient.py
2 O resultado da soma é: 8
3 O resultado da divisão é 2 e o resto é 3

```

PHP

Um pouco mais de código para fazer em PHP:

rpcclient.php

```
1  <?php
2  // soma
3  $request = xmlrpc_encode_request("soma", [5, 3]);
4  $context = stream_context_create([
5      "http" => [
6          "method" => "POST",
7          "header" => "Content-Type: text/xml",
8          "content" => $request
9      ]]);
10
11  $file = file_get_contents("http://localhost:8081", false, $context);
12  $response = xmlrpc_decode($file);
13
14  if ($response && xmlrpc_is_fault($response)) {
15      trigger_error("xmlrpc: ".$response["faultString"]." (".$response["faultCo\
16  de"]." )");
17  } else {
18      print "O resultado da soma é ".$response["resultado"]."\n";
19  }
20
21  // divisão
22  $request = xmlrpc_encode_request("divide", [11, 4]);
23  $context = stream_context_create([
24      "http" => [
25          "method" => "POST",
26          "header" => "Content-Type: text/xml",
27          "content" => $request
28      ]]);
29
30  $file = file_get_contents("http://localhost:8081", false, $context);
31  $response = xmlrpc_decode($file);
32
33  if ($response && xmlrpc_is_fault($response)) {
34      trigger_error("xmlrpc: ".$response["faultString"]." (".$response["faultCo\
35  de"]." )");
36  } else {
37      print "O resultado da divisão é ".$response["resultado"]." e o resto é ".\
38  $response["resto"]."\n";
39  }
40  ?>
```

Rodando o programa:

```

1 $ php rpcclient.php
2 O resultado da soma é 8
3 O resultado da divisão é 2 e o resto é 3

```



Talvez vai ser preciso instalar o pacote php-xmlrpc:

```
$ sudo apt-get install php-xmlrpc
```

Java

Em Java vamos precisar do Apache XML-RPC: ³⁸

RPCClient.java

```

1 import java.net.URL;
2 import java.util.Vector;
3 import java.util.HashMap;
4 import org.apache.xmlrpc.common.*;
5 import org.apache.xmlrpc.client.*;
6
7 public class RPCClient {
8     public static void main(String args[]) {
9         try {
10             Vector<Integer> params;
11             XmlRpcClientConfigImpl config = new XmlRpcClientConfigImpl();
12             config.setServerURL(new URL("http://localhost:8081/RPC2"));
13             XmlRpcClient server = new XmlRpcClient();
14             server.setConfig(config);
15
16             params = new Vector<Integer>();
17             params.addElement(new Integer(5));
18             params.addElement(new Integer(3));
19
20             HashMap result = (HashMap) server.execute("soma", params);
21             int sum = ((Integer) result.get("resultado")).intValue();
22             System.out.println("O resultado da soma é " + Integer.toString(sum));
23
24             params = new Vector<Integer>();
25             params.addElement(new Integer(11));
26             params.addElement(new Integer(4));
27             result = (HashMap) server.execute("divide", params);
28
29             int divide = ((Integer) result.get("resultado")).intValue();

```

³⁸<http://ws.apache.org/xmlrpc>

```
30     int resto = ((Integer) result.get("resto")).intValue();
31     System.out.println("O resultado da divisão é " + Integer.toString(sum) \
32 + " e o resto é: " + Integer.toString(resto));
33 } catch(Exception error) {
34     System.err.println("erro: " + error.getMessage());
35 }
36 }
37 }
```

Compilando e rodando o programa:

```
1 $ javac -classpath commons-logging-1.1.jar:ws-commons-util-1.0.2.jar:xmlrpc-cl\
2 ient-3.1.3.jar:xmlrpc-common-3.1.3.jar: RPCClient.java
3 $ java -classpath commons-logging-1.1.jar:ws-commons-util-1.0.2.jar:xmlrpc-cl\
4 ient-3.1.3.jar:xmlrpc-common-3.1.3.jar: RPCClient
5 O resultado da soma é 8
6 O resultado da divisão é 8 e o resto é: 3
```


JRuby

Vamos instalar JRuby para dar uma olhada em como integrar Ruby com Java, usando a RVM. Antes de mais nada, pedimos para ver as notas da RVM e procurar as instruções para instalar JRuby:

```
1 $ rvm requirements
2 # For jruby:
3 sudo apt-get --no-install-recommends install g++ openjdk-7-jre-headless
4
5 $ rvm install jruby
6 $ rvm use jruby
7 $ jruby -v
8 $ jruby <versão>
```

Precisamos inserir as classes do JRuby no CLASSPATH do Java. Teste as duas opções abaixo, se você estiver em um SO que suporte o comando locate, a primeira é bem mais rápida, do contrário, use a segunda.

Primeiro utilizando locate:

```
1 $ export CLASSPATH=$CLASSPATH:$ (locate jruby.jar) :::
```

Se o comando locate não for encontrado/suportado, utilize find:

```
1 $ export CLASSPATH=$CLASSPATH:$ (find ~ -iname 'jruby.jar') :::
```



Desafio 7

Tentem entender como que eu adicionei as classes necessárias para o JRuby no CLASSPATH do Java ali acima.

Agora fazendo um pequeno programa em Ruby:

jruby.rb

```
1 puts "digite seu nome:"
2 nome = gets.chomp
3 puts "oi, #{nome}!"
```

Vamos compilar o programa com o compilador do JRuby, o jrubyc:

```
1 $ jruby jruby.rb
```

E rodar o programa direto com Java!

```
1 $ java jruby
2 digite seu nome:
3 taq
4 oi, taq!
```

Utilizando classes do Java de dentro do Ruby

Vamos criar um programa chamado `gui.rb`:

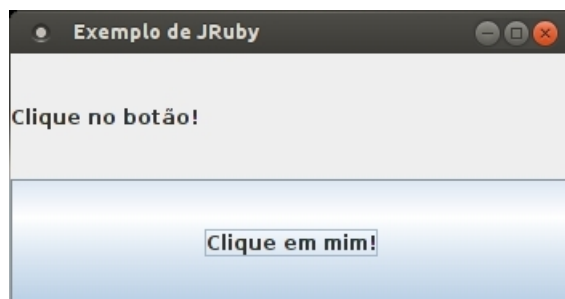
`gui.rb`

```
1 # encoding: utf-8
2 require "java"
3
4 %w(JFrame JLabel JPanel JButton).each { |c| java_import("javax.swing.#{c}") }
5
6 class Alistener
7   include java.awt.event.ActionListener
8   def actionPerformed(event)
9     puts "Botão clicado!"
10  end
11 end
12 listener = Alistener.new
13
14 frame = JFrame.new
15 label = JLabel.new("Clique no botão!")
16 panel = JPanel.new
17
18 button = JButton.new("Clique em mim!")
19 button.addActionListener(listener)
20
21 panel.setLayout(java.awt.GridLayout.new(2,1))
22 panel.add(label)
23 panel.add(button)
24
25 frame.setTitle("Exemplo de JRuby")
26 frame.getContentPane().add(panel)
27 frame.pack
28 frame.defaultCloseOperation = JFrame::EXIT_ON_CLOSE
29 frame.setVisible(true)
```

Compilando e rodando o programa:

```
1 $ jruby gui.rb
2
3 $ java gui
```

Resulta em:



Usando GUI do Java em Ruby

Pudemos ver que criamos a classe `Alistener` com a interface, no caso aqui com um comportamento de módulo, `java.awt.event.ActionListener`, ou seja, JRuby nos permite utilizar interfaces do Java como se fossem módulos de Ruby! E tem mais, podemos fazer com que nossas classes em Ruby herdem de classes do Java, primeiro, escrevendo o arquivo `Carro.java`:

`Carro.java`

```
1 // Carro.java
2 public class Carro {
3     private String marca, cor, modelo;
4     private int tanque;
5
6     public Carro(String marca, String cor, String modelo, int tanque) {
7         this.marca = marca;
8         this.cor = cor;
9         this.modelo = modelo;
10        this.tanque = tanque;
11    }
12
13    public String toString() {
14        return "Marca: " + this.marca + "\n" + "Cor: " + this.cor + "\n" + "Modelo:\n"
15        "+this.modelo + "\n" + "Tanque:" + this.tanque;
16    }
17 }
```

e agora o arquivo `carro_java.rb`:

carro_java.rb

```
1  # carro.rb
2  require "java"
3  java_import("Carro")
4
5  carro = Carro.new("VW", "prata", "polo", 40)
6  puts carro
7
8  class Mach5 < Carro
9    attr_reader :tanque_oxigenio
10
11    def initialize(marca, cor, modelo, tanque, tanque_oxigenio)
12      super(marca, cor, modelo, tanque)
13      @tanque_oxigenio = tanque_oxigenio
14    end
15
16    def to_s
17      "#{super}\nTanque oxigenio: #{@tanque_oxigenio}"
18    end
19  end
20
21  puts "*" * 25
22  mach5 = Mach5.new("PopsRacer", "branco", "Mach5", 50, 10)
23  puts mach5
```

Compilando e rodando o programa:

```
1  $ javac Carro.java
2
3  $ jrubyc carro_java.rb
4
5  $ java carro_java
6
7  Marca: VW
8  Cor: prata
9  Modelo:polo
10 Tanque:40
11 *****
12 Marca: PopsRacer
13 Cor: branco
14 Modelo:Mach5
15 Tanque:50
16 Tanque oxigenio: 10
```

Usando classes do Ruby dentro do Java

Existe um jeito de fazer isso, mas vão por mim: não compensa pois vocês vão xingar muito o Java. Para maiores referências, podem consultar o site oficial de scripting para Java em <http://java.net/projects/scripting/>³⁹.

³⁹<http://java.net/projects/scripting/>

Banco de dados

Vamos utilizar uma interface uniforme para acesso aos mais diversos bancos de dados suportados em Ruby através da interface Sequel⁴⁰. Para instalá-la, é só utilizar a *gem* `sequel`:

Também vamos instalar a *gem* `sqlite3`, que nos dá suporte ao banco de dados auto-contido, sem servidor, com configuração zero e relacional (quanta coisa!) [SQLite](https://sqlite.org/)⁴¹, que vai nos permitir testar rapidamente os recursos da Sequel sem precisar ficar configurando um banco de dados, já que o banco é criado em um arquivo simples no diretório corrente.



Atenção!

Pelo amor do ET de Varginha, não vão utilizar o SQLite para produção em alguma aplicação! É somente para pequenos bancos.

Abrindo a conexão

Vamos abrir e fechar a conexão com o banco:

```
1 > require "sequel"
2 > require "sqlite3"
3
4 > con = Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3")
5 => #<Sequel::SQLite::Database: {:adapter=>:sqlite, :database=>"aluno"}>
```

Para dar uma encurtada no código e praticidade maior, vamos usar um bloco logo após conectar, para onde vai ser enviado o *handle* da conexão:

```
1 > require "sequel"
2 > require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   p con
6 end
```

Desse modo sempre que a conexão for aberta, ela será automaticamente fechada no fim do bloco.



Dica Para trocar o banco de dados, podemos alterar apenas o método de conexão, ou seja, o `sqlite` ali após `Sequel`.

⁴⁰<http://sequel.rubyforge.org/>
`gem install sequel`

⁴¹<https://sqlite.org/>

Consultas que não retornam dados

Vamos criar uma tabela nova para usamos no curso, chamada `alunos` e inserir alguns valores:

`db1.rb`

```
1 require "sequel"
2
3 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
4   con.run("drop table if exists alunos")
5
6   sql = <<FIM
7   create table alunos (
8     id integer primary key autoincrement not null,
9     nome varchar(50) not null)
10  FIM
11   con.run(sql)
12
13   con[:alunos].insert(id: 1, nome: 'João')
14   con[:alunos].insert(id: 2, nome: 'José')
15   con[:alunos].insert(id: 3, nome: 'Antonio')
16   con[:alunos].insert(id: 4, nome: 'Maria')
17 end
```

```
1 $ ruby db1.rb
2
3 $ sqlite3 alunos.sqlite3
4 SQLite version 3.11.0 2016-02-15 17:29:24
5 Enter ".help" for usage hints.
6 sqlite> select * from alunos;
7 1|João
8 2|José
9 3|Antonio
10 4|Maria
11 sqlite>
```



Apesar de ter criado a coluna `id` como auto-incremento, estou especificando os valores dela para efeitos didáticos.

Atualizando um registro

Aqui vamos utilizar o método `where` para selecionar o registro com o `id` que queremos atualizar, e o método `update` para fazer a atualização:

db2.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   puts con[:alunos].where(id: 4).update(nome: "Mário")
6 end
```

```
1 $ ruby db2.rb
2 1
3
4 $ sqlite3 alunos.sqlite3
5 SQLite version 3.11.0 2016-02-15 17:29:24
6 Enter ".help" for usage hints.
7 sqlite> select * from alunos where id = 4;
8 4|Mário
```

Apagando um registro

Vamos inserir um registro com o método `insert` e apagar com `delete`, após encontrar com `where`:

db3.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   con[:alunos].insert(id: 5, nome: "Teste")
6   puts con[:alunos].where(id: 5).delete
7 end
```

```
1 $ ruby db3.rb
2 1
3
4 $ sqlite3 alunos.sqlite3
5 SQLite version 3.11.0 2016-02-15 17:29:24
6 Enter ".help" for usage hints.
7 sqlite> select * from alunos where id = 5;
8 sqlite>
```

Consultas que retornam dados

Vamos recuperar alguns dados do nosso banco, afinal, essa é a operação mais costumeira, certo? Para isso, vamos ver duas maneiras. Primeiro, da maneira “convencional”:

db4.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   con[:alunos].each do |row|
6     puts "id: #{row[:id]} nome: #{row[:nome]}"
7   end
8 end
```

```
1 $ ruby db4.rb
2 id: 1 nome: João
3 id: 2 nome: José
4 id: 3 nome: Antonio
5 id: 4 nome: Mário
```

Podemos recuperar todos as linhas de dados de uma vez usando `all`:

db5.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   rows = con[:alunos].all
6   puts "#{rows.size} registros recuperados"
7   rows.each do |row|
8     puts "id: #{row[:id]} nome: #{row[:nome]}"
9   end
10 end
```

```
1 $ ruby db5.rb
2 4 registros recuperados
3 id: 1 nome: João
4 id: 2 nome: José
5 id: 3 nome: Antonio
6 id: 4 nome: Mário
```

Ou se quisermos somente o primeiro registro:

db6.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   row = con[:alunos].first
6   puts "id: #{row[:id]} nome: #{row[:nome]}"
7 end
```

```
1 $ ruby db6.rb
2 id: 1 nome: João
```

Comandos preparados

Agora vamos consultar registro por registro usando comandos preparados com argumentos variáveis, o que vai nos dar resultados similares mas muito mais velocidade quando executando a mesma consulta SQL trocando apenas os argumentos que variam:

db7.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   ds = con[:alunos].filter(:id => :$i)
6   ps = ds.prepare(:select, :select_by_id)
7
8   (1..4).each do |id|
9     print "procurando id #{id} ... "
10    row = ps.call(i: id)
11    puts "#{row.first[:nome]}"
12  end
13 end
```

```
1 $ ruby db9.rb
2 procurando id 1 ... João
3 procurando id 2 ... José
4 procurando id 3 ... Antonio
5 procurando id 4 ... Mário
```

Metadados

Vamos dar uma examinada nos dados que recebemos de nossa consulta e na estrutura de uma tabela:

db8.rb

```
1 require "sequel"
2 require "sqlite3"
3
4 Sequel.sqlite(database: "alunos.sqlite3") do |con|
5   p con[:alunos].columns
6   p con.schema(:alunos)
7 end
```

```
1 $ ruby db8.rb
2
3 [:id, :nome]
4 [[:id, {:allow_null=>false, :default=>nil, :db_type=>"integer",
5   :primary_key=>true, :auto_increment=>true, :type=>:integer,
6   :ruby_default=>nil}], [:nome, {:allow_null=>false, :default=>nil,
7   :db_type=>"varchar(50)", :primary_key=>false, :type=>:string,
8   :ruby_default=>nil, :max_length=>50}]]
```

ActiveRecord

Agora vamos ver uma forma de mostrar que é possível utilizar o “motorzão” ORM do Rails sem o Rails, vamos ver como criar e usar um modelo da nossa tabela alunos, já atendendo à uma pequena requisição do ActiveRecord, que pede uma coluna chamada id como chave primária, o que já temos:

db9.rb

```
1 require "active_record"
2
3 # estabelecendo a conexão
4 ActiveRecord::Base.establish_connection({
5   adapter: "sqlite3",
6   database: "alunos.sqlite3",
7 })
8
9 # criando o mapeamento da classe com a tabela
10 # (espera aí é só isso???)
11 class Aluno < ActiveRecord::Base
12 end
13
14 # pegando a coleção e usando o seu iterador
15 for aluno in Aluno.all
16   puts "id: #{aluno.id} nome: #{aluno.nome}"
```

```
17 end
18
19 # atualizando o nome de um aluno
20 aluno = Aluno.find(3)
21 puts "encontrei #{aluno.nome}"
22 aluno.nome = "Danilo"
23 aluno.save
```

Rodando o programa:

```
1 $ ruby db9.rb
2 id: 1 nome: João
3 id: 2 nome: José
4 id: 3 nome: Antonio
5 id: 4 nome: Maria
6 encontrei Antonio
```

Se rodarmos novamente, vamos verificar que o registro foi alterado, quando rodamos o programa anteriormente:

```
1 $ ruby db9.rb
2 id: 1 nome: João
3 id: 2 nome: José
4 id: 3 nome: Danilo
5 id: 4 nome: Maria
6 encontrei Danilo
```

Escrevendo extensões para Ruby, em C

Se quisermos incrementar um pouco a linguagem usando linguagem C para

- Maior velocidade
- Recursos específicos do sistema operacional que não estejam disponíveis na implementação padrão
- Algum desejo mórbido de lidar com segfaults e ponteiros nulos
- Todas as anteriores

podemos escrever facilmente extensões em C.

Vamos criar um módulo novo chamado `Curso` com uma classe chamada `Horario` dentro dele, que vai nos permitir cadastrar uma descrição da instância do objeto no momento em que o criarmos, e vai retornar a data e a hora correntes em dois métodos distintos.

Que uso prático isso teria não sei, mas vamos relevar isso em função do exemplo didático do código apresentado. ;-)

A primeira coisa que temos que fazer é criar um arquivo chamado `extconf.rb`, que vai usar o módulo `mkmf` para criar um `Makefile` que irá compilar os arquivos da nossa extensão:

`extconf.rb`

```
1 require "mkmf"
2
3 extension_name = "curso"
4 dir_config(extension_name)
5 create_makefile(extension_name)
```

Vamos assumir essa sequência de código como a nossa base para fazer extensões, somente trocando o nome da extensão na variável `extension_name`.

Agora vamos escrever o fonte em C da nossa extensão, como diria Jack, O Estripador, “por partes”. Crie um arquivo chamado `curso.c` com o seguinte conteúdo:

curso.c

```
1  #include <ruby.h>
2  #include <time.h>
3
4  VALUE modulo, classe;
5
6  void Init_curso(){
7      modulo = rb_define_module("Curso");
8      classe = rb_define_class_under(modulo, "Horario", rb_cObject);
9  }
```

Opa! Já temos algumas coisas definidas ali! Agora temos que criar um Makefile⁴² para compilarmos nossa extensão. O bom que ele é gerado automaticamente a partir do nosso arquivo extconf.rb:

```
1  $ ruby extconf.rb
2  creating Makefile
```

E agora vamos executar o make para ver o que acontece:

```
1  $ make
2  compiling curso.c
3  linking shared-object curso.so
```

Dando uma olhada no diretório, temos:

```
1  $ ls *.so
2  curso.so
```

Foi gerado um arquivo .so, que é um arquivo de bibliotecas compartilhadas do GNU/Linux (a analogia no mundo Windows é uma DLL) com o nome que definimos para a extensão, com a extensão apropriada. Vamos fazer um teste no irb para ver se tudo correu bem:

```
1  require_relative "curso"
2  => true
3
4  > horario = Curso::Horario.new
5  => #<Curso::Horario:0x991aa4c>
```

Legal, já temos nosso primeiro módulo e classe vindos diretamente do C! Vamos criar agora o método construtor, alterando nosso código fonte C:

⁴²http://pt.wikibooks.org/wiki/Programar_em_C/Makefiles

curso.c

```
1  #include <ruby.h>
2  #include <time.h>
3
4  VALUE modulo, classe;
5
6  VALUE t_init(VALUE self, VALUE valor){
7      rb_iv_set(self, "@descricao", valor);
8      return self;
9  }
10
11 void Init_curso(){
12     modulo = rb_define_module("Curso");
13     classe = rb_define_class_under(modulo, "Horario", rb_cObject);
14     rb_define_method(classe, "initialize", t_init, 1);
15 }
```

Vamos testar, lembrando de rodar o make para compilar novamente o código:

```
1  require_relative "curso"
2  => true
3
4  > horario = Curso::Horario.new
5  ArgumentError: wrong number of arguments(0 for 1)
6  from (irb):2:in 'initialize'
7  from (irb):2:in 'new'
8  from (irb):2
9  from /home/aluno/.rvm/rubies/ruby-1.9.2-p180/bin/irb:16:in '<main>'
10
11 > horario = Curso::Horario.new(:teste)
12 => #<Curso::Horario:0x8b9e5e4 @descricao=:teste>
```

Foi feita uma tentativa de criar um objeto novo sem passar argumento algum no construtor, mas ele estava esperando um parâmetro, definido com o número 1 no final de `rb_define_method`.

Logo após criamos o objeto enviando um `Symbol` e tudo correu bem, já temos o nosso construtor!

Reparem como utilizamos `rb_iv_set` (algo como Ruby Instance Variable Set) para criar uma variável de instância com o argumento enviado. Mas a variável de instância continua sem um método para ler o seu valor, presa no objeto:

```
1  horario.descricao
2  NoMethodError: undefined method 'descricao' for
3  #<Curso::Horario:0x8b9e5e4 @descricao=:teste>
4  from (irb):4
```

Vamos criar um método para acessá-la:

curso.c

```
1  #include <ruby.h>
2  #include <time.h>
3
4  VALUE modulo, classe;
5
6  VALUE t_init(VALUE self, VALUE valor){
7      rb_iv_set(self, "@descricao", valor);
8      return self;
9  }
10
11 VALUE descricao(VALUE self){
12     return rb_iv_get(self, "@descricao");
13 }
14
15 void Init_curso(){
16     modulo = rb_define_module("Curso");
17     classe = rb_define_class_under(modulo, "Horario", rb_cObject);
18     rb_define_method(classe, "initialize", t_init, 1);
19     rb_define_method(classe, "descricao", descricao, 0);
20 }
```

Rodando novamente:

```
1  require_relative "curso"
2  => true
3
4  > horario = Curso::Horario.new(:teste)
5  => #<Curso::Horario:0x8410d04 @descricao=:teste>
6
7  > horario.descricao
8  => :teste
```

Agora para fazer uma graça vamos definir dois métodos que retornam a data e a hora corrente, como Strings. A parte mais complicada é pegar e formatar isso em C. Convém prestar atenção no modo que é alocada uma String nova usando `rb_str_new2`.

curso.c

```
1  #include <ruby.h>
2  #include <time.h>
3
4  VALUE modulo, classe;
5
6  VALUE t_init(VALUE self, VALUE valor){
7      rb_iv_set(self, "@descricao", valor);
8      return self;
9  }
10
11 VALUE descricao(VALUE self){
12     return rb_iv_get(self, "@descricao");
13 }
14
15 struct tm *get_date_time() {
16     time_t dt;
17     struct tm *dc;
18     time(&dt);
19     dc = localtime(&dt);
20     return dc;
21 }
22
23 VALUE data(VALUE self){
24     char str[15];
25     struct tm *dc = get_date_time();
26     sprintf(str, "%02d/%02d/%04d", dc->tm_mday, dc->tm_mon + 1, dc->tm_year + 1\
27 900);
28     return rb_str_new2(str);
29 }
30
31 VALUE hora(VALUE self){
32     char str[15];
33     struct tm *dc = get_date_time();
34     sprintf(str, "%02d:%02d:%02d", dc->tm_hour, dc->tm_min, dc->tm_sec);
35     return rb_str_new2(str);
36 }
37
38 void Init_curso(){
39     modulo = rb_define_module("Curso");
40     classe = rb_define_class_under(modulo, "Horario", rb_cObject);
41     rb_define_method(classe, "initialize", t_init, 1);
42     rb_define_method(classe, "descricao", descricao, 0);
43     rb_define_method(classe, "data", data, 0);
44     rb_define_method(classe, "hora", hora, 0);
```

45 }



Dica

Apesar dos nomes parecidos, `rb_str_new` espera dois argumentos, uma `String` e o comprimento, enquanto `rb_str_new2` espera somente uma `String` terminada com nulo e é bem mais prática na maior parte dos casos.

Rodando o programa:

```
1 require_relative "curso"
2 => true
3
4 > horario = Curso::Horario.new(:teste)
5 => #<Curso::Horario:0x896b6dc @descricao=:teste>
6
7 > horario.descricao
8 => :teste
9
10 horario.data
11 => "14/07/2016"
12
13 horario.hora
14 => "15:33:27"
```

Tudo funcionando perfeitamente! Para maiores informações de como criar extensões para Ruby, uma boa fonte de consultas é http://www.rubycentral.com/pickaxe/ext_ruby.html⁴³.

⁴³http://www.rubycentral.com/pickaxe/ext_ruby.html

Utilizando bibliotecas externas

Vamos supor que precisamos fazer uma integração do nosso código Ruby com alguma lib externa, já pronta. Para isso temos que dar um jeito de acessar as funções dessa lib de dentro do nosso código Ruby. Aproveitando o código que vimos acima para recuperar a hora, vamos fazer uma pequena lib, chamada libhora que faz isso na função hora.

Escrevendo o código em C da lib

Para a lib vamos utilizar o seguinte código:

hora.c

```
1  #include <stdio.h>
2  #include <time.h>
3  #include <stdlib.h>
4  #include <string.h>
5
6  struct tm *get_date_time() {
7      time_t dt;
8      struct tm *dc;
9      time(&dt);
10     dc = localtime(&dt);
11     return dc;
12 }
13
14 char *hora() {
15     char *str, cur[15];
16     str = malloc(sizeof(char) * 15);
17     struct tm *dc = get_date_time();
18     sprintf(cur, "%02d:%02d:%02d", dc->tm_hour, dc->tm_min, dc->tm_sec);
19     strcpy(str, cur);
20     return str;
21 }
```

Compilando o programa para produzir o arquivo hora.o:

```
1  gcc -c -Wall -Werror -fpic hora.c
```

E agora convertendo para uma lib compartilhada, que vai produzir o arquivo libhora.so:

```
1 gcc -shared -o libhora.so hora.o
```

Para desengargo de consciência, vamos fazer código em C para utilizar essa lib, para o caso de acontecer algum problema e isolarmos direto em C para não achar que a causa é a integração com Ruby. Primeiro o arquivo *header*:

hora.h

```
1 #ifndef hora_h__
2 #define hora_h__
3
4 extern char* hora(void);
5
6 #endif // hora_h__
```

E agora o programa de teste:

main.c

```
1 #include <stdio.h>
2 #include "hora.h"
3
4 int main(void)
5 {
6     puts("Teste da lib compartilhada:");
7     puts(hora());
8     return 0;
9 }
```

Compilando o programa de testes:

```
1 $ gcc -o main main.c -lhora -L$(pwd)
```

Para rodar o programa para testar, temos que indicar onde encontrar a lib compartilhada (que foi feito na compilação ali acima utilizando -L\$(pwd)):

```
1 LD_LIBRARY_PATH=$LD_LIBRARY_PATH:$(pwd) ./main
2 Teste da lib compartilhada:
3 20:05:54
```

Pronto, agora podemos testar no código Ruby.

Utilizando a lib compartilhada

Agora vamos utilizar essa lib dentro do nosso código Ruby. Para isso, vamos utilizar o módulo *fiddle*, com o seguinte programa:

fiddle.rb

```
1 require "fiddle"
2
3 # carrega a lib compartilhada
4 libhora = Fiddle.dlopen("./libhora.so")
5
6 # pega uma referência para a função
7 hora = Fiddle::Function.new(libhora["hora"], [], Fiddle::TYPE_VOIDP)
8
9 # chama a função
10 puts hora.call
```

Rodando o programa vemos que tudo correu bem:

```
1 $ ruby fiddle.rb
2 20:10:27
```

Temos que adequar as requisições para as referências e chamadas de funções para o número e tipo correto de valores que vamos enviar e receber. Para mais informações de como fazer isso na [documentação do Fiddle](#)⁴⁴.

⁴⁴<http://ruby-doc.org/stdlib-2.3.1/libdoc/fiddle/rdoc/index.html>

Garbage collector

Vamos aproveitar que estamos falando de coisa de um nível mais baixo (não, não é de política) e vamos investigar como funciona o garbage collector do Ruby. Várias linguagens modernas tem um *garbage collector*, que é quem recolhe objetos desnecessários e limpa a memória para nós. Isso evita que precisemos alocar memória sempre que criar um objeto e libera-lá após a sua utilização. Quem programa em C conhece bem `malloc` e `free`, não é mesmo? E ainda mais os famigerados *null pointer assignments*.

Em Ruby, o *garbage collector* é do tipo *mark-and-sweep*, que atua em fases separadas onde marca os objetos que não são mais necessários e depois os limpa. Vamos ver fazendo um teste prático de criar alguns objetos, invalidar algum, chamar o *garbage collector* e verificar os objetos novamente:

gc1.rb

```
1 class Teste
2 end
3
4 t1 = Teste.new
5 t2 = Teste.new
6 t3 = Teste.new
7
8 count = ObjectSpace.each_object(Teste) do |object|
9   puts object
10 end
11 puts "#{count} objetos encontrados."
12
13 t2 = nil
14 GC.start
15
16 count = ObjectSpace.each_object(Teste) do |object|
17   puts object
18 end
19 puts "#{count} objetos encontrados."
```

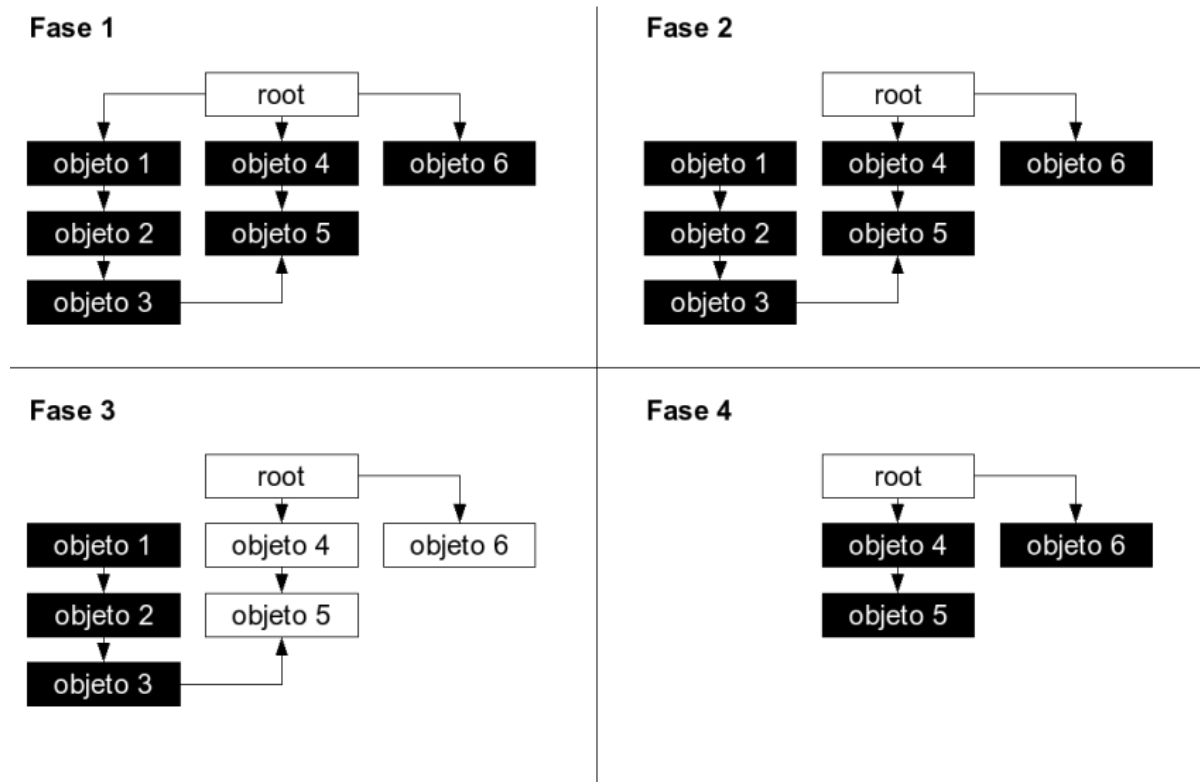
```
1 $ ruby gc1.rb
```

Rodando o programa:

```

1  #<Teste:0x850d1a8>
2  #<Teste:0x850d1bc>
3  #<Teste:0x850d1d0>
4  3 objetos encontrados.
5  #<Teste:0x850d1a8>
6  #<Teste:0x850d1d0>
7  2 objetos encontrados.

```



Garbage Collector

- Na **Fase 1**, todos os objetos não estão marcados como acessíveis.
- Na **Fase 2**, continuam do mesmo jeito, porém o *objeto 1* agora não está disponível no root.
- Na **Fase 3**, o algoritmo foi acionado, parando o programa e marcando (*mark*) os objetos que estão acessíveis.
- Na **Fase 4** foi executada a limpeza (*sweep*) dos objetos não-acessíveis, e retirado o *flag* dos que estavam acessíveis (deixando-os em preto novamente), forçando a sua verificação na próxima vez que o *garbage collector* rodar.

Isso não é um livro de C mas ...

Não custa ver como uma linguagem com alocação e limpeza automática de memória quebra nosso galho. Considerem esse código:

null.c

```
1  #include <stdio.h>
2  #include <stdlib.h>
3  #include <string.h>
4
5  int main() {
6      char *str;
7      str = malloc(sizeof(char) * 15);
8      strcpy(str, "hello world");
9      printf("%s\n", str);
10     free(str);
11     return 0;
12 }
```

Vamos compilá-lo (você tem o GCC aí, não tem?) e executá-lo:

```
1  $ gcc -o null null.c
2  $ ./null
3  hello world
```

Até aqui tudo bem. Mas agora comentem a linha 7, onde é executada malloc:

```
1  $ gcc -o null null.c
2  $ ./null
3  hello world
4  *** Error in `./null': free(): invalid pointer: 0xb7758000 ***
5  ===== Backtrace: =====
6  ...
```

Oh-oh. Como não houve alocação de memória, a chamada a free disparou uma mensagem de erro. Comentando a linha 10, onde se encontra free:

```
1  $ gcc -o null null.c
2  $ ./null
3  hello world
```

Aparentemente sem problemas, não é mesmo? Só que copiar uma String para um ponteiro de memória não inicializado pode nos dar algumas dores de cabeça ...

Isso ainda não é um livro de C, mas ...

Mas temos que aprender a verificar se um simples programa como esse tem alguma falha. Para isso, podemos utilizar o Valgrind⁴⁵, que é uma ferramenta ótima para esse tipo de coisa. Vamos executar o comando `valgrind` pedindo para verificar *memory leaks* no nosso pequeno programa, no estado em que está:

⁴⁵<http://valgrind.org>


```

1 $ valgrind --tool=memcheck --leak-check=yes -q ./null
2 ==8119== Use of uninitialised value of size 4
3 ==8119==    at 0x8048429: main (in /home/taq/code/ruby/conhecendo-ruby/null)
4 ==8119==
5 ...

```

Não vamos entrar a fundo no uso do Valgrind, mas isso significa que nosso programa tem um problema. Vamos tentar remover o comentário da linha 10, onde está `free`, compilar e rodar o comando `valgrind` novamente:

```

1 $ gcc -o null null.c
2 $ valgrind --tool=memcheck --leak-check=yes -q ./null
3 ==8793== Use of uninitialised value of size 4
4 ==8793==    at 0x8048459: main (in /home/taq/code/ruby/conhecendo-ruby/null)
5 ==8793==

```

Ainda não deu certo, e vamos voltar no comportamento já visto de erro do programa na hora em que executarmos ele. Vamos remover agora o comentário da linha 7, onde está `malloc`, e rodar novamente o `valgrind`:

```

1 $ gcc -o null null.c
2 $ valgrind --tool=memcheck --leak-check=yes -q ./null
3 hello world

```

Agora temos certeza de que está tudo ok! O Valgrind é uma ferramenta muito poderosa que quebra altos galhos.



Dica

Para termos um retorno exato do Valgrind de onde está o nosso problema, compilem o programa utilizando a opção `-g`, que vai inserir informações de *debugging* no executável. Se comentarmos novamente a linha 7, onde está `malloc`, vamos ter o seguinte resultado do `valgrind` quando compilarmos e executarmos ele novamente:

```

1 $ gcc -g -o null null.c
2 $ valgrind --tool=memcheck --leak-check=yes -q ./null
3 $ gcc -g -o null null.c
4 $ valgrind --tool=memcheck --leak-check=yes -q ./null
5 ==9029== Use of uninitialised value of size 4
6 ==9029==    at 0x8048459: main (null.c:8)
7 ==9029==

```

Reparem que agora ele já dedurou que o problema está na linha 8 (`null.c:8`), onde está sendo copiado um valor para uma variável não alocada.

Pequeno detalhe: nem toda String usa malloc/free

Apesar de mostrar e chorar as pitangas sobre `malloc` e `free` acima (ah vá, vocês gostaram das dicas em C), nem toda `String` em Ruby (pelo menos nas versões 1.9.x para cima) são alocadas com `malloc`, diretamente no *heap*. Esses são os casos das chamadas “**Strings de heap**”⁴⁶. **Existem também as “Strings compartilhadas”**⁴⁷, que são `Strings` que apontam para outras, ou seja, quando utilizamos algo como `str2 = str1`, e vão apontar para o mesmo local.

Mas tem outro tipo de `Strings`. As com até 11 caracteres em máquinas 32 *bits* e 23 caracteres em máquinas 64 *bits*, são consideradas “**Strings embutidas**”, e tem, na estrutura interna de Ruby, um *array* de caracteres desses tamanhos respectivos já alocado, para onde a `String` é copiada direto, sem precisar da utilização de `malloc` e `free`, consequentemente, aumentando a velocidade. O nosso programa acima seria algo como:

<<gc2.rb⁴⁶

Fica até mais simples, mas a sequência de caracteres fica “engessada” nos 15 caracteres. As `Strings` que ultrapassam esses limites são automaticamente criadas ou promovidas para `Strings de heap`, ou seja, usam `malloc/free`. Se você ficou curioso com os limites, pode compilar (compilado aqui com o GCC em um GNU/Linux) e rodar esse programa:

<<gc3.rb⁴⁷

O resultado vai ser algo como:

```
1 32 bits: 11 bytes de comprimento
```

ou em computadores com 64 bits:

```
1 64 bits: 11 bytes de comprimento
```

Como curiosidade, essa é a estrutura que cuida de `Strings` no código de Ruby, `RString`:

gc4.c

```
1 struct RString {
2
3     struct RBasic basic;
4
5     union {
6         struct {
7             long len;
8             char *ptr;
9             union {
10                 long capa;
11                 VALUE shared;
```

⁴⁶code/gc/gc2.rb

⁴⁷code/gc/gc3.rb

```
12     } aux;
13     } heap;
14
15     char ary[RSTRING_EMBED_LEN_MAX + 1];
16 } as;
17 };
```

Se repararmos na primeira union definida, podemos ver que é ali que é gerenciado se vai ser utilizada uma String de *heap* ou embutida. Lembrem-se (ou saibam) que unions em C permitem que sejam armazenados vários tipos dentro dela, mas permite acesso a apenas um deles por vez. Esse programa aqui vai produzir um efeito indesejado, pois é atribuído um valor no primeiro membro e logo após no segundo membro, que *sobreescreve* o valor do primeiro, deixando ele totalmente maluco no caso da conversão para um int:

gc5.c

```
1  #include <stdio.h>
2  #include <stdlib.h>
3  #include <string.h>
4
5  union data {
6      int id;
7      char name[20];
8  };
9
10 int main() {
11     union data d;
12     d.id = 1;
13     strcpy(d.name, "taq");
14     printf("%d %s\n", d.id, d.name);
15     return 0;
16 }
```

Rodando o programa, temos algo como isso:

```
1 $ ./union
2 7430516 taq
```

Agora, se utilizarmos cada membro da union **de cada vez**, temos o comportamento esperado:

gc6.c

```
1  #include <stdio.h>
2  #include <stdlib.h>
3  #include <string.h>
4
5  union data {
6      int id;
7      char name[20];
8  };
9
10 int main() {
11     union data d;
12     d.id = 1;
13     printf("%d\n", d.id);
14     strcpy(d.name, "taq");
15     printf("%s\n", d.name);
16     return 0;
17 }
```

Rodando o programa:

```
1  $ ./union2
2  1
3  taq
```

Unit testing

Se você for usar Rails e não aprender a usar os recursos de testes do *framework*, que já vem todo estruturado, estará relegando um ganho de produtividade muito grande.

Testes unitários são meios de testar e depurar pequenas partes do seu código, para verificar se não tem alguma coisa errada acontecendo, “modularizando” a checagem de erros. Um sistema é feito de várias “camadas” ou “módulos”, e os testes unitários tem que ser rodados nessas camadas.

Vamos usar de exemplo uma calculadora que só tem soma e subtração, então vamos fazer uma classe para ela, no arquivo `calc.rb`:

`calc.rb`

```
1 class Calculadora
2   def soma(a, b)
3     a + b
4   end
5
6   def subtrai(a, b)
7     a - b
8   end
9
10  def media(colecao)
11    val = colecao.valores
12    val.reduce(:+) / val.size.to_f
13  end
14 end
```

E agora o nosso teste propriamente dito, no arquivo `calc_test.rb`:

`calc_test.rb`

```
1 require "test/unit"
2   require_relative "calc"
3
4 class TesteCalculadora < Test::Unit::TestCase
5   def setup
6     @calculadora = Calculadora.new
7   end
8
9   def test_adicao
10    assert_equal(2, @calculadora.soma(1, 1), "1 + 1 = 2")
11  end
```

```

12
13 def test_subtracao
14   assert_equal(0, @calculadora.subtrai(1, 1), "1 - 1 = 0")
15 end
16
17 def teardown
18   @calculadora = nil
19 end
20 end

```



Deixei um método da calculadora, `media`, sem testes agora de propósito, para criarmos um teste mais tarde, mas **sempre testem todos os métodos do objeto**.

Rodando os testes:

```

1  $ ruby calc_test.rb
2
3  Loaded suite calc_test
4  Started
5  ..
6
7  Finished in 0.000943947 seconds.
8  -----
9  2 tests, 2 assertions, 0 failures, 0 errors, 0 pendings, 0 omissions, 0 not\
10 ifications
11  100% passed
12  -----
13  2118.76 tests/s, 2118.76 assertions/s

```

Que é o resultado esperado quando todos os testes passam. Algumas explicações do arquivo de teste:

- A classe é estendida de `Test::Unit::TestCase`, o que vai “dedurar” que queremos executar os testes contidos ali.
- Temos o método `setup`, que é o “construtor” do teste, e vai ser chamado para todos os testes, não somente uma vez.
- Temos o método `teardown`, que é o “destrutor” do teste, e vai liberar os recursos alocados através do `setup`.
- Temos as asserções, que esperam que o seu tipo combine com o primeiro argumento, executando o teste especificado no segundo argumento, usando o terceiro argumento como uma mensagem de ajuda se por acaso o teste der errado.

Para demonstrar uma falha, faça o seu código de subtração da classe `Calculadora` ficar meio maluco, por exemplo, retornando o resultado mais 1, e rode os testes novamente:

```

1  $ ruby calc_test.rb
2  Loaded suite calc_test
3  Started
4  .F
5  =====
6  Failure: test_subtracao(TesteCalculadora)
7  calc_test.rb:14:in `test_subtracao'
8      11:   end
9      12:
10     13:   def test_subtracao
11     => 14:     assert_equal(0, @calculadora.subtrai(1, 1), "1 - 1 = 0")
12     15:   end
13     16:
14     17:   def teardown
15 1 - 1 = 0
16 <0> expected but was
17 <1>
18 =====
19
20 Finished in 0.009217281 seconds.
21 -----
22 2 tests, 2 assertions, 1 failures, 0 errors, 0 pendings, 0 omissions, 0 not\
23 ifications
24 50% passed
25 -----
26 216.98 tests/s, 216.98 assertions/s

```

Além de `assert_equal`, temos várias outras asserções:

- `assert_nil`
- `assert_not_nil`
- `assert_not_equal`
- `assert_instance_of`
- `assert_kind_of`
- `assert_match`
- `assert_no_match`
- `assert_same`
- `assert_not_same`

Vamos incluir algumas outras:

calc_test2.rb

```
1 require "test/unit"
2 require_relative "calc"
3
4 class TesteCalculadora < Test::Unit::TestCase
5   def setup
6     @calculadora = Calculadora.new
7   end
8
9   def test_objeto
10    assert_kind_of Calculadora, @calculadora
11    assert_match /\d$/, @calculadora.soma(1, 1).to_s
12    assert_respond_to @calculadora, :soma
13    assert_same @calculadora, @calculadora
14  end
15
16  def test_objetos
17    assert_operator @calculadora.soma(1, 1), :>, @calculadora.soma(1, 0)
18  end
19
20  def test_adicao
21    assert_equal 2, @calculadora.soma(1, 1), "1 + 1 = 2"
22  end
23
24  def test_subtracao
25    assert_equal 0, @calculadora.subtrai(1, 1), "1 - 1 = 0"
26  end
27
28  def teardown
29    @calculadora = nil
30  end
31 end
```

Rodando os novos testes:

```
1 $ ruby calc_test2.rb
2 Loaded suite calc_test2
3 Started
4 ....
5
6 Finished in 0.001060785 seconds.
7 -----
8 4 tests, 7 assertions, 0 failures, 0 errors, 0 pendings, 0 omissions, 0 not\
9 ifications
```



```
10 100% passed
11 -----
12 3770.79 tests/s, 6598.89 assertions/s
```

Modernizando os testes

A partir da versão 1.9.x de Ruby, podemos contar com o *framework* de testes Minitest, e podemos reescrever nosso teste da calculadora dessa forma, definida no arquivo `minitest1.rb`:

`minitest1.rb`

```
1 require "minitest/autorun"
2 require_relative "calc"
3
4 class TesteCalculadora < Minitest::Test
5   def setup
6     @calculadora = Calculadora.new
7   end
8
9   def teardown
10    @calculadora = nil
11  end
12
13  def test_objeto
14    assert_kind_of Calculadora, @calculadora
15    assert_match /\d$/, @calculadora.soma(1, 1).to_s
16    assert_respond_to @calculadora, :soma
17    assert_same @calculadora, @calculadora
18  end
19
20  def test_objetos
21    assert_operator @calculadora.soma(1, 1), :>, @calculadora.soma(1, 0)
22  end
23
24  def test_adicao
25    assert_equal 2, @calculadora.soma(1, 1), "1 + 1 = 2"
26  end
27
28  def test_subtracao
29    assert_equal 0, @calculadora.subtrai(1, 1), "1 - 1 = 0"
30  end
31 end
```

Mas que? Só mudou de onde herdávamos de `Test::Unit::TestCase` e agora é `Minitest::Test`?

Randomizando os testes

Qual a vantagem? Antes de mais nada, vamos rodar o teste para ver o resultado:

```
1  $ ruby minitest1.rb
2  Run options: --seed 45816
3
4  # Running:
5
6  ....
7
8  Finished in 0.000968s, 4132.3253 runs/s, 8264.6507 assertions/s.
9
10 4 runs, 8 assertions, 0 failures, 0 errors, 0 skips
```

Reparem em `--seed 45816`. Ali é indicado que os testes são executados em ordem randômica, prevenindo a sua suíte de testes de ser executada dependente da ordem dos testes, o que ajuda a prevenir algo chamado de “*state leakage*” (“vazamento de estado”) entre os testes. Os testes tem que ser executados independente de sua ordem, e para isso o Minitest gera uma *seed* randômica para a execução dos testes. Se precisarmos executar os testes novamente com a mesma *seed*, já que ela vai ser alterada a cada vez que executamos os testes, podemos utilizar:

```
1  $ ruby minitest1.rb --seed 45816
```

Testando com specs

Também podemos testar utilizando *specs*, no estilo do RSpec, reescrevendo o código dessa maneira:

calc_spec.rb

```
1  require "minitest/autorun"
2  require_relative "calc"
3
4  describe Calculadora do
5    before do
6      @calculadora = Calculadora.new
7    end
8
9    after do
10     @calculadora = nil
11   end
12
13   describe "objeto" do
```

```
14     it "deve ser do tipo de Calculadora" do
15       expect(@calculadora).must_be_kind_of Calculadora
16     end
17
18     it "deve ter um método para somar" do
19       expect(@calculadora).must_respond_to :soma
20     end
21
22     it "deve ter um método para subtrair" do
23       expect(@calculadora).must_respond_to :subtrai
24     end
25   end
26
27   describe "soma" do
28     it "deve ser igual a 2" do
29       expect(@calculadora.soma(1, 1)).must_equal 2
30     end
31   end
32
33   describe "subtração" do
34     it "deve ser igual a 0" do
35       expect(@calculadora.subtrai(1, 1)).must_equal 0
36     end
37   end
38 end
```

```
1   Rodando o programa:
2
3   Run options: --seed 48965
4
5   # Running:
6
7   .....
8
9   Finished in 0.001350s, 3704.4089 runs/s, 3704.4089 assertions/s.
10
11   5 runs, 5 assertions, 0 failures, 0 errors, 0 skips
```

Agora já mudou bastante! Podemos usar alguns atalhos como `let`, ao invés do método `before`, que é um método *lazy* e só executa o bloco quando é invocado:

```
1 require "minitest/autorun"
2 require_relative "calc"
3
4 describe "Calculadora" do
5   let(:calculadora) { Calculadora.new }
6   ...
```

Podemos pular algum teste, utilizando skip:

```
1 it "deve ter um método para multiplicar" do
2   skip "ainda não aprendi como multiplicar"
3   calculadora.must_respond_to :multiplicar
4 end
```

Benchmarks

O Minitest já vem com recursos de *benchmarks*:

calc_bench_spec.rb

```
1 require "minitest/autorun"
2 require "minitest/benchmark"
3 require_relative "calc"
4
5 describe "Calculadora Benchmark" do
6   before do
7     @calculadora = Calculadora.new
8   end
9
10  bench_performance_constant "primeiro algoritmo", 0.001 do |n|
11    100.times do |v|
12      @calculadora.soma(n, v)
13    end
14  end
15
16  bench_performance_constant "segundo algoritmo", 0.001 do |n|
17    100.times do |v|
18      @calculadora.soma(v, n)
19    end
20  end
21 end
```

```

1 $ ruby minitest3.rb
2 Calculadora::benchmarks      1      10      100      1000      10000
3 bench_primeiro_algoritmo 0.000084 0.000071 0.000065 0.000061 0.000060
4 bench_segundo_algoritmo 0.000070 0.000061 0.000059 0.000059 0.000059

```

Mocks

Temos um sistema básico e fácil para utilizar [mocks](#)⁴⁸, onde podemos simular o comportamento de um objeto complexo, ainda não acessível ou construído ou impossível de ser incorporado no teste. Um mock é recomendado se ⁴⁹:

- Gera resultados não determinísticos (ou seja, que exibem diferentes comportamentos cada vez que são executados)
- Tem estados que são difíceis de criar ou reproduzir (por exemplo, erro de comunicação da rede)
- É lento (por exemplo, um banco de dados completo que precisa ser inicializado antes do teste)
- Ainda não existe ou pode ter comportamento alterado
- Teriam que adicionar informações e métodos exclusivamente para os testes (e não para sua função real)

Existem algumas *gems* para utilizarmos mocks, como a Mocha (<https://github.com/freerange/mocha>⁵⁰), que tem vários recursos interessantes, mas com o Minitest grande parte do que precisamos já está pronto.

Agora vamos utilizar o método chamado `media`, que vai receber e calcular a média de uma coleção e utilizar um Mock para simular um **objeto** de coleção (apesar que poderia facilmente ser um Array). Para isso, vamos ver agora o teste, mostrando somente o método que utiliza o Mock:

`calc_spec2.rb`

```

1 describe "média" do
2   it "deve ser igual a 2" do
3     colecao = MiniTest::Mock.new
4     colecao.expect :valores, [1, 2, 3]
5     @calculadora.media(colecao)
6     colecao.verify
7   end
8 end

```

“Falsificamos” um objeto, com um método chamado `valores`, que retorna um Array de 3 Fixnum's: [1,2,3]. A instrução ali é algo como “ei, quando o método `valores` for acionado em `colecao`, retorne aquele Array que indicamos”.

⁴⁸http://pt.wikipedia.org/wiki/Mock_Object

⁴⁹http://pt.wikipedia.org/wiki/Mock_Object

⁵⁰<https://github.com/freerange/mocha>

Stubs

Também podemos ter [stubs](http://pt.wikipedia.org/wiki/Stub)⁵¹, que podem ser utilizados como substitutos temporários de **métodos** que demorem muito para executar, consumam muito processamento, etc. No caso dos Stubs do Minitest, eles duram dentro e enquanto durar o bloco que foram definidos:

calc_spec3.rb

```
1 describe "soma maluca" do
2   it "deve ser igual a 3" do
3     @calculadora.stub :soma, 3 do
4       expect(@calculadora.soma(1, 1)).must_equal 3
5     end
6   end
end
```

Esse exemplo foi para efeitos puramente didáticos - e inúteis, do ponto de vista de uma calculadora que iria retornar um valor totalmente inválido - mas serve para mostrar como podemos fazer uso de stubs.

Expectations

Algumas das [expectations](http://www.ruby-doc.org/stdlib-1.9.3/libdoc/minitest/spec/rdoc/MiniTest/Expectations.html)⁵² do Minitest. Para testarmos uma condição inversa, na maioria das vezes é só trocar **must** para **wont**, por exemplo, **must_be** por **wont_be**:

- **must_be** - Testa uma condição comparando o valor retornado de um método:

```
1 10.must_be :<, 20
```

- **must_be_empty** - Deve ser vazio:

```
1 [].must_be_empty
```

- **must_be_instance_of** - Deve ser uma instância de uma classe:

```
1 "oi".must_be_instance_of String
```

- **must_be_kind_of** - Deve ser de um determinado tipo:

```
1 1.must_be_kind_of Numeric
```

- **must_be_nil** - Deve ser nulo:

```
1 a = nil
2 a.must_be_nil
```

- **must_be_same_as** - Deve ser o mesmo objeto:

⁵¹<http://pt.wikipedia.org/wiki/Stub>

⁵²<http://www.ruby-doc.org/stdlib-1.9.3/libdoc/minitest/spec/rdoc/MiniTest/Expectations.html>

```

1   a = "oi"
2   b = a
3   a.must_be_same_as b

```

- **must_be_silent** - O bloco não pode mandar nada para stdout ou stderr:

```

1   -> {}.must_be_silent
2   => true
3   -> { puts "oi" }.must_be_silent
4   1) Failure:
5     test_0002_should be silent(Test) [minitest.rb:10]:
6     In stdout.

```

- **must_be_within_delta(exp,act,delta,msg)** - Compara Floats, verificando se o valor de exp tem uma diferença de no máximo delta de act, comparando se delta é maior que o valor absoluto de exp-act ($\text{delta} > (\text{exp} - \text{act}).\text{abs}$):

```

1   1.01.must_be_within_delta 1.02, 0.1
2   => true
3   1.01.must_be_within_delta 1.02, 0.1
4   Expected |1.02 - 1.01| (0.010000000000000009) to be < 0.009

```

- **must_be_within_epsilon(exp,act,epsilon,msg)** - Similar ao delta, mas epsilon é uma medida de erro relativa aos pontos flutuantes. Compara utilizando **must_be_within_delta**, calculando delta como o valor mínimo entre exp e act, vezes epsilon ($\text{must_be_within_delta exp, act, [exp,act].min*epsilon}$).
- **must_equal** - Valores devem ser iguais. Para Floats, use **must_be_within_delta** explicada logo acima.

```

1   a.must_equal b

```

- **must_include** - A coleção deve incluir o objeto:

```

1   (0..10).must_include 5

```

- **must_match** - Deve “casar”:

```

1   "1".must_match /\d/

```

- **must_output(stdout,stderr)** - Deve imprimir determinado o resultado esperado em stdout ou stderr. Para testar somente em stderr, envie nil no primeiro argumento:

```

1  -> { puts "oi" }.must_output "oi\n"
2  => true
3  -> { }.must_output "oi\n"
4  1) Failure:
5  test_0004_should_output(Test) [minitest.rb:20]:
6  In stdout.

```

- **must_raise** - Deve disparar uma Exception:

```

1  -> { 1+"um" }.must_raise TypeError
2  => true
3  -> { 1+1 }.must_raise TypeError
4  1) Failure:
5  test_0005_should_raises_an_exception(Test) [minitest.rb:25]:
6  TypeError expected but nothing was raised.

```

- **must_respond_to** - Deve responder à um determinado método:

```

1  "oi".must_respond_to :upcase

```

- **must_send** - Deve poder ser enviado determinado método com argumentos:

```

1  must_send ["eustáquio", :slice, 3, 3]

```

- **must_throw** - Deve disparar um throw:

```

1  ->{ throw :custom_error }.must_throw :custom_error

```

Já deixando claro que existe uma pequena grande diferença entre `kind_of?` (tipo de) e `instance_of?` (instância de). Deêm uma olhada nesse código:

```

1  > class A; end
2  > class B < A; end
3  > b = B.new
4  > b.instance_of?(B)
5  => true
6  > b.instance_of?(A)
7  => false
8  > b.kind_of?(B)
9  => true
10 > b.kind_of?(A)
11 => true
12 > A === b
13 => true
14 > B === b
15 => true

```

Dá para perceber que `===`, para classes, é um *alias* de `kind_of?`.

Testes automáticos

Nada mais chato do que ficar rodando os testes manualmente após alterarmos algum conteúdo. Para evitar isso, temos algumas ferramentas como o [Guard](#)⁵³, que automatizam esse processo. Podemos instalar as seguintes *gems* para utilizar Guard e Minitest:

```
1 gem install guard guard-minitest
```

Após isso, podemos executar:

```
1 guard init minitest
```

Deixar o arquivo `Guardfile` criado dessa maneira:

Guardfile

```
1 guard :minitest do
2   watch(%r{^spec/(.*)_spec\.rb$})
3   watch(%r{^(.+)\.rb$}) { |m| "spec/#{m[1]}_spec.rb" }
4 end
```

Criar um diretório chamado `spec` (viram ele referenciado ali em cima?) com arquivos chamados `*_spec.rb` (também viram a máscara `*_spec.rb` ali?), copiar o arquivo `calc_spec3.rb` para `spec/calc_spec.rb` e finalmente rodar o comando `guard`:

```
1 $ guard
2 ...
3 22:38:18 - INFO - Guard is now watching
4 [1] guard(main)>
```

Os testes encontrados vão ser avaliados sempre que algum arquivo com a extensão `.rb` no diretório corrente ou algum arquivo com o nome `*_spec.rb` for alterado. Note que a configuração do `Guardfile` procura saber qual é o teste para ser rodado através do nome do arquivo `.rb` modificado, inserindo `_spec` no final do nome dele.

⁵³<https://github.com/guard/guard>

Criando Gems

Podemos criar *gems* facilmente, desde escrevendo os arquivos de configuração “na unha”, até utilizando a *gem bundle*, que provavelmente já se encontra instalada no sistema.

Criando a gem

Vamos construir uma *gem* para “aportuguesar”os métodos `even?` e `odd?`, traduzindo-os respectivamente para `par?` e `impar?`. Para criar a nova *gem*, chamada `portnum`, podemos digitar o comando abaixo e responder algumas questões que nos são apresentadas da maneira que acharmos melhor (ficando a recomendação de responder `minitest` quando perguntado sobre testes):

```
1 $ bundle gem portnum
2 Creating gem 'portnum'...
```

Esse comando gera a seguinte estrutura de diretório/arquivos, inclusive já dentro de um repositório do Git:

```
1 $ cd portnum/
2 total 48K
3 drwxrwxr-x 6 taq taq 4,0K .
4 drwxrwxr-x 3 taq taq 4,0K ..
5 drwxrwxr-x 2 taq taq 4,0K bin
6 -rw-rw-r-- 1 taq taq 92 Gemfile
7 drwxrwxr-x 7 taq taq 4,0K .git
8 -rw-rw-r-- 1 taq taq 87 .gitignore
9 drwxrwxr-x 3 taq taq 4,0K lib
10 -rw-rw-r-- 1 taq taq 1,4K portnum.gemspec
11 -rw-rw-r-- 1 taq taq 198 Rakefile
12 -rw-rw-r-- 1 taq taq 1,2K README.md
13 drwxrwxr-x 2 taq taq 4,0K test
14 -rw-rw-r-- 1 taq taq 88 .travis.yml
```

O ponto-chave é o arquivo `portnum.gemspec`:

```

1  # coding: utf-8
2  lib = File.expand_path('../lib', __FILE__)
3  $LOAD_PATH.unshift(lib) unless $LOAD_PATH.include?(lib)
4  require 'portnum/version'
5
6  Gem::Specification.new do |spec|
7    spec.name           = "portnum"
8    spec.version        = Portnum::VERSION
9    spec.authors        = ["Eustaquio Rangel"]
10   spec.email           = ["taq@eustaquiorangel.com"]
11
12   spec.summary         = %q{TODO: Write a short summary, because Rubygems req\
13 uires one.}
14   spec.description     = %q{TODO: Write a longer description or delete this l\
15 ine.}
16   spec.homepage        = "TODO: Put your gem's website or public repo URL her\
17 e."
18
19   # Prevent pushing this gem to RubyGems.org. To allow pushes either set th\
20 e 'allowed_push_host'
21   # to allow pushing to a single host or delete this section to allow pushi\
22 ng to any host.
23   if spec.respond_to?(:metadata)
24     spec.metadata['allowed_push_host'] = "TODO: Set to 'http://mygemserver.\
25 com'"
26   else
27     raise "RubyGems 2.0 or newer is required to protect against public gem \
28 pushes."
29   end
30
31   spec.files           = `git ls-files -z`.split("\x0").reject { |f| f.match(\
32 %r{^(test|spec|features)/}) }
33   spec.bindir          = "exe"
34   spec.executables     = spec.files.grep(%r{^exe/}) { |f| File.basename(f) }
35   spec.require_paths   = ["lib"]
36
37   spec.add_development_dependency "bundler", "~> 1.12"
38   spec.add_development_dependency "rake", "~> 10.0"
39   spec.add_development_dependency "minitest", "~> 5.0"
40 end

```

Temos que preencher com os dados necessários:

portnum.gemspec

```

1  # coding: utf-8
2  lib = File.expand_path('../lib', __FILE__)
3  $LOAD_PATH.unshift(lib) unless $LOAD_PATH.include?(lib)
4  require 'portnum/version'
5
6  Gem::Specification.new do |spec|
7    spec.name           = "portnum"
8    spec.version        = Portnum::VERSION
9    spec.authors        = ["Eustaquio Rangel"]
10   spec.email           = ["taq@eustaquiorangel.com"]
11
12   spec.summary         = %q{Aportuguesamento de números}
13   spec.description     = %q{Adiciona os métodos par? e impar? na classe Numeric}
14   spec.homepage        = "http://github.com/taq/portnum"
15
16   spec.files           = `git ls-files -z`.split("\x0").reject { |f| f.match(%r\
17   {^(test|spec|features)/}) }
18   spec.bindir          = "exe"
19   spec.executables     = spec.files.grep(%r{^exe/}) { |f| File.basename(f) }
20   spec.require_paths   = ["lib"]
21
22   spec.add_development_dependency "bundler", "~> 1.12"
23   spec.add_development_dependency "rake", "~> 10.0"
24   spec.add_development_dependency "minitest", "~> 5.0"
25 end

```

Dentro do diretório lib, se encontram os seguintes arquivos:

```

1  $ ls -lah lib
2  total 16K
3  drwxr-xr-x 3 taq taq .
4  drwxr-xr-x 4 taq taq ..
5  drwxr-xr-x 2 taq taq portnum
6  -rw-r--r-- 1 taq taq portnum.rb
7
8  $ ls -lah lib/portnum
9  total 12K
10 drwxr-xr-x 2 taq taq 4,0K .
11 drwxr-xr-x 3 taq taq 4,0K ..
12 -rw-r--r-- 1 taq taq 39 version.rb

```

Dentro do arquivo version.rb, temos:

```
1 $ cat lib/portnum/version.rb
2 module Portnum
3   VERSION = "0.0.1"
4 end
```

Que vai definir o número de versão da nossa *gem*. Dentro do arquivo `portnum.rb`, temos:

```
1 $ cat lib/portnum.rb
2 require "portnum/version"
3
4 module Portnum
5   # Your code goes here...
6 end
```

Esse é o código que vai ser carregado quando a *gem* for requisitada. Vamos alterar a classe `Numeric` nesse arquivo (`lib/portnum.rb`), para implementar os nossos dois métodos:

`portnum.rb`

```
1 require "#{File.expand_path(File.dirname(__FILE__))}/portnum/version"
2
3 class Numeric
4   def par?
5     self % 2 == 0
6   end
7
8   def impar?
9     self % 2 == 1
10  end
11 end
```

Testando a gem

Antes de construir nossa *gem*, vamos criar alguns testes no diretório `test`, que deve estar criado:

`portnum_test.rb`

```
1 require 'test_helper'
2
3 class PortnumTest < Minitest::Test
4   def test_that_it_has_a_version_number
5     refute_nil ::Portnum::VERSION
6   end
7
8   def test_par
```

```
9      assert_respond_to 1, :par?
10    end
11
12    def test_par_ok
13      assert 2.par?
14      assert !1.par?
15    end
16
17    def test_impar
18      assert_respond_to 1, :impar?
19    end
20
21    def test_impar_ok
22      assert 1.impar?
23      assert !2.impar?
24    end
25  end
```

Rodando os testes:

```
1  $ rake test
2  Run options: --seed 8417
3
4  # Running:
5
6  .....
7
8  Finished in 0.001299s, 3849.0554 runs/s, 5388.6776 assertions/s.
9
10 5 runs, 7 assertions, 0 failures, 0 errors, 0 skips
```

Construindo a gem

Agora que verificamos que tudo está ok, vamos construir a nossa *gem*:

```
1  $ rake build
2  portnum 0.0.1 built to pkg/portnum-0.0.1.gem
3
4  $ ls -lah pkg/
5  total 12K
6  drwxr-xr-x 2 taq taq 4,0K .
7  drwxr-xr-x 6 taq taq 4,0K ..
8  -rw-r--r-- 1 taq taq 4,0K portnum-0.0.1.gem
```

Olha lá a nossa *gem*! Agora vamos instalá-la:

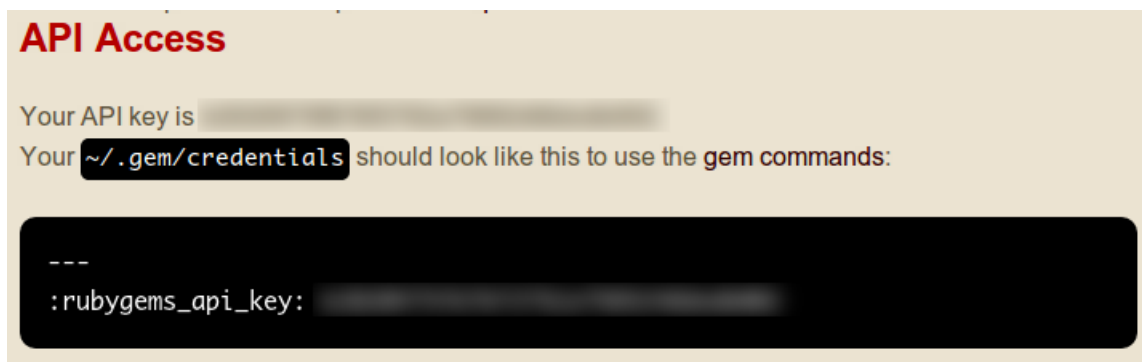
```
1 $ rake install
2 portnum 0.0.1 built to pkg/portnum-0.0.1.gem
3 portnum (0.0.1) installed
```

Testando se deu certo:

```
1 $ irb
2 > require "portnum"
3 => true
4 > 1.par?
5 => false
6 > 1.impar?
7 => true
```

Publicando a gem

Podemos publicar a gem facilmente para o [RubyGems.org](https://rubygems.org)⁵⁴, que é o repositório oficial de *gems* para Ruby. Primeiro temos que criar uma conta lá, e indo em <https://rubygems.org/profile/edit>⁵⁵ e salvar a nossa chave da API para um arquivo YAML em `~/ .gem/credentials`:



Credenciais da gem

Aí é só usar o comando `gem push`:

```
1 $ gem push portnum-0.0.1.gem
```

Se quisermos fazer os seguintes passos:

1. Executar o `build`
2. Criar uma tag no `git` e fazer um push para o repositório de código
3. Publicar a *gem* no `RubyGems.org`

podemos utilizar:

⁵⁴<http://rubygems.org>

⁵⁵<https://rubygems.org/profile/edit>

```
1 $ rake release
2 portnum 0.0.1 built to pkg/portnum-0.0.1.gem
3 Tagged v0.0.1
4 ...
```

Para ver todas as tasks que o Rake suporta:

```
1 $ rake -T
2 rake build          # Build portnum-0.1.0.gem into the pkg directory
3 rake clean          # Remove any temporary products
4 rake clobber        # Remove any generated files
5 rake install        # Build and install portnum-0.1.0.gem into system gems
6 rake install:local  # Build and install portnum-0.1.0.gem into system gem\
7 s without network access
8 rake release[remote] # Create tag v0.1.0 and build and push portnum-0.1.0.\
9 gem to Rubygems
10 rake test          # Run tests
```

Extraindo uma gem

Podemos extrair o código (com toda a estrutura de diretórios) contido em uma *gem* utilizando o comando `gem` com a opção `unpack`:

```
1 $ gem unpack portnum
```

Ou, no caso de não ter as *gems* instaladas, utilizando a ferramenta GNU `tar`:

```
1 $ tar xvf portnum-0.0.1.gem data.tar.gz
2 $ tar tvf data.tar.gz
```

Assinando uma gem

Em razão de um problema de comprometimento do [RubyGems](http://rubygems.org)⁵⁶ em Janeiro de 2013, os autores de *gems* foram instruídos a assinarem as suas *gems* usando um certificado auto-assinado baseado em [RSA](http://pt.wikipedia.org/wiki/RSA)⁵⁷, de forma que quando instaladas ou atualizadas, as *gems* possam ter a sua integridade verificada.

Criando um certificado

Para criar o seu certificado, digite o seguinte comando, trocando `<seu_email>` para o email que deseja que esteja associado ao certificado, digitando a senha do certificado (não se esqueça dela!) duas vezes:

⁵⁶<http://rubygems.org>

⁵⁷<http://pt.wikipedia.org/wiki/RSA>


```
1 $ gem cert --build <seu_email>
2 Passphrase for your Private Key:
3
4 Please repeat the passphrase for your Private Key:
5
6 Certificate: /home/taq/gem-public_cert.pem
7 Private Key: /home/taq/gem-private_key.pem
8 Don't forget to move the key file to somewhere private!
```

Podemos ver que foram criados dois arquivos no diretório corrente:

- gem-public_cert.pem
- gem-private_cert.pem

É uma boa idéia movermos esses arquivos para um diretório específico, como por exemplo, `~/gemcert`:

```
1 $ mkdir ~/gemcert
2
3 $ mv -v gem-p* ~/gemcert/
4 "gem-private_key.pem" -> "/home/taq/gemcert/gem-private_key.pem"
5 "gem-public_cert.pem" -> "/home/taq/gemcert/gem-public_cert.pem"
```

Uma **grande** diferença entre esses arquivos é que o **private** tem que ficar bem guardado em segredo, sem divulgar ou entregar para alguém, para evitar que alguém se faça passar por você, enquanto o **public** pode e deve ser **publicado** para que as pessoas possam conferir a assinatura da gem que usa esse certificado, no velho esquema de chaves públicas e privadas.

Adaptando a gem para usar o certificado

Vamos pegar como exemplo uma gem que mantenho, a [Traquitana](https://github.com/taq/traquitana)⁵⁸. Para indicar que ela vai utilizar o meu certificado, vou inserir as seguintes linhas no final do arquivo `traquitana.gemspec`:

```
1 gem.signing_key = '/home/taq/gemcert/gem-private_key.pem'
2 gem.cert_chain = ['gem-public_cert.pem']
```

Isso vai indicar que o arquivo **private** vai ser utilizado para assinar a gem, e o arquivo **public** vai ser utilizado para conferir a assinatura. Podemos publicar nosso arquivo **public** em algum lugar na web, mas vamos facilitar e distribuí-lo junto com o código da nossa gem. Para isso, vá para o diretório onde está o arquivo `.gemspec` da gem (no caso acima, o `traquitana.gemspec`) e copie o arquivo **public** do seu diretório `~/gemcert` (ou de onde você armazenou os arquivos):

⁵⁸<https://github.com/taq/traquitana>

```
1 $ cp ~/.gemspec/gem-public_cert.pem .
```

Construindo e publicando a gem assinada

Agora podemos construir a gem assinada, utilizando o `rake build` como vimos acima, com a diferença que agora vai ser solicitada a senha utilizada na criação do certificado:

```
1 $ rake build
2 Enter PEM pass phrase:
3 traquitana 0.0.23 built to pkg/traquitana-0.0.23.gem.
```

Podemos também utilizar `rake release` para fazer o processo completo, como demonstrado um pouco antes, sem problemas.

Utilizando a gem assinada

Com a gem assinada e publicada, agora podemos instalá-la ou atualizá-la pedindo para que seja verificada no momento da operação selecionada. Para isso, vamos precisar importar os certificados **públicos** disponibilizados pelos desenvolvedores das gems e utilizar a opção `-P HighSecurity`. Se, por exemplo, eu tentar atualizar a gem em um computador que não tem o certificado importado, não conseguindo verificar a integridade da gem, vai acontecer isso:

```
1 $ gem update traquitana -P HighSecurity
2 Updating installed gems
3 Updating traquitana
4 Fetching: traquitana-0.0.23.gem (100%)
5 ERROR: While executing gem ... (Gem::Security::Exception)
6   root cert /CN=taq/DC=eustaquiorangel/DC=com is not trusted
```

Vamos dar uma olhada nos certificados que temos disponíveis:

```
1 $ gem cert --list
```

Não foi retornado nada aqui, então vamos importar o certificado disponibilizado com a gem, que nesse caso, se encontra disponível em https://raw.githubusercontent.com/taq/traquitana/master/gem-public_cert.pem⁵⁹, de onde vamos fazer *download* para um arquivo local, importar o certificado e logo depois apagar o arquivo local:

⁵⁹https://raw.githubusercontent.com/taq/traquitana/master/gem-public_cert.pem

```
1 $ curl https://raw.githubusercontent.com/taq/traquitana/master/gem-public_certificate.pem > cert
2
3
4 $ gem cert --add cert
5 Added '/CN=taq/DC=eustaquiorangel/DC=com'
6
7 $ rm cert
8
9 $ gem cert --list
10 /CN=taq/DC=eustaquiorangel/DC=com
```

Com o certificado instalado, vamos tentar atualizar a gem novamente com a opção de verificação:

```
1 $ gem update traquitana -P HighSecurity
2 Updating installed gems
3 Updating traquitana
4 Successfully installed traquitana-0.0.23
5 Parsing documentation for traquitana-0.0.23
6 Installing ri documentation for traquitana-0.0.23
7 Installing darkfish documentation for traquitana-0.0.23
8 Done installing documentation for traquitana after 0 seconds
9 Gems updated: traquitana
```

Agora funcionou tudo de acordo.



Dica

Para utilizar a verificação com o [Bundler](http://bundler.io/)⁶⁰, podemos utilizar a opção `--trust-policy HighSecurity`, que funciona da mesma forma demonstrada acima. Por exemplo:

```
1 $ bundle install --trust-policy HighSecurity
```

⁶⁰<http://bundler.io/>

Rake

Vimos no capítulo anterior uma ferramenta poderosíssima que utilizamos com bastante frequência no ecossistema Ruby: o [rake](https://github.com/ruby/rake)⁶¹. O rake foi inspirado no [make](https://pt.wikibooks.org/wiki/Programar_em_C/Makefiles)⁶², que é utilizado com frequência para automatizar tarefas, especialmente para compilar e gerar programas executáveis no mundo Unix. Sorte nossa que o rake é bem mais descomplicado e prático que o make, onde a geração de um Makefile mais completo (e complexo) demanda a utilização de outras ferramentas como o [automake](https://pt.wikipedia.org/wiki/Automake)⁶³.

Definindo uma tarefa

Definir uma tarefa no rake é bem fácil. Primeiro, vamos precisar de um arquivo `Rakefile` (primo do `Makefile`), uma descrição e a definição da tarefa. Para o nosso exemplo, vamos fazer algumas tarefas para listar, criar o zip, e extrair os arquivos, mas utilizando os utilitários do sistema operacional (e não os meios que aprendemos em um capítulo anterior, para simplificar e focar aqui somente no rake).

Vamos criar os arquivos texto `1.txt`, `2.txt` e `3.txt`, com qualquer conteúdo, somente para utilizarmos novamente nesse capítulo:

```
1 $ ls *.txt
2 -rw-rw-r-- 1 taq taq 1.txt
3 -rw-rw-r-- 1 taq taq 2.txt
4 -rw-rw-r-- 1 taq taq 3.txt
```

Dando uma olhada no `Rakefile`:

Rakefile

```
1 desc "Lista os arquivos"
2 task :list do
3   Dir.glob("*.txt") do |file|
4     puts "encontrei o arquivo: #{file}"
5   end
6 end
```

Rodando o rake:

⁶¹<https://github.com/ruby/rake>

⁶²https://pt.wikibooks.org/wiki/Programar_em_C/Makefiles

⁶³<https://pt.wikipedia.org/wiki/Automake>

```
1 $ rake
2 rake aborted!
3 Don't know how to build task 'default' (see --tasks)
```

Ops, criamos uma *task* chamada *list* mas não especificamos qual seria a *task default* se rodarmos o rake sem uma *task* específica. Podemos indicar qual a *task* default utilizando `task default: <task>`:

Rakefile

```
1 task default: :list
2
3 desc "Lista os arquivos"
4 task :list do
5   Dir.glob("*.txt") do |file|
6     puts "encontrei o arquivo: #{file}"
7   end
8 end
```

Rodando novamente:

```
1 $ rake
2 encontrei o arquivo: 3.txt
3 encontrei o arquivo: 2.txt
4 encontrei o arquivo: 1.txt
```

Que é o mesmo comportamento que rodando com `rake list`:

```
1 $ rake list
2 encontrei o arquivo: 3.txt
3 encontrei o arquivo: 2.txt
4 encontrei o arquivo: 1.txt
```

A partir desse momento, já podemos listar quais são as tarefas definidas no `Rakefile` do diretório corrente, utilizando `rake -T`:

```
1 $ rake -T
2 rake list # Lista os arquivos
```

Namespaces

Agora vamos imaginar que essa *task* *list*, como vimos aqui, lista os arquivos candidatos à compactação (que nesse caso, são apenas os arquivos `*.txt` que temos no diretório corrente), mas queremos também listar somente os arquivos já compactados, ou seja, os arquivos `.zip` presentes no diretório corrente. Seria outra *task* *list*, mas como evitar que uma *task* conflite com a outra? Da mesma forma que resolvemos isso com classes, utilizando *namespaces*:

Rakefile

```
1 task default: "files:list"
2
3 namespace :files do
4   desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
5   task :list do
6     Dir.glob("*.txt") do |file|
7       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
8     end
9   end
10 end
11
12 namespace :zip do
13   desc "Lista os arquivos compactados"
14   task :list do
15     Dir.glob("*.zip") do |file|
16       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
17     end
18   end
19 end
```

Agora temos duas tarefas distintas:

```
1 $ rake -T
2 rake files:list  # Lista os arquivos candidatos à compactação
3 rake zip:list   # Lista os arquivos compactados
```

Uma diferença importante se não tivéssemos utilizado *namespaces* ali é que se definirmos outra tarefa com o mesmo nome de uma existente, **elas não se sobrepõem**, e sim a última é adicionada como uma continuação da anterior. Então, fiquem de olho nisso e organizem o seu código.

Tarefas dependentes

Vamos fazer uma tarefa agora para compactar os arquivos, apagando o arquivo .zip anterior se ele existir, definida na tarefa `clean`:

Rakefile

```
1 require "open3"
2
3 task default: "files:list"
4
5 filemask = "*.txt"
6 zipfile = "rake.zip"
7
8 namespace :files do
9   desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
10  task :list do
11    Dir.glob(filemask) do |file|
12      puts "encontrei o arquivo: #{file}"
13    end
14  end
15 end
16
17 namespace :zip do
18   desc "Lista os arquivos compactados"
19   task :list do
20     Dir.glob(zipfile) do |file|
21       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
22     end
23   end
24
25   desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
26   task :clean do
27     puts "Apagando o arquivo #{zipfile}, se existir ..."
28     File.delete(zipfile) if File.exists?(zipfile)
29   end
30
31   desc "Cria o arquivo .zip"
32   task build: :clean do
33     puts "Criando o arquivo #{zipfile} ..."
34     list = Dir.glob(filemask).sort.join(", ")
35     puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."
36     stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{zipfile} #{list}")
37     error = stderr.read
38     if error.size == 0
39       puts "Arquivo criado com sucesso."
40     else
41       puts "Erro criando o arquivo: #{error}"
42     end
43   end
44 end
```

Rodando a task:

```
1  $ rake zip:build
2  Apagando o arquivo rake.zip, se existir ...
3  Criando o arquivo rake.zip ...
4  Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
5  Arquivo criado com sucesso.
```

Executando tarefas em outros programas

Podemos executar as tarefas em outros programas, como no irb:

```
1  $ irb
2  > require "rake"
3  => true
4
5  > load "Rakefile"
6  => true
7
8  > Rake::Task["files:list"].invoke
9  encontrei o arquivo: 3.txt
10 encontrei o arquivo: 2.txt
11 encontrei o arquivo: 1.txt
12 => [#<Proc:0x000000021b50d8@Rakefile:10>]
```

Reparem que no final é retornada uma Proc.

Arquivos diferentes

Até agora estamos executando todas as tarefas em um arquivo Rakefile, porém podemos ter vários arquivos `.rake` com código específicos, indicados na linha de comando, como por exemplo, `dependent.rake`:

dependent.rake

```
1  require "open3"
2
3  task default: "files:list"
4
5  FILEMASK = "*.txt"
6  ZIPFILE  = "rake.zip"
7
8  namespace :files do
9    desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
```



```
10 task :list do
11   Dir.glob(FILEMASK) do |file|
12     puts "encontrei o arquivo: #{file}"
13   end
14 end
15
16
17 namespace :zip do
18   desc "Lista os arquivos compactados"
19   task :list do
20     Dir.glob(ZIPFILE) do |file|
21       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
22     end
23   end
24
25   desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
26   task :clean do
27     puts "Apagando o arquivo #{ZIPFILE}, se existir ..."
28     File.delete(ZIPFILE) if File.exists?(ZIPFILE)
29   end
30
31   desc "Cria o arquivo .zip"
32   task build: :clean do
33     puts "Criando o arquivo #{ZIPFILE} ..."
34     list = Dir.glob(FILEMASK).sort.join(", ")
35     puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."
36     stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{ZIPFILE} #{list}")
37     error = stderr.read
38     if error.size == 0
39       puts "Arquivo criado com sucesso."
40     else
41       puts "Erro criando o arquivo: #{error}"
42     end
43   end
44 end
```

O que nos dá comportamento similar:

```
1  $ rake -f dependent.rake -T
2  rake files:list  # Lista os arquivos candidatos à compactação
3  rake zip:build   # Cria o arquivo .zip
4  rake zip:clean   # Apaga o arquivo .zip anterior
5  rake zip:list    # Lista os arquivos compactados
6
7  $ rake -f dependent.rake zip:build
8  Apagando o arquivo rake.zip, se existir ...
9  Criando o arquivo rake.zip ...
10 Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
11 Arquivo criado com sucesso.
```

Tarefas com nomes de arquivo

Podemos definir uma *task* de arquivo, que somente vai ser executada se o arquivo não existir. Vamos criar uma chamada `rake.zip`, que vai executar, através de `invoke`, como vimos acima, a *task* `build`:

Rakefile

```
1  require "open3"
2
3  task default: "files:list"
4
5  filemask = "*.txt"
6  zipfile  = "rake.zip"
7
8  namespace :files do
9    desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
10   task :list do
11     Dir.glob(filemask) do |file|
12       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
13     end
14   end
15 end
16
17 namespace :zip do
18   desc "Lista os arquivos compactados"
19   task :list do
20     Dir.glob(zipfile) do |file|
21       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
22     end
23   end
24
25   desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
26   task :clean do
```

```
27     puts "Apagando o arquivo #{zipfile}, se existir ..."  
28     File.delete(zipfile) if File.exists?(zipfile)  
29 end  
30  
31 desc "Cria o arquivo .zip"  
32 task build: :clean do  
33     puts "Criando o arquivo #{zipfile} ..."  
34     list = Dir.glob(filemask).sort.join(", ")  
35     puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."  
36     stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{zipfile} #{list}")  
37     error = stderr.read  
38     if error.size == 0  
39         puts "Arquivo criado com sucesso."  
40     else  
41         puts "Erro criando o arquivo: #{error}"  
42     end  
43 end  
44  
45 desc "Cria o arquivo rake.zip se não estiver criado"  
46 file "rake.zip" do  
47     Rake::Task["zip:build"].invoke  
48 end  
49 end
```

Apagando o arquivo, rodando e verificando que da segunda vez a *task* não foi executada:

```
1  $ rm rake.zip  
2  
3  $ rake rake.zip  
4  Apagando o arquivo rake.zip, se existir ...  
5  Criando o arquivo rake.zip ...  
6  Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...  
7  Arquivo criado com sucesso.  
8  
9  $ rake rake.zip
```

Tarefas com listas de arquivos

Vimos que utilizamos `Dir.glob` para pegar a lista de arquivos, mas o próprio rake tem um método para selecionar e lidar com arquivos e nome de arquivos. Vamos adicionar alguns arquivos `*.txt` com nomes de letras (`a.txt`, `b.txt`, etc) e reescrever nosso `Rakefile` para:

Rakefile

```
1 require "open3"
2
3 task default: "files:list"
4
5 filemask = "*.txt"
6 zipfile = "rake.zip"
7
8 namespace :files do
9   desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
10  task :list do
11    Dir.glob(filemask) do |file|
12      puts "encontrei o arquivo: #{file}"
13    end
14  end
15 end
16
17 namespace :zip do
18   desc "Lista os arquivos compactados"
19   task :list do
20     Dir.glob(zipfile) do |file|
21       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
22     end
23   end
24
25   desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
26   task :clean do
27     puts "Apagando o arquivo #{zipfile}, se existir ..."
28     File.delete(zipfile) if File.exists?(zipfile)
29   end
30
31   desc "Cria o arquivo .zip"
32   task build: :clean do
33     puts "Criando o arquivo #{zipfile} ..."
34     list = Rake::FileList[filemask]
35     list.exclude(/\A[a-zA-Z]+\/)
36     list = list.sort.join(", ")
37
38     puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."
39     stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{zipfile} #{list}")
40     error = stderr.read
41     if error.size == 0
42       puts "Arquivo criado com sucesso."
43     else
44       puts "Erro criando o arquivo: #{error}"
45     end
46   end
47 end
```

```
45     end
46   end
47
48   desc "Cria o arquivo rake.zip se não estiver criado"
49   file "rake.zip" do
50     Rake::Task["zip:build"].invoke
51   end
52 end
```

Dessa forma pedimos para excluir os arquivos que começam com letras (e mantenha os restantes) e quando rodamos temos:

```
1  $ rake zip:build
2  Apagando o arquivo rake.zip, se existir ...
3  Criando o arquivo rake.zip ...
4  Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
5  Arquivo criado com sucesso.
```

Regras

Podemos ter regras de construção definidas através de expressões regulares, onde vai ser enviado o valor que “casa” com a expressão, através de um objeto do tipo `Rake::FileTask`:

Rakefile

```
1  require "open3"
2
3  task default: "files:list"
4
5  filemask = "*.txt"
6  zipfile  = "rake.zip"
7
8  namespace :files do
9    desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
10   task :list do
11     Dir.glob(filemask) do |file|
12       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
13     end
14   end
15 end
16
17 namespace :zip do
18   desc "Lista os arquivos compactados"
19   task :list do
20     Dir.glob(zipfile) do |file|
```

```
21     puts "encontrei o arquivo: #{file}"
22   end
23 end
24
25 desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
26 task :clean do
27   puts "Apagando o arquivo #{zipfile}, se existir ..."
28   File.delete(zipfile) if File.exists?(zipfile)
29 end
30
31 desc "Cria o arquivo .zip"
32 task build: :clean do
33   puts "Criando o arquivo #{zipfile} ..."
34   list = Rake::FileList[filemask]
35   list.exclude(/\A[a-zA-Z]+\/)
36   list = list.sort.join(", ")
37
38   puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."
39   stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{zipfile} #{list}")
40   error = stderr.read
41   if error.size == 0
42     puts "Arquivo criado com sucesso."
43   else
44     puts "Erro criando o arquivo: #{error}"
45   end
46 end
47
48 desc "Cria o arquivo rake.zip se não estiver criado"
49 file "rake.zip" do
50   Rake::Task["zip:build"].invoke
51 end
52
53 desc "Cria o arquivo"
54 rule ".zip" do |file|
55   zipfile = file.name
56   Rake::Task["zip:build"].invoke
57 end
58 end
```

Rodando:

```
1  $ rake teste1.zip
2  Apagando o arquivo teste1.zip, se existir ...
3  Criando o arquivo teste1.zip ...
4  Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
5  Arquivo criado com sucesso.
6
7  $ rake teste2.zip
8  Apagando o arquivo teste2.zip, se existir ...
9  Criando o arquivo teste2.zip ...
10 Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
11 Arquivo criado com sucesso.
```

Estendendo

Lembram-se que se definirmos uma tarefa com o mesmo nome todas elas são executadas? Também podemos deixar esse comportamento mais explícito com `enhance`, que vai ser executado no final da tarefa que foi estendida:

Rakefile

```
1  require "open3"
2  require "fileutils"
3
4  task default: "files:list"
5
6  filemask = "*.txt"
7  zipfile  = "rake.zip"
8
9  namespace :files do
10   desc "Lista os arquivos candidatos à compactação"
11   task :list do
12     Dir.glob(filemask) do |file|
13       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
14     end
15   end
16 end
17
18 namespace :zip do
19   desc "Lista os arquivos compactados"
20   task :list do
21     Dir.glob(zipfile) do |file|
22       puts "encontrei o arquivo: #{file}"
23     end
24   end
25
26   desc "Apaga o arquivo .zip anterior"
```

```
27 task :clean do
28   puts "Apagando o arquivo #{zipfile}, se existir ..."
29   File.delete(zipfile) if File.exists?(zipfile)
30 end
31
32 desc "Cria o arquivo .zip"
33 task build: :clean do
34   puts "Criando o arquivo #{zipfile} ..."
35   list = Rake::FileList[filemask]
36   list.exclude(/\A[a-zA-Z]+)/
37   list = list.sort.join(", ")
38
39   puts "Adicionando os arquivos #{list} ..."
40   stdin, stdout, stderr = Open3.popen3("zip #{zipfile} #{list}")
41   error = stderr.read
42   if error.size == 0
43     puts "Arquivo criado com sucesso."
44   else
45     puts "Erro criando o arquivo: #{error}"
46   end
47 end
48
49 desc "Cria o arquivo rake.zip se não estiver criado"
50 file "rake.zip" do
51   Rake::Task["zip:build"].invoke
52 end
53
54 desc "Cria o arquivo"
55 rule ".zip" do |file|
56   zipfile = file.name
57   Rake::Task["zip:build"].invoke
58 end
59
60 Rake::Task["zip:build"].enhance do
61   newfile = "rake.#{Time.now.strftime('%H%M%S')}.zip"
62   puts "Renomeando para #{newfile} ..."
63   FileUtils.mv zipfile, newfile
64 end
65 end
```

Rodando:


```
1  $ rake zip:build
2  Apagando o arquivo rake.zip, se existir ...
3  Criando o arquivo rake.zip ...
4  Adicionando os arquivos 1.txt, 2.txt, 3.txt ...
5  Arquivo criado com sucesso.
6  Renomeando para rake.160626.zip ...
```

Gerando documentação

Vamos ver como podemos documentar o nosso código utilizando o `rdoc`, que é uma aplicação que gera documentação para um ou vários arquivos com código fonte em Ruby, interpretando o código e extraindo as definições de classes, módulos e métodos. Vamos fazer um arquivo com um pouco de código, usando nossos exemplos de carros:

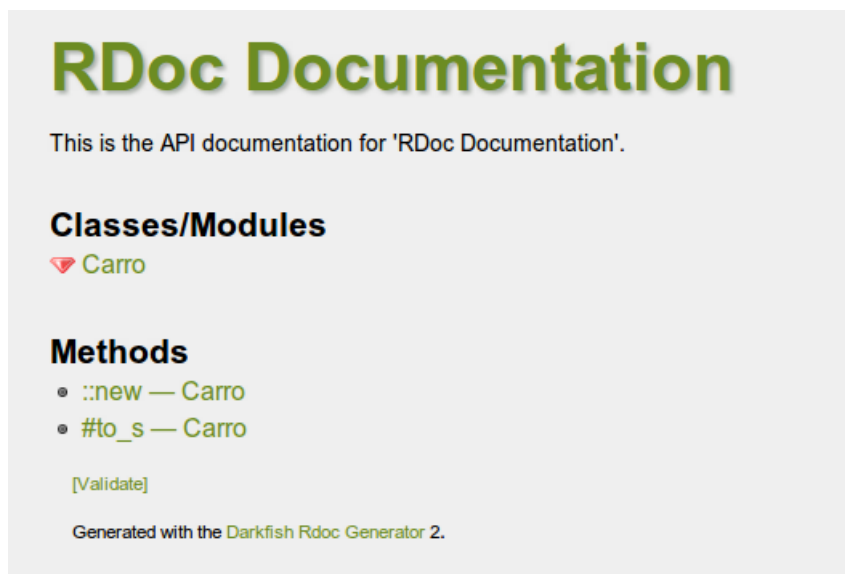
`carro.rb`

```
1  # Essa é a classe base para todos os carros que vamos
2  # criar no nosso programa. A partir dela criamos carros
3  # de marcas específicas.
4  #
5  # Autor:: Eustáquio 'TaQ' Rangel
6  # Licença:: GPL
7  class Carro
8      attr_reader :marca, :modelo, :tanque
9      attr_accessor :cor
10
11     # Parâmetros obrigatórios para criar o carro
12     # Não se esqueça de que todo carro vai ter os custos de:
13     # * IPVA
14     # * Seguro obrigatório
15     # * Seguro
16     # * Manutenção
17     def initialize(marca, modelo, cor, tanque)
18         @marca = marca
19         @modelo = modelo
20         @cor = cor
21         @tanque = tanque
22     end
23
24     # Converte o carro em uma representação mais legível
25     def to_s
26         "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
27     end
28 end
```

Agora vamos rodar o `rdoc` nesse arquivo:

```
1 $ rdoc carro.rb
2 Parsing sources...
3 100% [ 1/ 1] carro.rb
4 Generating Darkfish format into doc...
5 Files: 1
6 Classes: 1
7 Modules: 0
8 Constants: 0
9 Attributes: 4
10 Methods: 2
11 (0 undocumented)
12 (0 undocumented)
13 (0 undocumented)
14 (4 undocumented)
15 (0 undocumented)
16
17 Total: 7 (4 undocumented)
18 42.86% documented
19 Elapsed: 0.1s
```

Isso vai produzir um diretório chamado `doc` abaixo do diretório atual, que vai conter um arquivo `index.html` com um conteúdo como esse:



Conteúdo do `index.html`

Clicando no link da classe `Carro`, vamos ter algo como:

Carro

Essa é a classe base para todos os carros que vamos criar no nosso programa. A partir dela criamos carros de marcas específicas.

Autor Eustáquio 'TaQ' Rangel

Licença GPL

Attributes

- marca^[R]
- modelo^[R]
- tanque^[R]
- cor^[RW]

Public Class Methods

new(marca, modelo, cor, tanque)

Parâmetros obrigatórios para criar o carro Não se esqueça de que todo carro vai ter os custos de:

- IPVA
- Seguro obrigatório
- Seguro
- Manutenção

Public Instance Methods

to_s()

Converte o carro em uma representação mais legível

Classe Carro

Pudemos ver algumas convenções para escrever a documentação. Os comentários são utilizados como as descrições das classes, módulos ou métodos. Podemos reparar que, se clicarmos no nome de algum método, o código-fonte desse método é mostrado logo abaixo, como em:

to_s()

Converte o carro em uma representação mais legível

```
# File carro.rb, line 25
def to_s
  "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
end
```

Código fonte do método



Dica

Um detalhe muito importante é que se precisarmos gerar a documentação novamente sem alterar os fontes, devemos apagar o diretório onde ela foi gerada antes de rodar o `rdoc` novamente.

Algumas outras dicas de formatação:

- Texto do tipo *labeled lists*, que são listas com o suas descrições alinhadas, como no caso do autor e da licença do exemplo, são criados utilizando o valor e logo em seguida 2 dois pontos (: :), seguido da descrição.
- Listas de *bullets* são criadas usando asterisco (*) ou hífen (-) no começo da linha.

- Para listas ordenadas, temos que usar o número do item da lista seguido por um ponto (.).
- Cabeçalhos são gerados usando = para determinar o nível do cabeçalho, como:

```
1    = Primeiro nível
2    == Segundo nível
```

- Linhas podem ser inseridas usando três ou mais hifens.
- Negrito pode ser criado usando asteriscos (*) em volta do texto, como em **negrito**,
- Itálico pode ser criado com sublinhados (.) em volta do texto
- Fonte de tamanho fixo entre sinais de mais (+)
- Hyperlinks começando com `http:`, `mailto:`, `ftp:` e `www` são automaticamente convertidos. Também podemos usar o formato `texto[url]`.
- Nomes de classes, arquivos de código fonte, e métodos tem links criados do texto dos comentários para a sua descrição.

O processamento dos comentários podem ser interrompido utilizando – e retornado utilizando ++. Isso é muito útil para comentários que não devem aparecer na documentação.

Vamos ver nosso exemplo incrementado com todas essas opções e mais um arquivo novo, uma classe filha de Carro chamada Fusca, separando os dois arquivos em um diretório para não misturar com o restante do nosso código:

carro.rb

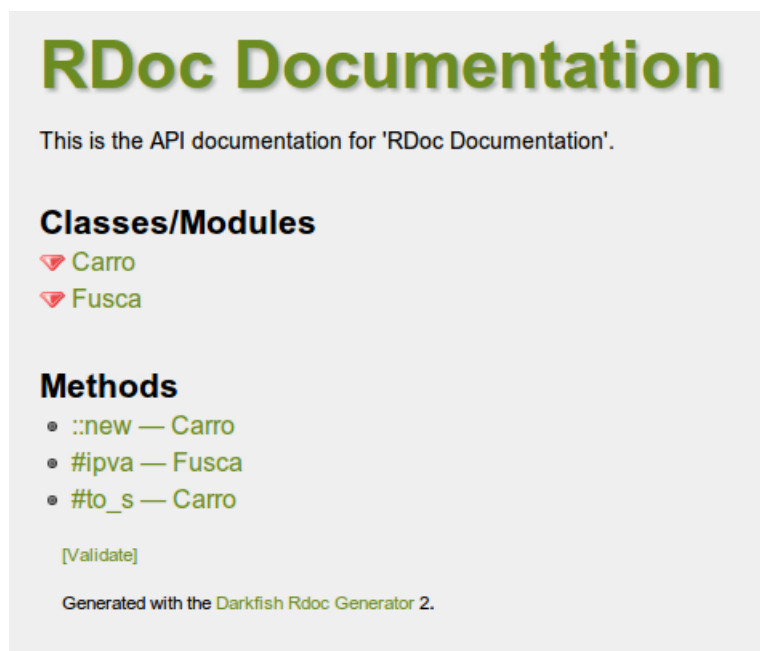
```
1  # = Classe
2  # Essa é a classe base para *todos* os carros que vamos
3  # criar no nosso programa. A partir dela criamos carros
4  # de _marcas_ específicas. Verique o método to_s dessa
5  # classe Carro para uma descrição mais legível.
6  # ---
7  #
8  # == Sobre o autor e licença
9  #
10 # Autor:: Eustáquio 'TaQ' Rangel
11 # Website:: http://eustaquiorangel.com
12 # Email:: mailto:naoteconto@eustaquiorangel.com
13 # Licença:: +GPL+ Clique aqui para ver mais[http://www.fsf.org]
14 #--
15 # Ei, ninguém deve ler isso.
16 #++
17 # Obrigado pela preferência.
18 class Carro
19   attr_reader :marca, :modelo, :tanque
20   attr_accessor :cor
21
22   # Parâmetros obrigatórios para criar o carro
23   # Não se esqueça de que todo carro vai ter os custos de:
```

```
24  # * IPVA
25  # * Seguro obrigatório
26  # * Seguro
27  # * Manutenção
28  def initialize(marca,modelo,cor,tanque)
29    @marca = marca
30    @modelo = modelo
31    @cor = cor
32    @tanque = tanque
33  end
34
35  # Converte o carro em uma representação mais legível
36  def to_s
37    "Marca:#{@marca} Modelo:#{@modelo} Cor:#{@cor} Tanque:#{@tanque}"
38  end
39 end
40
41 # Classe de um _vokinho_, derivada da classe Carro.
42 class Fusca < Carro
43   def ipva
44     false
45   end
46 end
```

Rodando o rdoc (prestem atenção que agora não especifico o arquivo):

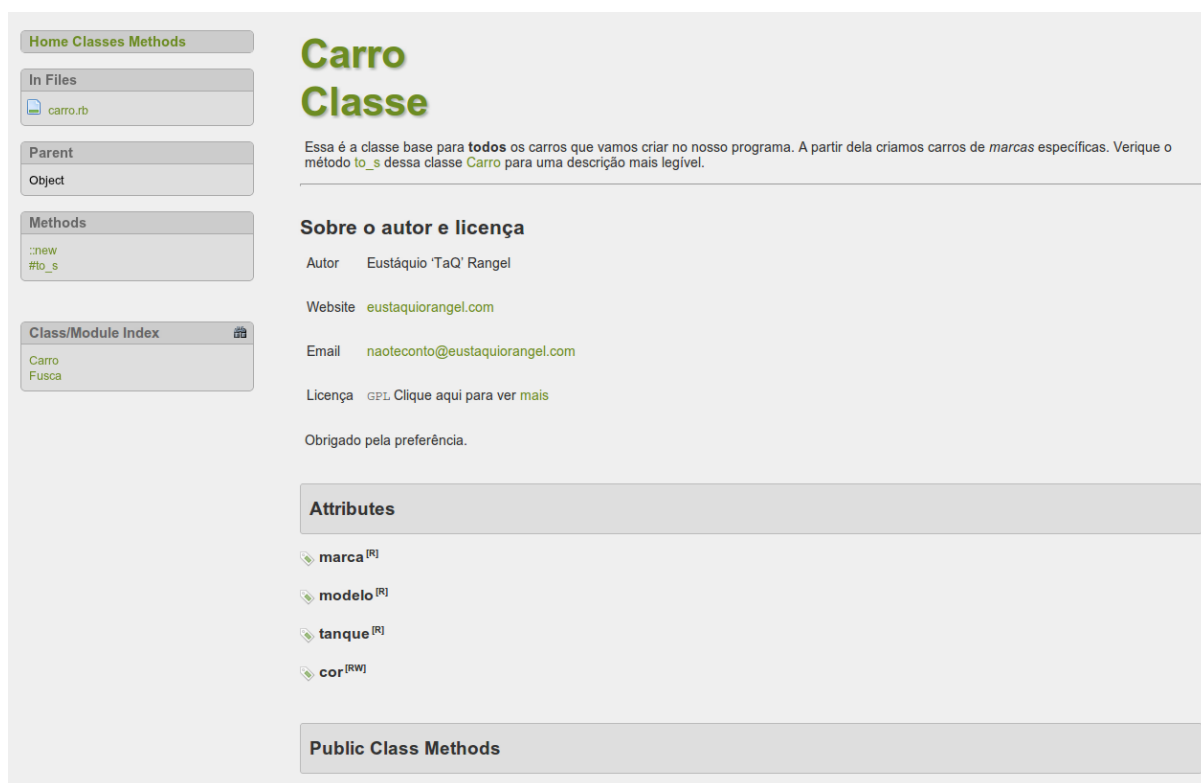
```
1  $ rdoc
2  Parsing sources...
3  100% [ 2/ 2] fusca.rb
4  Generating Darkfish format into /home/taq/git/curso-ruby-rails/code/rdoc/doc.\
5  ..
6  Files: 2
7  Classes: 2
8  Modules: 0
9  Constants: 0
10 Attributes: 4
11 Methods: 3
12 (0 undocumented)
13 (0 undocumented)
14 (0 undocumented)
15 (4 undocumented)
16 (1 undocumented)
17 Total:
18 9 (5 undocumented)
19 44.44% documented
20 Elapsed: 0.1s
```

Vamos ter um resultado como esse:



The screenshot shows a web page titled "RDoc Documentation" in a large, bold, green font. Below the title, it says "This is the API documentation for 'RDoc Documentation'." There are two sections: "Classes/Modules" and "Methods". Under "Classes/Modules", there are two entries: "Carro" and "Fusca", each preceded by a small red heart icon. Under "Methods", there are three entries: "::new — Carro", "#ipva — Fusca", and "#to_s — Carro". At the bottom, there is a link "[Validate]" and a footer that says "Generated with the Darkfish Rdoc Generator 2."

Classes e métodos



The screenshot shows a detailed documentation page for the "Carro" class. On the left, there is a sidebar with navigation links: "Home Classes Methods", "In Files" (with a link to "carro.rb"), "Parent" (with a link to "Object"), "Methods" (with links to "::new" and "#to_s"), and "Class/Module Index" (with links to "Carro" and "Fusca"). The main content area has the title "Carro Classe" in a large, bold, green font. Below the title, there is a paragraph explaining that this is a base class for all cars in the program and that it has specific methods like "to_s". There is a section "Sobre o autor e licença" with information about the author (Eustáquio 'TaQ' Rangel), website (eustaquiorangel.com), email (naoteconto@eustaquiorangel.com), and license (GPL). Below this, there is a section "Attributes" with a list of attributes: "marca", "modelo", "tanque", and "cor", each with a small icon and a reference number in brackets. At the bottom, there is a section "Public Class Methods".

Classe Carro



Novidades em Ruby 2.0

Agora o Rdoc entende [Markdown](#)⁶⁴. Para utilizar, devemos executar:

```
1      rdoc --markup markdown
```

E podemos deixar no diretório do projeto em um arquivo chamado `.doc_options`, para não ter que repetir toda vez, utilizando

```
1      rdoc --markup markdown --write-options
```

⁶⁴<http://daringfireball.net/projects/markdown/syntax>

Desafios

Desafio 1

A atribuição em paralelo mostra que primeiro o **lado direito da expressão de atribuição** é avaliado (ou seja, tudo à direita do sinal de igual) e somente após isso, os resultados são enviados para a esquerda, “encaixando” nos devidos locais, dessa maneira:

```
1 > x, y = 1, 2
2 > y, x = x, y
3 > x
4 => 2
5 > y
6 => 1
```

Desafio 2

Cada elemento da Hash é convertido em um Array para ser comparado. Por isso que podemos utilizar algo como `elemento1[1]`, onde no caso do primeiro elemento, vai ser convertido em `[:joao, 33]`.

Desafio 3

Se você criou algo como:

```
1 > v1 = "oi mundo"
2 > v2 = Carro.new
3 > v3 = 1
```

Isso significa que `v3` não vai apresentar a mensagem pois um `Fixnum` não aloca espaço na memória, que consequentemente não é processado pelo *garbage collector*.

Desafio 4

O código que utilizou `threads` manteve a sincronia da variável `res`, indicando no final a ordem em que foram terminando. O código que utilizou `processes`, não.

Desafio 5

Podemos atingir o mesmo comportamento usando Hash dessa forma:

```
1 str =<<FIM
2 texto para mostrar como podemos separar palavras do texto
3 para estatística de quantas vezes as palavras se repetem no
4 texto
5 FIM
6
7 p str.scan(/\w\p{Latin}+)/.reduce(Hash.new(0)) { |memo, word| memo[word] += 1\
8 ; memo }
```

Desafio 6

Seguindo a [URL da documentação do método pack⁶⁵](#) e analisando LA10A*, encontramos:

- L | Integer | 32-bit unsigned, native endian (uint32_t)
- A | String | arbitrary binary string (space padded, count is width)
- If the count is an asterisk (“*”), all remaining array elements will be converted.

Ou seja, estamos enviando um **inteiro (Fixnum)** (L), seguido de uma String com tamanho 10 (A10), seguido de uma String sem tamanho definido (A*), assumindo o resto dos *bytes*, que é o resultado do uso de Marshal na Hash. Mais informações na [URL da documentação de unpack⁶⁶](#)

Desafio 7

Aqui foi utilizado alguns recursos de shell scripting. O arquivo necessário é chamado `jruby.jar`, e está gravado em algum lugar abaixo do diretório home do usuário (que podemos abreviar como `~`, no meu caso toda vez que utilizo `~` é entendido como `/home/taq/`), então utilizamos `find ~ -iname 'jruby.jar'` para encontrá-lo.

Como esse comando está contido entre `$()`, o seu resultado já é automaticamente inserido no local, deixando a `CLASSPATH` como o *path* encontrado, o diretório local e o que já havia nela.

⁶⁵<http://ruby-doc.org/core/classes/Array.htmlM000206>

⁶⁶<http://ruby-doc.org/core/classes/String.htmlM001112>